GRÁTIS! EXCLUSIVO! FLEXIDISC DO NEW ORDER!

BIZZ

TITÃS

PIPOCAM AS DIVERGÊNCIAS

ROXY MUSIC:
A HISTÓRIA, PARTE I

EXCLUSIVO:
STAN LEE, UM MONSTRO DOS QUADRINHOS

HEAVY METAL
ANTHRAX

A FORÇA DO SANGUE NOVO

U2

VOLTANDO COM TUDO

MARVIN GAYE • PRINCE • RPM • CAZUZA • GUETO • DE FALLA • JETHRO TULL

Duranduran

BIG THING

duran

NOVO LP

EMI

SHOW BIZZ

O CASAMENTO DE BOB SMITH

Bob e Mary: just like heaven?

Quem ainda duvidava da existência da tão comentada **Mary** — a namorada de **Robert Smith** desde os tempos de colégio — agora vai ter que dar o braço a torcer. No último dia 13 de agosto, os dois *lovecats* uniram-se oficialmente em cerimônia realizada na igreja de Worth Abbey, Sussex, na Inglaterra. Bob e Mary (Poole é o sobrenome dela) consolidaram assim uma união que já durava cerca de quinze anos — de acordo com o próprio vocalista do Cure.

MONSTRUOSIDADES NO ROCK

Terminou em tragédia o festival *Monstros do Rock*, realizado anualmente em Donington, Inglaterra. Duas pessoas morreram e outra ficou gravemente ferida, pisoteada pela multidão que assistia à apresentação do **Guns'n'Roses**. Uma testemunha declarou ter visto Alan Dick, uma das vítimas fatais, ser pisoteado durante 10 minutos. Os organizadores referiram-se ao fato como um acidente, afirmando que a segurança no local era "adequada". Um total aproximado de 107 mil pessoas assistiu ainda às apresentações de **Dave Lee Roth**, **Megadeth** e **Iron Maiden**. É a primeira vez que um incidente desse tipo acontece no festival, que se realiza há nove anos.

VÍRUS DERRUBA MICK JONES

Jones: uma nuvem paira sobre sua cabeça

Mick Jones, do **Big Audio Dynamite**, teve de cancelar sua turnê pela Europa e Estados Unidos depois de contrair pneumonia. Ele tinha pegado recentemente sarampo de sua filha Lauren, de quatro anos. De acordo com um assessor de imprensa da banda, ele vai ficar no estaleiro "pelo menos por alguns meses".

Um fantasma ronda os EUA...

ELVIS ESTÁ VIVO????

Elvis Presley, como todo mundo sabe, morreu no dia 8 de agosto de 77. Mesmo assim, seu fantasma parece circular com desenvoltura pelos EUA, onde ele teria sido visto por pessoas em 40 dos 50 estados americanos. As aparições coincidem com o lançamento do best-seller **Is Elvis Alive?**, que pretende jogar muitas dúvidas sobre o falecimento do rapaz de Tupelo, Tennessee. Tem até gente que alega ter recebido telefonemas do rei. Eu, hein? Enquanto isso, ele continua o campeão absoluto das jukeboxes (aquelas maquininhas de tocar música), com **Hound Dog**, de 56, e um seu amigo de infância, o ex-piloto de aviação Edwin Leek, afirma ter achado uma gravação sua de 53. É um compacto com "Happiness" e "That's When Your Heartaches Begin". Ele pede 250 mil dólares pela bolachinha.

BON JOVI EXCURSIONA COM LITA FORD

Jon Bon Jovi: homenagem à terra natal

New Jersey é o nome do novo álbum do **Bon Jovi**, que prepara para o final do ano uma turnê ao lado de **Lita Ford** ⊗ O grupo de heavy **Celtic Frost** está com nova formação: **Oliver Amberg** (guitarra), **Curt Victor Bryant** (baixo), e **Steve Priestly** (bateria), além de **Tom Warrior** (vocais), único remanescente da *line-up* anterior ⊗ **Dee Snider** (ex-**Twisted Sister**) recrutou **Clive Burr** (ex-baterista do **Iron Maiden**) para a banda que o acompanhará no seu primeiro trabalho solo, ainda sem prazo de lançamento ⊗ **John Sloman** (ex-**Uriah Heep**) está lançando seu primeiro disco solo. Chama-se *Perfect Stranger*.

OS SINGLES VÃO ACABAR?

Ao que tudo indica, os singles — que nunca tiveram força por aqui — têm pouco tempo de vida na indústria internacional do disco, hoje povoada por CDs e fitas digitais. Segundo a *Rolling Stone*, as vendas dos singles de sete polegadas e 45 rpm (seu formato mais comum) caíram de 228 milhões em 73 para 82 milhões no ano passado. Na tentativa de encontrar um substituto à altura, as gravadoras têm testado diferentes alternativas. É o caso da CBS, que lançou o single "Monkey", de George Michael em 6 (!!!) versões diferentes, incluindo duas gravações em CD. Para alguns empresários do mundo do disco, porém, o que está em jogo não é o fim dos singles, e sim o fim do velho e ultrapassado vinil.

TOM WAITS VOLTA ÀS TELAS

Os anos selvagens de Waits, agora nas telas...

Estreou no festival de Edinburgo, Inglaterra, no final de agosto, o filme *Big Time*, dirigido por Chris Blum, feito durante concertos de **Tom Waits** pela Califórnia, quando ele fazia a promoção de seu LP *Frank's Wild Years*. A trilha do filme foi lançada lá fora em setembro. ⊗ A banda inglesa **Pop Will Eat Itself** foi incluída pelo diretor e ator **Dan Aykroyd** na trilha sonora da sequência de *The Blues Brothers* (lançado aqui com o ridículo título de *Os Irmãos Cara de Paul*. A música é a versão feita pela banda de "Beaver Patrol".

ELDORADO CONTRATA BRASILEIROS

Ratos de Porão: novos horizontes, dentro da estrutura de uma grande gravadora

O selo Eldorado ataca agora o mercado brasileiro. Os recém-contratados são: **Ratos de Porão**, **Joelho de Porco** e **Blues Etílico**, além de quatro bandas de hip hop brasileiras — que saem, inicialmente, numa coletânea. São elas: **Credo**, **Código 13**, **Thaíde** e **Mc Jack e DJ Ninja**.

O Joelho de Porco volta com o idealizador Tico Terpins (guitarra), Zé Rodrix (teclados e vocais), Próspero Albanese (vocais) e David Zingg (baixo). Na bateria, vários convidados. Blues Etílico é uma banda de blues do Rio de Janeiro que já tinha lançado, em 87, um LP pelo selo independente Satisfaction. As bandas de hip hop são todas de São Paulo e já frequentam o circuito maldito da cidade há mais de um ano.

UM VINIL INTOCÁVEL

Costner, lutando por um espaço no mundo do disco

Já saiu o primeiro LP de **Kevin Costner**. O intocável resolveu se aventurar na indústria do disco — tomando, porém, as devidas precauções. *Roving Boy* foi lançado apenas no Japão, onde chegou ao segundo lugar nas paradas. Não se sabe ainda se o vinil chegará ao mercado norte-americano ⊗ Quem também anda transitando das telas para o vinil é **Gregory Hines** (que contracenou com Baryshnikov em *O Sol da Meia-Noite*). Seu primeiro álbum chama-se apenas *Gregory Hines* ⊗ **Elton John** co-produz o novo disco de **Olivia Newton-John**, *The Rumour*.

GATO DO A-HA CHEGA ÀS TELAS

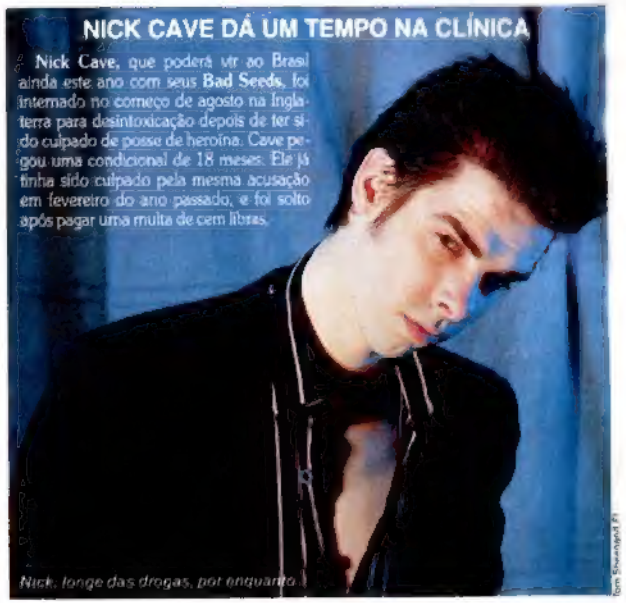
VEA

Morten (à direita): estréia no cinema

Morten Harket casou-se com a filha de um rico fazendeiro norueguês. Não precisa arrancar os cabelos: trata-se apenas do enredo do filme *Kamilla and the Thief*, lançado recentemente na terra natal dos garotos do **A-ha**. O filme tem produção norueguesa e dificilmente ultrapassará as fronteiras da Escandinávia. Segundo Harket, seu papel é consideravelmente pequeno — embora cante no filme ⊗ A música "Strawberry Fields Forever" servirá de base para um filme de animação produzido e dirigido por Al Brondax (que já trabalhara no roteiro de *Yellow Submarine*). A trilha sonora terá covers dos **Beatles** interpretadas por **Michael Jackson**, **Cyndi Lauper** e **Stevie Ray Vaughan**, entre outros.

NICK CAVE DÁ UM TEMPO NA CLÍNICA

Nick Cave, que poderá vir ao Brasil ainda este ano com seus **Bad Seeds**, foi internado no começo de agosto na Inglaterra para desintoxicação depois de ter sido culpado de posse de heroína. Cave pegou uma condicional de 18 meses. Ele já tinha sido culpado pela mesma acusação em fevereiro do ano passado, e foi solto após pagar uma multa de cem libras.



Tom Sheehan/LFI

Nick, longe das drogas, por enquanto

POP AFRICANO NA TV BRASILEIRA

Depois de escrever um livro sobre os bailes funk do subúrbio do Rio de Janeiro — *O Mundo Funk Carioca*, lançado recentemente —, o antropólogo Hermano Vianna prepara novo projeto envolvendo música e comportamento. Trata-se da série *African Pop*: cinco programas de uma hora de duração cada, com provável exibição em dezembro deste ano por uma rede de televisão. A produção é da Metavideo, a direção fica a cargo de Belisário Franca e coube a Hermano o roteiro e as entrevistas. Foram sete semanas no exterior, com uma equipe de oito pessoas, passando por Lagos, na Nigéria; Kinshasa, no Zaire; Dakar, no Senegal; e Paris, onde há muitas gravadoras interessadas em música africana, além de vários músicos da África do Sul e Etiópia, que moram ou vão para lá fazer shows.

TUMULTO NO SHOW DE MICHAEL

Terminou mal a fase européia da turnê mundial de Michael Jackson. Mais de três mil pessoas ficaram feridas — uma delas gravemente — em conseqüência dos tumultos que aconteceram durante o show no hipódromo Aintree, em Liverpool. Os problemas começaram quando alguns milhares de pessoas sem ingressos tentaram derrubar uma cerca para ter acesso à apresentação, e pioraram depois que Michael subiu ao palco, fazendo com que o público — estimado em 125 mil — se comprimisse para vê-lo mais de perto. Antes do show, o cantor declarou ser esta a sua última apresentação na Inglaterra — ele pretende abandonar as turnês e se dedicar mais a sua carreira cinematográfica.

CBS

Michael: histeria coletiva em Liverpool

OUÇA ESSA

Lobão: "Musicalmente não existe. Deveria ser proibido."
Lulu Santos: "Ué, mas não é a mesma coisa que o Lobão"?
Titãs: "Não conheço."
Cazuza: "Sinto que ele tem algo de diferente dos roqueiros. É músico".
Hermeto Pascoal, em entrevista ao Caderno 2 (O Estado de São Paulo)

SAEM INÉDITAS DOS SEX PISTOLS

Johnny, pronto para ouvir Pistols em CD

Os **Sex Pistols** estão em alta novamente. Pelo menos é o que indica a série de lançamentos da banda de **Johnny Rotten** lá fora. São três as novidades registradas no vinil: *The Mini Album*, *Better Live than Dead* e *The Swindle Continues*. Todos eles cobrem a fase anterior à entrada de **Sid Vicious** — quando o baixista ainda era **Glen Matlock**. Há ainda uma biografia, de autoria de Lee Wodd, chamada *The Sex Pistols Diary: Sex Pistols Day By Day*. Completando o pacote, a Virgin inglesa relança o single histórico "Anarchy in the UK" — desta vez, em versão CD.

OUÇA ESSA

"Eu tive de gravar a música para não desagradar o cara. Mas achei que a letra cheirava mal."
Robert Palmer, depois de ter recebido a música "Lust You Always", de Prince.

ROY ORBISON EM ANTOLOGIA HISTÓRICA

Roy Orbison, cuja influência pegou quase todo mundo no rock, desde **Bruce Springsteen** a **Van Halen** (cujo primeiro hit single foi **"Oh, Pretty Woman"**), está tendo a parte mais importante de sua obra relançada pela Rhino Records (EUA), sob o título *For the Lonely: A Roy Orbison Anthology, 1956-1965*. A coletânea traz a seqüência de cinco hits de Orbison: **"Only the Lonely (Know How I Feel)"**, **"Running Scared"**, **"Crying"**, **"Dream Baby (How Long Must I Dream)"**, **"Mean Woman Blues"** e **"Oh, Pretty Baby"**.

SIMPLE MINDS EM ESTÚDIO

Ange Peeks

Jim Kerr: vivo, chutando e gravando novo LP

Quem está em estúdio preparando novo LP é a pessoal do **Simple Minds**. O vinil — que inclui "Mandela Day", executada por aqui nas rádios alternativas — sai em janeiro de 89 ⊗ Depois de dois anos longe dos estúdios, o **Bad Company** está de disco novo. Chama-se *Dangerous Age* ⊗ Está saindo lá fora um álbum duplo dos **Swans**. *Feel Good Now* é, na verdade, um disco pirata com trechos da sua turnê européia em 87. O lançamento foi autorizado por grupo e gravadora ⊗ O **Felt** lançou mais um LP. Chama-se *Train Above the City* ⊗ *Shaday* é o nome do novo álbum da cantora israelense **Ofra Haza** (que esteve por aqui no começo do ano).

EUROPE LANÇA LP

O **Europe** está com disco novo na praça. Chama-se *Out of This World* ⊗ O **Devo** quebrou um silêncio de quatro anos com o LP *Total Devo* ⊗ *Eden Alley* é o nome do novo álbum do grupo americano **Timbuk 3** ⊗ O tecladista **Harold Budd** lançou mais um LP, pelo selo Opal, de **Brian Eno**. O novo trabalho chama-se *The White Arcades*. ⊗ Saiu uma coletânea de mixes dos **Thompson Twins**: *Created Mixes: Best of Thompson Twins* ⊗ E uma boa notícia: já saiu, pela Devil Discos (SP) o LP *Miséria e Fome*, dos **Inocentes**. Trata-se do primeiro disco gravado pelo grupo, que não foi lançado na época (83) por ter sido inteiramente vetado pela Censura. O disco contém pérolas da primeira fase da banda, como "Polícia", "El Salvador" e a música-título. Uma boa pedida enquanto não vem o próximo LP, que, por sinal, será produzido por **Frejat**, do Barão Vermelho.

Europe de vinil novo: mais metal nas paradas

THE WHO GRAVA

O grupo **The Who** entra em estúdio no início do ano que vem para as gravações de um novo LP com músicas inéditas. Depois da longa separação — o último álbum do Who foi *It's Hard*, de 82 —, **Roger Daltrey**, **Pete Townshend**, **John Entwistle** e **Kenny Jones** estão juntos novamente compondo para o novo trabalho, que poderá ainda ser acompanhado por uma turnê. "Esperamos que soe como um verdadeiro disco do Who", declarou Roger Daltrey, acrescentando que o resultado final deverá conter composições de todo o grupo. O novo álbum é ainda parte das comemorações do 25.º aniversário da banda.

Phil Loftus/LFI

The Who: too old to rock'n'roll?

COVERS DO ZEPPELIN

Foi lançado pelo selo ILA (Independent Label Alliance), dos EUA, um álbum que não pode faltar na coleção de qualquer ledmaniaco que honre seus fundilhos: *The Song Remains the Same*, uma compilação de onze covers de clássicos do **Led Zeppelin**, gravadas por bandas de uma única região da Califórnia, Sacramento. "Black Dog" virou um rap nas mãos de Royal Mixxers e Konan Kelley. E quem assina a versão de "Good Times Bad Times" é um grupo chamado Dalai Lamas. Pode?

SEXO PELO CORREIO

Fabiana Figueiredo

Sexo: um pacote para os aficcionados

O **Sexo Explícito**, representativo grupo mineiro, está lançando, para quem quiser conferir, pacotes com fitas, camisetas, release e letras de música. Interessados podem escrever para R. Jaspe, 229 - Sta. Tereza, Belo Horizonte/MG, CEP 31010. Tel. 461-4483 (BH). A responsável pelo envio dos pedidos é a USR - Edição e Produção Ltda.

MILTON IN THE USA

Joseph A. Rosen/Retna

Simon realizando um velho sonho de Milton

Foram 43 shows, entre maio e agosto, numa turnê mundial que começou no Japão, percorreu praticamente toda a Europa e culminou com um show no Radio City Music Hall, em Nova York, para cerca de quatro mil pessoas. Nessa sua vitoriosa passagem pelo primeiro mundo, **Milton** aproveitou para realizar sonhos antigos, como as parcerias com **Sting** e **Paul Simon**. Nos Estados Unidos, o cantor participou ainda de um especial para a TV, tocando ao lado de **Pat Metheny** e **Buddy Williams**, além dos dois artistas citados acima. Após as gravações do novo LP, no final do ano, Milton pretende fazer uma turnê pela América Latina. E, se tudo der certo, o mineiro leva para Paris no ano que vem o espetáculo *Missa dos Quilombos*.

O TROCENTÉSIMO DISCO DOS BEATLES

Besame Mucho com os **Beatles**? Pois é. Está em *The Beatles — The Decca Sessions 1/1/62*, com **Pete Best** ainda na bateria. O selo Charly, da Inglaterra, representado aqui pela Brasidisc, briga na Justiça com **Paul McCartney**, **George Harrison** e **Yoko Ono** para lançar o LP. Os três não o acham digno de comercialização.

SANTANA REGRESSA COM TIME DOS 60

Divulgação/CBS

Santana: os anos 60 de volta, em disco e turnê

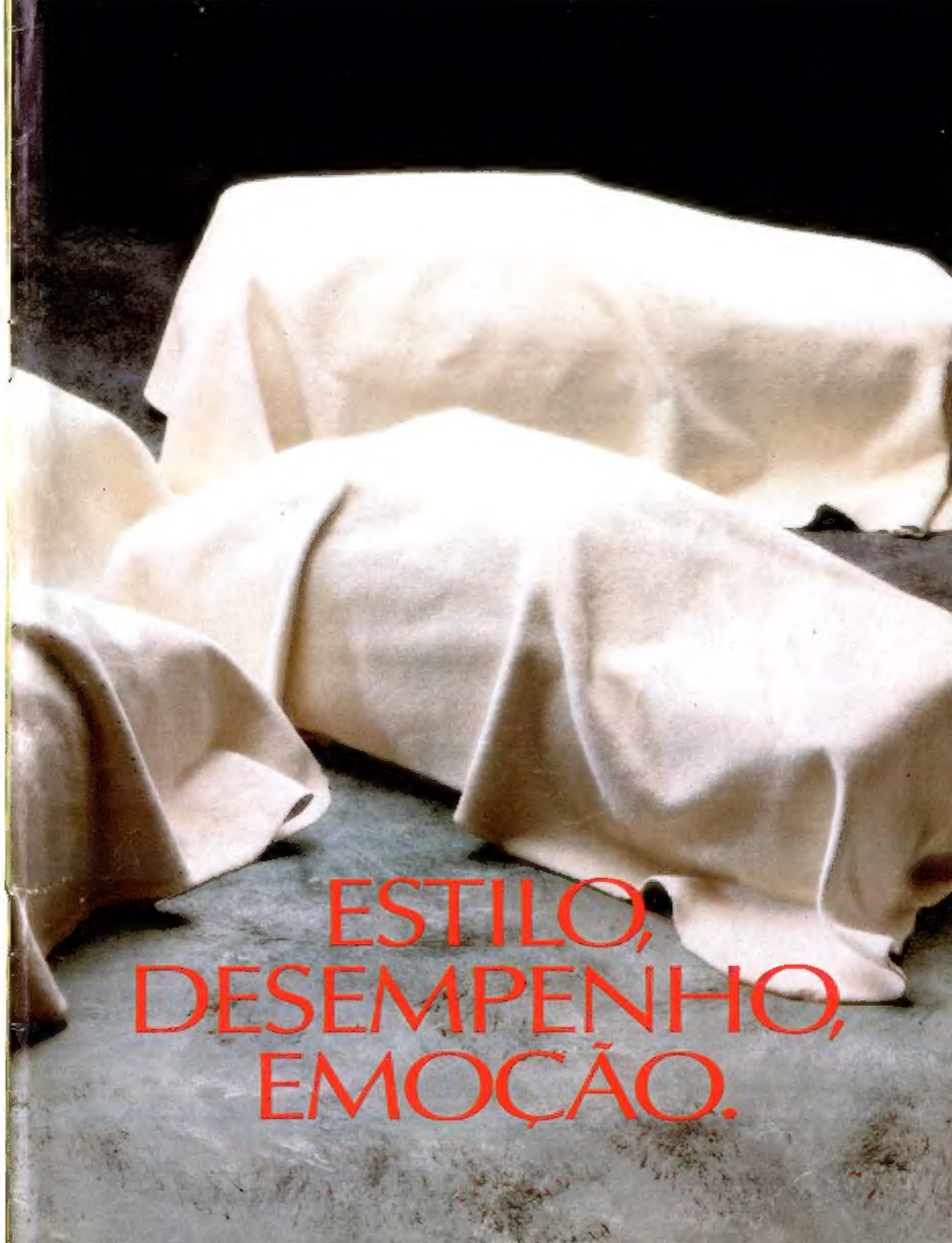
Como já mencionamos aqui, o **Jefferson Airplane** estaria disposto a decolar mais uma vez, com a formação original. E, também de São Francisco, brota outra reunião de uma banda seminal do rock sixties da região. O grupo de **Carlos Santana** está de volta com quase toda a formação original, ao mesmo tempo em que lança uma antologia da banda com três LPs lembrando duas décadas de atividades. Voltam a seus antigos postos o tecladista e vocalista Greg Rollie, o percussionista Chepito Areas e o superbaterista Michael Shrieve. A nova formação inclui o baixista Alphonse Johnson, o tecladista Chester Thompson e o percussionista veterano (com 76 anos) Armando Peraza. A banda está excursionando com o **Grateful Dead**.

Phil Loftus/Fl. US/PL

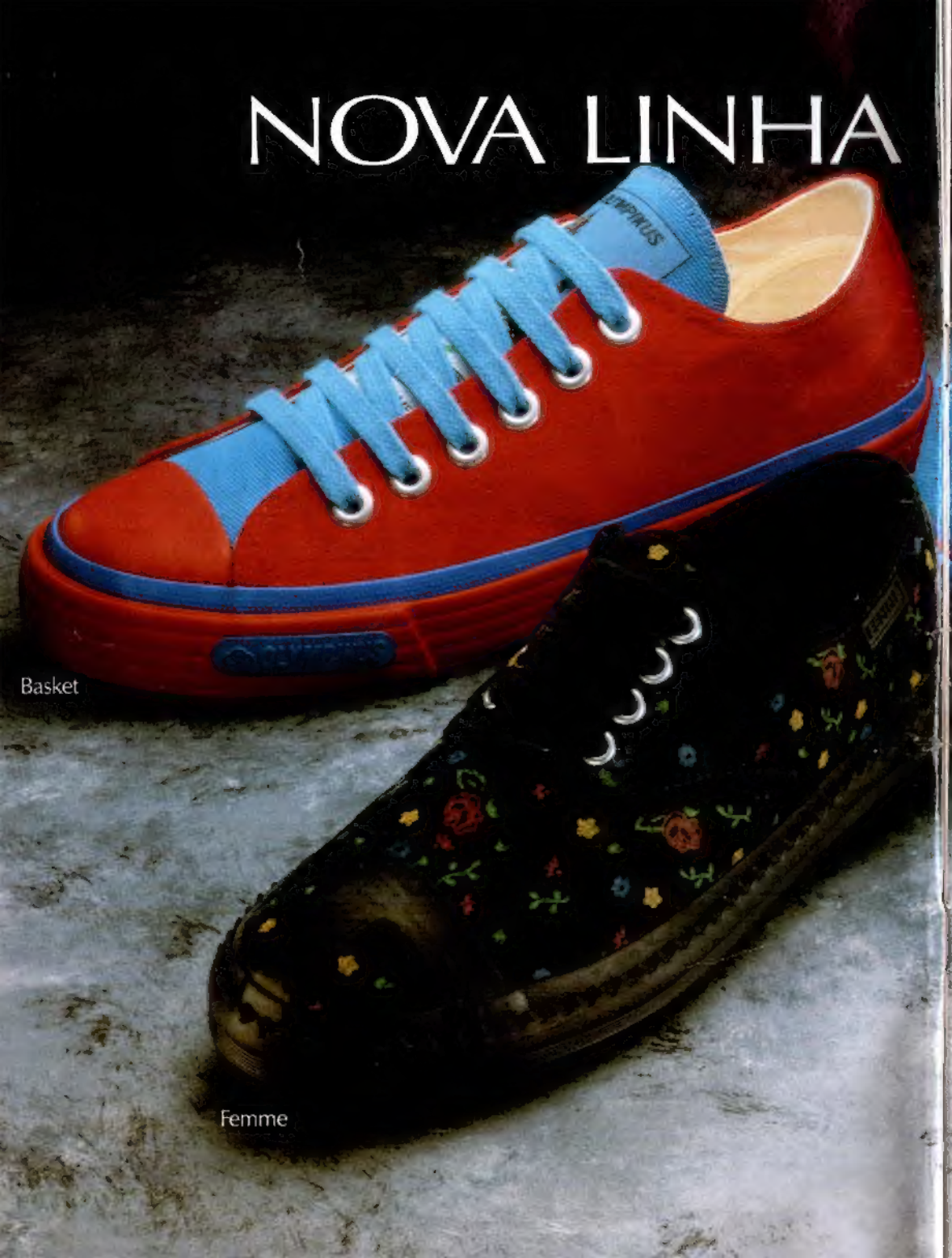
Ringo: nova maneira de ganhar a vida, longe das baquetas

RINGO STARR E BOB DYLAN NO CINEMA

O ex-Beatle **Ringo Starr**, que parece ter definitivamente abandonado a música pelos telões e telinhas, vai filmar a produção canadense *Walking After Midnight*, junto com **Martin Sheen**, **James Coburn**, **Donovan** e **Willie Nelson** ⊗ **Bob Dylan** também volta ao cinema, com um papel em *Backtrack*, novo filme de **Dennis Hopper** ⊗ **Ali Campbell**, do UB-40, vai estrelar o longa *Dance with the Devil*. ⊗ Os megadiretores de clips **Godfey** e **Creme** vão rodar o que chamam de um "faroeste bizarro", com o nome de *Howling at the Moon*, que deverá ter como trilha uma música de **Robbie Robertson**.


ESTILO,
DESEMPENHO,
EMOÇÃO.

NOVA LINHA OLYMPIKUS.



O LANÇAMENTO DO ANO.

OLYMPIKUS
TECNOLOGIA E DESIGN.

CELEBRIDADES FAZEM COVER CONTRA AIDS

Mais de cinquenta artistas e celebridades de Nova York, incluindo **Jerry Harrison** (dos Talking Heads), **Willy deVille** e **Uptown Horns**, gravaram uma cover de "Downtown", hit nos anos 60 originalmente gravado por **Petula Clark**. Os lucros serão revertidos para a Fundação Americana de Pesquisa da Aids e aos centros de saúde gay ⊗ Foi dada a largada para um outro disco beneficente e **Bon Jovi** está na pole position. Trata-se de um LP com covers de bandas que perderam integrantes devido ao abuso de álcool e drogas para financiar uma instituição — a Make a Difference Foundation — que combate, justamente, o alcoolismo e as drogas.

Fields: os cowboys gostam de pó

OUÇA ESSA

"Eu gostaria de ser tão inteligente quanto ele. Acho que provavelmente Michael Jackson lê um livro por dia."
Frank Dileo, empresário do próprio

FIELDS FLAGRADOS

Fields of the Nephilim enfrentou recentemente acusação de porte de cocaína. A denúncia partiu de uma faxineira, que encontrou uma grande mala com pó branco no quarto de hotel em que a banda se hospedava. Testes químicos, porém, revelaram que o pó suspeito não passava de farinha. "Nós nos empoeiramos com ela", explicou o vocalista Carl McCoy, "para criar uma aparência de cowboys."

SINÉAD E ZIGGY EM TRILHA SONORA

Sinéad O'Connor, **Ziggy Marley** e a blondie **Debbie Harry** estão na trilha sonora de *Married to the Mob*, o novo filme de **Jonathan Demme** — que tem Michelle Pfeiffer e Matthew Modine nos papéis principais ⊗ *Imagines* é o novo LP do **Blue Oyster Cult** ⊗ **Eric B. & Rakim** tem um novo disco na praça. O título é *From the Leader* ⊗ **Al Stewart** rompe um silêncio de quatro anos com *Last Days of the Century*, já lançado lá fora ⊗ **Andy Leek** (ex-tecladista dos Dexys Midnight Runners) está lançando seu primeiro disco solo. Chama-se *Say Something*.

Sinéad: trilha para Jonathan Demme

LENNON: VERDADES E MENTIRAS

Nos últimos meses de sua vida, John Lennon era um anorético recluso que passava os dias drogado de fumo tailandês e heroína, subnutrido a ponto de não conseguir sequer segurar um violão. Ele era avesso ao toque de outra pessoa e evitava o quanto podia levar beijos do próprio filho, Sean, a quem costumava surrar. Yoko gastava cinco mil dólares por semana em heroína, sem que Lennon soubesse, John chegava a freqüentar os puteiros barra pesada nova-iorquinos. Yoko, no entanto, o dominava, exigindo que ele viajasse até cinco meses num ano para que ela pudesse se divertir com amantes. Os poderes de Yoko eram tão enormes que teria sido ela a responsável pela prisão de Paul McCartney, quando as autoridades alfandegárias do Japão encontraram maconha na bagagem do ex-Beatle.

Essas são algumas das desconcertantes conclusões a que chegou Albert Goldman, após as mais de 1 200 entrevistas que disse ter feito para a realização do controverso livro *The Lives of John Lennon*, lançado no final de agosto nos Estados Unidos debaixo de críticas severas quanto à credibilidade das fontes citadas. Goldman também é o autor de outra biografia controversa por iguais motivos, a de Elvis Presley, na qual ele reduziu o artista mais influente de toda a história do rock a um zumbi drogado e manipulado.

Mas uma lida rápida na lista de fontes publicada pelo autor revela que boa parte do material usado provém de antigas entrevistas já publicadas em revistas, jornais e livros. O que há de inédito foi trazido por depoimentos de pessoas pouco isentes, como Marnie Hair, ex-vizinha de John e Yoko no edifício Dakota, que em 1981 tentara ganhar um milhão de dólares de Ono num processo (movido porque sua filha sofreu um acidente na casa que Yoko mantém em Long Island) e Fred Seamab — ex-empregado de John e Yoko que, após a morte do ex-beatle, saqueou sistematicamente os arquivos do artista, de onde roubou escritos, diários e textos inéditos. A reação contra o livro foi generalizada e intensa: Paul McCartney conclamou fãs e público em geral a um boicote ao livro e ainda fez uma piada a respeito do alegado homossexualismo de John, um dos assuntos de Goldman: "Se ele fosse gay, meu querido, alguma vez durante os 20 anos em que estivemos juntos ele teria me dado uma cantada, concorda? E isso nunca aconteceu". Em setembro, Yoko — cuja reação inicial foi contemplar o suicídio — ocupou uma hora de rádio nos Estados Unidos, em cadeia nacional, para contra-atacar Goldman (e, no processo, ajudar a divulgar *Imagine*, filme, disco e livro lançados em outubro). Num programa produzido por Elliot Mintz — assessor da imprensa de Lennon e Yoko desde 1980 — Yoko acusou o livro de ser "camadas e mais camadas de mentiras", utilizando em sua defesa depoimentos de Julian e Sean Lennon, mais entrevistas (algumas inéditas) em que John abordava os mesmos tópicos controversos mencionados por Goldman — drogas, homossexualismo, casamento, vida familiar e fama. Cynthia Lennon — mãe de Julian e primeira esposa de John — também falou no programa, chamando Goldman de "abutre". Goldman foi igualmente ouvido por Mintz, no programa, e manteve as informações contidas no livro. "Não éramos santos", concluí Yoko. "Mas aquelas pessoas do livro não somos nós."

Vai acostumando a vista.

ÍNDICE

BIZZ

Depois que uma banda explode universalmente, todo mundo passa imediatamente a questionar seu fôlego. Vai agüentar? Continuará a manter a qualidade? Estas perguntas, é claro, cercaram também o notório grupo **U2**. A resposta é, sim, agüentaram e mantiveram a qualidade, ou ainda, melhoraram. É o que vai ficar patente no Brasil quando for lançado seu longa-metragem *Rattle and Hum*, juntamente com um álbum duplo ao vivo do mesmo nome, como documenta **José Emilio Rondeau**. O mesmo Rondeau deu uma geral na nova geração do **heavy metal**, que estoura nas paradas americanas em escala sem precedentes. Ainda no internacional, a pedidos, **José Augusto Lemos** escreveu a primeira parte da saga de outra banda que conquistou lugar definitivo na história do rock: o **Roxy Music** de **Bryan Ferry**.

Por aqui, os **Titãs** contam a **Sônia Maia** suas peripécias pela Europa e expõem um pouco suas dissidências internas; o **Gueto**, uma banda deserdada do cruzado, conversa com **Bia Abramo** sobre seu som branco de alma negra e **Marcel Plasse** ouve o desabafo dos gaúchos **DeFalla**. Em **HQ Especial**, Plasse ouviu um dos maiores gênios da história dos quadrinhos, ninguém menos que **Stan Lee**, pai, entre outros, do fantástico **Homem Aranha**.

José Eduardo Mendonça

Fotos de capa: Pressen / UPI (U2), Mark Weiss / Island (Anthrax), Ricardo Siqueira (Titãs)

ATENÇÃO ASSINANTE!!!
Fique frio! Seu flexi-disc está seguindo pelo correio!

Bryan Ferry e Roxy Music criadores de clássicos

Claude Vannays / UPI

4 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e bostaria
14 **ÍNDICE**
Você está aqui...
16 **PARADA**
EUA, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
18 **AO VIVO**
Prince, RPM, ZAPP, Luiz Melodia, Nick Cave, Rod Stewart, Cazuza, Jethro Tull, Lulu Santos, Karlheinz Stockhausen, Mighty Lemon Drops e Alceu Valença
30 **U2**
A volta gloriosa, em filme e LP duplo
38 **TITÃS**
Abrem o jogo
44 **HEAVY METAL**
A nova geração domina os EUA
50 **GUETO**
A turma da Zona Norte ataca novamente
54 **ROXY MUSIC**
Cérebro, charme e rock'n'roll, 1ª parte
60 **DEFALLA**
Porrada à gaúcha
67 **LANÇAMENTOS**
Discos quentinhos da boca do forno
80 **VÍDEO**
Vincent Price e os principais lançamentos
82 **QUADRINHOS**
Uma exclusiva com Stan Lee, o pai da matéria
85 **EM CARTAZ**
Pesadelo na Rua Carroll, Um Príncipe em Nova York e *Quero Ser Grande*
88 **BRASIL**
O que rola do Oiapoque ao Chuí
90 **LETRAS**
"Blue Monday", do New Order
92 **CARTAS E SERVIÇOS**
94 **DISCOTECA BÁSICA**
Martin Gaye, *What's Going On*

QUEM É LOUCO APARECE ATÉ NO ESCURO.

Tudo o que acontece de mais gostoso, acontece no escuro. Chegou Dark 100: o jeans da Lee, tá claro?

Coisa de louco.

PARADA

Fonte: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), *New Musical Express* e *Melody Maker* (GB), de 6 a 27/08/88. Para a Parada do Leitor, foram consideradas as cartas recebidas até 31/08/88.

Chris Gallo / EMI

Os cabeças falantes voltam à parada com Naked

Parada do Leitor (LPs)

1 (1) *Stay on These Roads* — **A-ha** (WEA)
2 (2) *Que País É Este?* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
3 (6) *RPM* — **RPM** (CBS)
4 (4) *Viva Hate* — **Morrissey** (EMI-Odeon)
5 (7) *Strangeways, Here We Come* — **Smiths** (WEA)
6 (5) *Psicoacústica* — **Ira!** (WEA)
(12) *Bora Bora* — **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
8 (8) *Substance* — **New Order** (WEA)
9 (3) *Jesus Não Tem Dentes no País dos Bangueles* — **Titãs** (WEA)
10 (N) *Naked* — **Talking Heads** (EMI-Odeon)
(N) *Code* — **Cabaret Voltaire** (EMI-Odeon)
(N) Introducing... — **Terence Trent D'Arby** (CBS)
13 (13) *October* — **U2** (WEA)
(R) *Darklands* — **Jesus & Mary Chain** (WEA)
(R) *Power, Corruption & Lies* — **New Order** (WEA)

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1 (2) *Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
2 (10) *Roll With It* — **Stevie Winwood** (Virgin)
3 (5) *Appetite for Destruction* — **Guns & Roses** (Geffen)
4 (8) *Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** (Elektra)
5 (N) *He's the D.J. ...* — **D.J. Jazzy Jeff & the Fresh Prince** (RCA)
6 (3) *Faith* — **George Michael** (Columbia)
7 (1) *OU812* — **Van Halen** (Warner Bros.)
8 (4) *Dirty Dancing* — **Trilha Sonora** — **Vários** (RCA)
9 (7) *Open Up and Say... Ahh!* — **Poison** (Enigma)
10 (N) *Let It Loose* — **Gloria Estefan & Miami Sound Machine** (Epic)

LPs (GB)

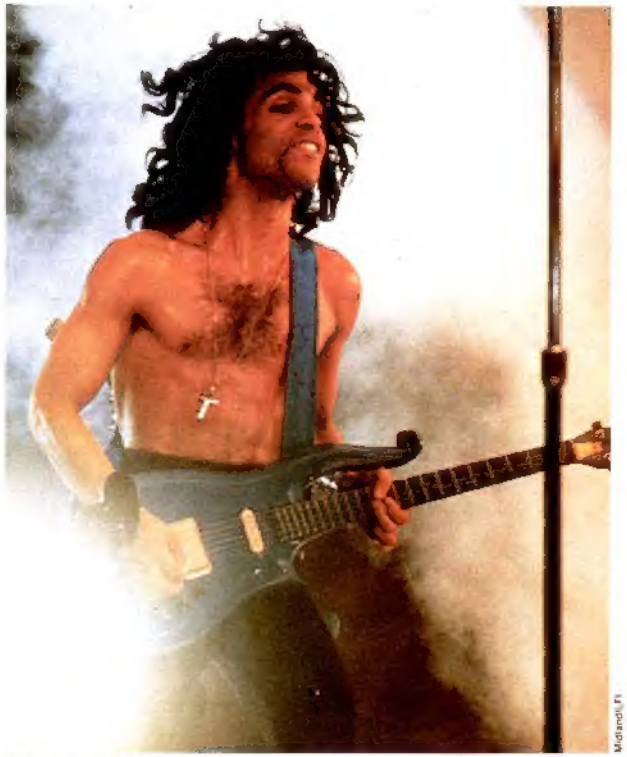
1 (5) *Now That's What I Call Music 12* — **Vários** (EMI)
2 (1) *Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** (Elektra)
3 (5) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
4 (N) *The Hits Album/Tape 8* — **Vários** (CBS/WEA/BMG)
5 (2) *Idol Songs* — **Billy Idol** (Chrysalis)
6 (9) *Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
7 (N) *The First of a Million Kisses* — **Fairground Attraction** (RCA)
8 (4) *Tango in the Night* — **Fleetwood Mac** (Warner Bros.)
9 (3) *Push* — **Bros** (CBS)
10 (N) *The Greatest Ever Rock'n'Roll Mix* — **Vários** (Stylus)

LPs Independentes (GB)

1 (7) *Tommy* — **Wedding Present** (Reception)
2 (5) *Substance 1977-1990* — **Joy Division** (Factory)
3 (2) *House of Love* — **House of Love** (Creation)
4 (8) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
5 (N) *Doing It for the Kids* — **Vários** (Creation)
6 (N) *Suck on the Pastels* — **Pastels** (Creation)
7 (10) *Colorblind James Experience* — **C.J.E.** (Fundamental)
8 (N) *Out to Lunch With Ahead of Our Time* — **Vários** (A. of Our Time)
9 (N) *Acid House Vol. 1* — **Vários** (BPM)
10 (4) *The Innocents* — **Erasure** (Mute)

PRINCE

Palatrussardi (Milão) 19/07/88



Prince, sexo animal e paradisíaco, mostra o salvação para mortais e imortais

Cat — a principesca dançarina e erotômana — diz ao mundo em um programa de show de dez dólares que "a vida só pode ser entendida para trás, mas deve ser vivida para frente". "4 Wards", em inglês, com o numeral, individuando em linguagem principesca o "forwards" do avanço. Por dez dólares, não deixa de ser um pensamento sólido.

Na revista high-tech de Prince 88, a Europa ganhou não só mais pensamentos, como mais sexo do que o resto da concorrência. Ingleses, italianos, franceses chegaram até a conceder que "Prince é melhor do que sexo". Não é — mas pelo menos o sexo de pantomima de Prince ao vivo é tão bom quanto todo o resto do show de Prince.

Comparei com Paris e Londres e não deu outra: Prince para milaneses não foi a exceção. Foi a regra. Em 87, seu show era o que câmeras em Rotterdam preservavam em celulóide como *Sign O'the Times* — uma hora e meia de impecável montagem e dolby stereo que vai faturar um equivalente da dívida do Terceiro Mundo quando sair em vídeo pelo planeta. O filme é melhor do que o show — porque "gruda" no palco com tremenda qualidade técnica. Ao vivo, não segurava. Inevitáveis as comparações com Sly Stone em sua época áurea — e com *drive* superior de, por exemplo, Trouble Funk ou até mesmo o Godfather vélio em uma noite de vodu.

Prince no tour *Lovesexy* é outra purpuríssima história. *His Purple Highness* — depois de individuar o(s) signo(s) da época com a concisão de rigor, extravasou o intelecto e chegou a uma visão completa: uma cosmogonia, do mundo. *Lovesexy*, o show, é a venda, o ataque de mísseis do Strategic Air Comand em Omaha, Nebraska, se Ronnie Reagan o ordenasse, em cima deste infiel pop-planeta. Salve-se quem puder. Ninguém pode, porque a visão religiosa pessoal do Príncipe é de uma absoluta sedução: nada menos do que o orgasmo como via à Santidade.

Grandes cérebros como Bataille já disseram a mesma coisa — mas Bataille não sabia cair no funk. Outra coisa é dispor de um palco gigantesco, irregular, no centro de uma arena, entulhado de mecanismos (uma verdadeira nave espacial) onde a mobília é tão notável quanto a ascensão — hidráulica — dos músicos e patamares mais altos: ou seu desaparecimento para o equivalente principesco do buraco negro (pior do que o inferno). A banda foi reduzida para oito — os cruciais, incluindo a crucialmente sexy Sheila E. — ou a "Última Tentação de Cristo" em versão percussiva. Prince também aprendeu uma coisa ou duas sobre entradas dramáticas. Em 87 a banda entrava nas trevas, em fila indiana, tocando bumbo para o sample de "Sign O'the Times". Em 88, o palco está nas trevas e, de repente, em suspensão, materializa-se uma maravilha cilíndrica do auge de Detroit: dá uma voltinha completa, pára, e, de dentro, quem sai, com seus estampados superpostos preto-e-branco, cabelos longos — agora lisinhos — e botinha de camurça com salto-lápis?

Com cinco minutos de ação já tivemos farto sexo simulado, farto sexo oral simulado e o anão libidinal de Minneapolis arrastando-se pelo palco, abanando a cauda atrás de Cat e a cheirando de um jeito que provocaria desmaios em qualquer Irish *setter* de bom pedigree. A lascívia detumesce em erotismo — e é possível se tentar acompanhar a performance com um mínimo de objetividade crítica. Tremenda performance. Trinta músicas — divididas em duas seções. A primeira é puro *greatest hits*. Em "Head", o cavalheiro coloca o microfone entre as pernas e Cat vem por trás para... cantar, claro — o que mais poderia ser? A banda arrasa, Sheila E. arrasa, Boni D. arrasa nas arrancadas gospel. Prince arrasa nos solos (superado o egocentrismo *flashy*, sola com a paixão e a convicção dos mestres).

A movimentação de palco é infernal. O mini Mefisto é ubíquo. Trabalha à base de fração de segundo, brincando com teclados em uma plataforma suspensa em forma de coração, simulando coito em uma cama que aparece do nada, projetando uma arena em introspecção em "Purple Rain", projetando uma arena frente à febre em "Kiss", tocando sua guitarra purple rose com uma garra e um ataque de transformar em estátuas de sal toda a parada de supostos pop stars no exercício da profissão. Nenhuma performance entre os Top 20 do pop planetário — pelo menos em 88 — foi, é ou será capaz de unir tanta vitalidade com uma extrema, impecável organização técnica.

Temos dois diamantes do *Album Preto*. De acordo com Sua Majestade Sátira, este foi um produto "do lado *noir* e infeliz de sua musa". Na hipnose em espiral de "Superfunkycalifragisexy" ele conta a história de um assassino psicopata com tons de voz progressivamente diabólicos até o clímax em um telefone maníaco-demencial. Ele grita: "Esta noite eu estou com uma tremenda má atitude". Sai atrás da insultante lubricidade de Cat e, alguns minutos depois, está urgindo toda a arena a cantar "Deus está vivo". O orgasmo como via à Santidade. Dessa vez acreditamos — afinal, antes nunca nos tinham oferecido o Céu com uma adequada trilha sonora.

A primeira parte acaba com uma apoteose de gelo seco, música clássica e vozes possessas, voluptuosas, intimando a arena a "cruzar a linha". Na segunda parte, linha cruzada, carne e espírito dissolvem-se em um êxtase pagão, sob endiabradas coreografias dançantes, os metais frenéticos em "Kiss"; solos de Sheila E. e "1999", a 128 b.p.m., quando o Libidinal Supremo, entre suas Supremas Gatas — Cat e Sheila — nos deixa de pernas cruzadas no topo de seu carro. Retorna, claro, para uma longa "Lovesexy", para mais uma batalha com o *spooky eletric* (é como denomina o Senhor das Trevas), para nos intimar ao cuidado e à salvação de nossas almas.

Ele viu a Luz? Viu. Nós também. A salvação é um show. *There is no business like the salvation business*. Então vamos dançar à nossa eternidade, como príncipes da lascívia e sacerdotisas da luxúria.

Oh, my God... Pepe Escobar

RPM

Anhembi (SP) 20/08/88

Paulo Ricardo e Fernando Deluqui, centro avantes numa duvidosa virada de jogo

Há quase três anos, o RPM estreava seu show no Teatro Bandeirantes, em São Paulo. Um crítico desta mesma publicação anunciava que o show era um divisor de águas na história da música brasileira. A avaliação se mostrou mais que correta: não só o show em questão foi um marco, o fenômeno RPM estabeleceu uma fronteira em toda a trajetória do rock nacional. Eles foram o primeiro grupo pop a atingir tais proporções de sucesso, com uma "pequena ajuda" do Plano Cruzado. Mas agora, agosto de 88, o cruzado é uma moeda tão anêmica quanto era o cruzeiro, não há nada mais tão inédito no panorama pop brasileiro e, pasmem, o RPM enfrenta basicamente o mesmo desafio. Só mudaram os fatores. Em 85, tratava-se de conquistar as massas sem perder a credibilidade. Três anos depois — dos quais dois longe dos palcos, uma quase separação e um novo LP —, o problema é: como conservar a credibilidade das massas e, ao mesmo tempo, afirmar a mudança de postura?

Sim, porque o despertar da longa ressaca do sucesso trouxe uma mudança de orientação que está nos sulcos do terceiro vinil, *RPM*, e esteve no palco do Anhembi. Fernando Deluqui ganhou um tablado e não foi por acaso: o tecnopop embalado pela voz orgásmica de Paulo Ricardo foi substituído por composições mais roqueiras, ainda que com um inegável sabor pop. Os "schiavontronics" deixaram o primeiro plano para parecer mais como criadores de climas do que como condutores de melodias. A ênfase no ritmo (a bateria de P.A. e a percussão de Marco Bosco) introduziu mais peso e suingue. Até os cabelos cresceram, como sinal dos tempos...

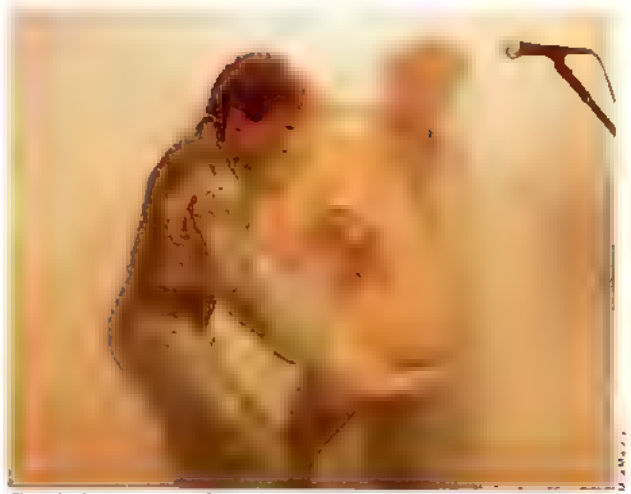
A saudade do palco era grande: os arrepeemes estavam na melhor das disposições e, além disso, cancha de palco é o que não lhes falta. Abriram com "Greed", dos Ambitious Lovers, e a partir daí estruturaram o show de modo a intercalar hits consagrados com as músicas novas. E aí que a porca torceu o rabo. Quem vibrava com "Loiras Geladas", "Olhar 43" e "Rádio Pirata" simplesmente não estava preparado para "O Teu Futuro Espelha Essa Grandeza" ou "Show It to Me".

Era para ser uma volta triunfal, mas o que se viu foi uma espécie de recaída. RPM e fãs se comportaram como amantes que se separam e, numa ocasião mais nostálgica, voltam a cair nos braços um do outro. Ambos mudaram, mas esperam que o outro continue igual. E a noite acaba com uma nota de perturbada melancolia.

Bia Abramo

ZAPP

Palmeiras (SP) 13/08/88



Close do clima imposto por Roger na aquecidíssima festa promovida pelo Chic Show

O horário era de vampiros. As três da manhã, quando o calor etíope começava a amolecer os ânimos, a gritaria pós fim ao mistério da "Selva Piranha". Entrava o funk de Ohio.

Roger Troutman avançou à moda de Chuck Berry, guitarra em punho. Cantou "São Paulo, São Paulo" na talk box, voz sintetizada que dá a marca do Zapp. Mark Thomas na bateria, Steve Ray nos vocais, Ricardo Bray e Roger Jr. nas guitarras; Bart, Cicie Troutman e Bob Thomas nos teclados, o dançarino Eric Clint. No alto das caixas de som, Roger elegeu "Senhorita! São Paulo!", o bordão da noite.

Roger rebolou, tocou guitarra com os dentes. Dançando, o Zapp agitava a cena com brigas simuladas, emendando funk com funk e criando, entre outras, "I Can Make You Dance". Aquecimento aeróbico para o público com "More Ounce to the Ounce", um balanço arrasa-quarteirão em que Roger ganhou definitivamente a cumplicidade do povo da noite. "Stay yeah", disse metralhando a plateia com a guitarra. "Yeah!", responderam. Inteira, com os arranjos originais, só a quinta música do show, romântica e motivo de mais gritaria, "Alright". Estava apresentada a fórmula Zapp de efervescência, pinceladas de blues, rhythm n blues, jazz, funk e uma dose de sacarina.

Na versão estraçalhante de "In the Midnight Hour" (de Steve Cropper e Wilson Pickett, gravada pelo Roxy Music), o catalisador da fórmula (Roger Troutman, óbvio) tirou as mãos, a camisa, abriu e fechou o zíper, entrou e saiu do palco. Ancorado no caminho que o conectava ao sintetizador, cantou a baladona "Computer Love", aquela para encontrar um grande amor. Se "I Wanna Be Your Man", do segundo LP solo de Roger, *Unlimited* (86), foi a mega-atração do show, ele preferiu não repetir a dose com o filhote "I Really Wanna Be Your Man", lançada no mesmo disco.

"Computer Love" voltou depois de um sonolento pedido de bis de dezesseis mil sacados. "I Wanna Be..." deixou todo mundo babando. Mas o Zapp ainda tinha fôlego, às 4h30 da manhã, reclamando por mais bises. Queriam energia e a conseguiram, em parte. E mais: "Computer Love" na talk box.

Ana Carmem Foschini

LUIZ MELODIA

People (RJ) 04/08/88

Maldito nos 70, *cult star* nos 80, Luiz Melodia vale mais do que pesa seu corpo magro, antenado de gingas e chinfras. Na *cave* de jazz Zona Sul do People no Leblon, o bairro dos bares e apart-hotéis, era para Melô estar meio sem jeito. O perigo mora no corredor do banheiro, notória armadilha da casa que já derrubou muita Nana Caymmi.

Encapetado, Melô tirou tudo de letra, inclusive o palquinho mínimo que não lhe permitia os altos passos de dança com que costuma solar certas músicas, atestando que seu instrumento, além do violão e da voz de faca só lâmina, é o corpo. Na dividida, o violão inspiradíssimo de Piau e Carlos Werneck, também esperto no baixo elétrico. E, claro, um substancioso repertório. Pérolas negras como o samba-choro "Fadas", cheio de descaminhos luiz-melódicos. Ou o épico "Estácio, Eu e Você". E o atemporal "Palhaço", de Nelson Cavaquinho.

Num casamento arrepiante, ele liga "O Morro Não Me Engana" — todo aquele lance do sambista a caminho de seu reduto — com "Marinheiro Só", capturado no folclore baiano por Caetano. O reggae "Só" ("Gota de chuva nota dó/ sinto o tempo descontente ao redor"), levado em tempo de rock, incendeia a seleta plateia coalhada de amigos-estrelas que Melodia vai homenageando com músicas apropriadas: a felina do vôlei Isabel, Leo Jaime, Liége Monteiro, Paulinho da Viola. Com feroz noção de *timing* e muita malandragem, ele enfia uns palavrões bem atirados no rap "Saco Cheio", saca um discurso em hipotético inglês ("Que Loucura") e borda o refrão de "Magrelinha" ("No coração do Brasil") com um trecho surrupiado do hino nacional.

Mítica citação em músicas recentes de Alceu Valença e Ilamar Assumpção, Luiz Melodia nunca estourou nas paradas. Passou batido para o altar dos que estão acima do bem e do mal. Pode desenterrar o "Broto do Jacaré" da pré-Jovem Guarda com a mesma classe com que percorre as vielas luminosas do "Estácio Holly Estácio". O poeta é sempre malandro. *Tárik de Souza*

NICK CAVE

National Ballroom (Londres) 15/07/88

Cave, morcegos, memórias e ficções

Nick Cave em performance é um psicopata perverso profanando o corpo de uma música pop em ruínas. Morte e excrementos. Ficções e ficções. Sarjetas e liberações pelo desejo de sofrer. Nick das cavernas é um apropriado trovador masô para esta *soundscape* tecnotrônica onde o vômito cheira a incenso e "os piores vivem cheios de intensidade passional" (Yeats em "The Second Coming").

Nick porta uma armadura e um topete de reminiscências rockabilly. É um romântico. Vaga em uma aura de nostalgicas memórias. Sua banda é absolutamente apropriada a partir do nome — The Bad Seeds. Sementes ensebadas — de onde escorrem guitarras navalhadas da encruzilhada Mississippi/Louisiana/Tennessee e teclados submissos a pauladas. Nick murmura, grunhe, geme e urra como apropriado coiote de vadio de noites brancas do Texas — ou Arizona —, e libera para voos da imaginação sua audiência lúdica/lúgubre de morcegos compenetrados.

Morcegos e que não faltam nas lúmpen-cercanias de uma sala de baile da década de dez em Kilburn, Jubilee Line do mais congestionado metrô do planeta. Morcegos companheiros de espírito das sagas recontadas pelo homem das cavernas: morcegos que sobrevivem com um chequinho do seguro social gasto em litros de cerveja escura em pubs letados. A atmosfera é o que frescos em geral qualificam de "simbiose entre artista e público". Quando um cavernoso e suas sementes injetam venenos como "Hey Joe" ou "By the Time I Get to Phoenix" (Johnny Rivers, onde estás que não respondes?), é como se sangue brotasse de uma coleção de narizes, ou aranhas bailassem suspensas no trapézio de suas teias.

Cave canta o desespero do amor e do sexo, e inflige a si próprio todo o ódio que seu corpo magro é incapaz de conter. Cave cita de Hendrix a Joy Division, de Stooges ao último bluesman de uma noite nos pantanos. É capaz de transformar em mantra abissal um verso simples como "é melhor você correr para a cidade do refúgio" ("City of Refuge", clássica). Cave vomita o rock à beira do abismo e o blues em queda livre de rigor para verdadeiros *down and out*. E jamais se refugia na autoindulgência. Só tem uma falha: deveria assumir de vez a sofisticação hipercool-fundo de noite de suas narrativas despedaçadas. Poderia deixar de se contorcer pelo palco, e contracenar — zen — com um banquinho de bar ou um pianinho de cabaré. Mas é compreensível, um furor ancestral, quando se apossa de um homem, toma sua mente, seu corpo e o projeta no espaço. *Keep flying, Mr Cave.* *P.E*

ROD STEWART

Forum (Los Angeles) 09/08/88

Se é possível medir ou antecipar um espetáculo pelo tipo de plateia que ele reúne, então eu já deveria saber do que se tratava desde a entrada do Forum (um estádio esportivo com capacidade para mais de dezoito mil pessoas). Com a provável exceção do show de Roberto Carlos, poucas vezes na minha vidinha "americana" eu vi tanta pararaca, macho e fêmea reunida num único local. Um verdadeiro festival de bota de salto e briqueira dourada, collant de oncinha, blazer de cetim e vestido de babado — uma coisa de dar medo. Que Rod Stewart, mesmo começando seu show com uma hora de atraso, tenha literalmente encantado e enlouquecido esta gliterada plateia, apenas confirmou minhas suspeitas sombrias: sim, se Bryan Ferry é o Julio Iglesias do rock, então Rod the Mod é o Wanderley Cardoso. (Por favor, contenham as revoltas fúteis: estou apenas exercitando as possibilidades de troca de signos.)

De calça colante e paletó — retirado estrategicamente para revelar bíceps e peitorais sob uma tenue camiseta —, Rod fez o que pôde e sabe para seduzir e entreter os fãs: rebolou, cantou basicamente seus grandes sucessos, com arranjos os mais parecidos possíveis com os dos discos. Como há muito não é mais criança, cada quatro ou cinco canções vinham seguidas de um longo solo de alguma coisa — menos, infelizmente, do poderoso baixo de Carmine Rojas, o melhor jogador em campo. E, aos setenta minutos do primeiro tempo, um intervalo prolongado permitiu à faiscante plateia exibir seus modelitos e a Rod, possivelmente, recuperar seu fôlego.

Rod ainda canta? Canta. Sam Cooke que o proteja, sua voz falhou miseravelmente em "Maggie May" ("Adoro esta canção, nunca me canso dela", anunciou, eufórico), mas, fora isso, a lixa de veludo ainda está lá, infelizmente a serviço de um repertório onde 80% é pura mediocridade.

Momentos especiais? A colagem de "Sweet Little Rock n Roller", "You Wear It Well" e a ainda incendiária "Twisting the Night Away" (alô, Sam) com que abriu o escore (de jeans e jaqueta de couro, para que ninguém esquecesse de onde ele vem e do que se tratava).

Ana Maria Bahiana

Rod: o Wanderley Cardoso do rock

Cazuza, num canto implosivo, tatuando a epiderme, a derme e o coração do Brasil

CAZUZA

Aeroanta (SP) 18/08/88

Hermeto Pascoal, em uma entrevista a um diario paulista, se referiu a Cazuza da seguinte forma: "Sinto que ele tem algo de diferente dos roqueiros. É musico". Esclarecendo o conceito de músico, Hermeto desata: "Ser musico é gostar de musica, nao precisa tocar. Tem musico que toca e não é musico".

Desde que saiu em trabalho solo, Cazuza relutava em admitir esse fato (por timidez, como ele mesmo explica). O primeiro LP *Cazuza*, saiu por conta da produçao de Nico Rezende e, musicalmente, deixou muito a desejar. O segundo, *Só Se For a Dois*, seguiu a linha do primeiro, embora mais cuidado, mais bem acabado, mais proximo da personalidade do autor. Foi só em *Ideologia* que Cazuza assumiu, embora ainda timidamente, que ele é músico, sim, arriscando todos os palpites para o LP. E, a se contar pela novíssima musica apresentada neste show, 'O Tempo Não Pára", Cazuza nos brindará com um quarto LP definitivo, fechando um ciclo. Ele encara, cada vez mais, e sem pudores, sua produçao musical.

Percebe-se isso também no show e em videos. Antes, Cazuza dividia muito mais com a banda a performance de palco. Sua voz gritada e explosiva, trazia as características de um roqueiro nervoso. Agora ela *canta*, desfila os versos com clareza, apoiado pela musica — o pano de fundo que leva as canções para frente e além. Quem acompanha seu trabalho pode imaginar a força que elas ganharam a partir dai.

Trata-se de um show imperdivel principalmente por todos estes aspectos e, mais ainda, pelo testemunho de um cara que, junto a poucos — e, ao mesmo tempo, a parte deles —, construiu todo um discurso para uma geraçao e almas sem verbo. "Minha geraçao esta buscando. Não acredita em politica, partido, nao há ideologia. Nunca houve isso na historia da humanidade", constata Cazuza na coletiva para o show.

Marcado pela direçao de Ney Matogrosso, que conseguiu envolver o espetaculo de atroz elegancia, Cazuza entra todo em creme e solta "Vida Louca Vida", de Lobao e Bernardo Vilhena. Em arranjo mais *cool*, a letra, quase escondida na versão original, ganhou força de significaçao. Como um pastor e seu bumbo na praça, lembrando "Blues da Piedade" — sua preferida do último LP —, Cazuza vai cantando suas letras para a plateia, que presta muita atençao no que ele diz. Talvez tenha sido a primeira vez que Cazuza conseguiu concentrar tantas atenções sobre suas musicas. E frases fortissimas, antes apenas reconhecidamente boas, devem ter ficado cravadas na memoria dos presentes. Talvez tenham iluminado algumas incertezas. Assim ele fala, num canto: "Vamos pedir piedade pois há um incêndio sob a chuva rala" (um dos versos mais belos já criados por este mundo afora, na minha opiniao). Em "Só as Maes Sao Felizes", onde diz: "Você nunca sonhou/Ser currada por animais/Nem transou com cadáveres/Nunca traiu o teu melhor amigo/Nem quis comer a sua mae", ele invade preconceitos e falsas moras de milhares de alheios. Ou, ainda com "Ideologia": "Os meus sonhos foram todos vendidos/tão barato que eu nem acredito", retrato fiel deste fim de seculo.

E, quando ele senta no banquinho para a sessao *cool*, a platéia vai ao delirio. Canta a sua musica que nem ele mesmo gravou: "Eu Preciso Dizer Que Eu Te Amo", e "Codinome Beija-Flor" (Pra que mentir/fingir que perdoou/Tentar ficar am gos sem rancor a emoçao acabou que coincidência e o amor/a nossa musica nunca mais tocou...).

Depois disso, paro de fazer anotações para não perder nenhum de seus olhares faiscando brilho, *muito* brilho. Todos os sorrisos que ele joga para a plateia e todos os beijos — todo o amor (e rancor) que houver nesta vida, lapidados pelo seu golpe certeiro. *Sonia Maia*

JETHRO TULL

Projeto SP (SP) 06/08/88
Ginásio do Ibirapuera (SP) 08/08/88

Ian Anderson e sua flauta, para um público nostálgico e extasiado

A vinda do Jethro Tull ao Brasil parece ter saciado a sede do nostálgico público brasileiro. Ian Anderson em carne e osso comemoração dos vinte anos de carreira da banda mais os ágeis dedos de Martin Barre marcaram a festa realizada no Ginásio do Ibirapuera e no Projeto SP. Até a má qualidade de som em ambos os locais foi praticamente esquecida, dada a adrenalina e magia trazidas para estes palcos por um dos dinossauros do rock mundial. No Ibirapuera, o público até promoveu uma *ola mexicana* para recepcioná-los. Na faixa colocada ao fundo do palco, um sarrinho: Oh, no! Another 20 Years?"

Ian Anderson entra em cena numa cadeira de rodas com médico e enfermeira, vestido com capa, chapéu coco e, lógico, com sua flauta em punho. Ataca, logo de cara, "Cross Eyed Mary", seguida de "Nothing Is Easy", para delírio inicial da platéia. Anderson vai fazendo suas posturas e caretas de forma contagiante, da mesma forma que Martin vai mostrando sua técnica à frente de um grupo progressivo e pesado, muito próximo ao som original do Tull. As músicas mais conhecidas são ovacionadas já nos primeiros acordes.

De posse de uma guitarra acústica, Anderson toca "Thick As a Brick", e depois passa por dois temas do último LP *(Crest of a Knave)*: "Sull Monkey" e "Farm on the Freeway". Saltitante, ele volta a flauta e, como sempre, prende a atenção do público sobre si em "New Day Yesterday". Em "Fat Man" todos trocam de instrumentos. Mandolim, balalaika e bongos fazem, agora, parte da cena. O público participa. Tocam "Budapest" (também do novo LP) e as atenções se voltam para Barre, que muda diversas vezes de guitarra. Quando atacam "Wondering Aloud", com capacetes celtas, Anderson vai chutando tudo para, em seguida, fazer "Bouree" debaixo dos urros e aplausos.

Depois vem "My God" e "Jump in the Start", onde, enquanto Barre solta, entram oito figurantes empunhando guitarras de papelão. Na sequência, Anderson apresenta os músicos e leva a platéia à loucura com os clássicos "Too Old to Rock'n Roll", "Too Young to Die" e "Aqualung" (esta com "Garota de Ipanema" na introdução). E saem de cena: Ian em sua cadeira de rodas, Barre de maca e David Pegg de muletas.

Alguns minutos de aplausos e voltam para o tradicional bis, com "Locomotive Breath", "Pussy Willow" e "Seal Driver". Anderson corre pelo palco, vira sua flauta nos dedos e joga enormes balões na platéia, terminando com a frase: "Be gentle with me". Sozinho, no meio do palco, com um facho de luz sobre si, ele encerra tudo com uma última mensagem: "Thick as a brick". Valeu!

Leopoldo Rey

LULU SANTOS

Olympia (SP) 05/08/88

"Ele é o único artista pop do Brasil!", dizem ao meu ouvido várias pessoas para justificar a qualidade de seu trabalho. Não, não, não e não. Ponto. Ele toca uma p* guitarra, sem dúvida. Mexe as cadeiras como Elvis Presley. E sorri como um Silvio Santos, *o tempo todo*. Esta, sim, é a fórmula do sucesso. Ele abre o show com certeza — parece bebado de certeza. Detona declarações anti-rock'n'roll na imprensa. Se acha o máximo! Onde vamos parar?

Não, eu não fui ao show predisposta a falar mal de Lulu Santos. Ao contrário. Me armei da maior paciência para gostar do show. Afinal, se tantos gostam, o que será que ele tem? Quase cai de sono antes do final do show. E quando todos imploraram pelo bis e ele embaçou "horas" não suportei: fui embora.

A começar pela banda, fraca, fracamente mera acompanhante, e as canções, de arranjos lineares, não pop, mas *popular*. Sob luz tenue, ele começa o show tocando sua guitarra atrás do palco, e apenas sua silhueta, ao lado de um cactus, aparece. Quando ele entra, de fato, a platéia cai em delírio.

Lulu: o Silvio Santos do pop Brasil

Lulu abre com "A Cura", uma referência (crítica?) ao grupo inglês The Cure. Depois vem "Toda Forma de Amor", uma referência (crítica?) a "Toda Forma de Poder" dos Engenheiros do Hawaii. E "Nova Ordem", uma refer... Assim, Santos vai desfilando todos os seus sucessos: "Tudo Azul", "O Último Romântico", "Um Certo Alguém", "Bete Balanço" (esta do Barão Vermelho), mais um cover de "Objeto Não Identificado", de Caetano Veloso. Talvez se os arranjos não fossem *tão* consumíveis — a exceção de "Tom Tom", de seu último LP. Talvez se as letras não fossem tão ruins, tão pobres. Talvez se ele já não entrasse suando no palco (como pode?).

No meio do show ele se retira e deixa apenas seu tecladista fazendo um solo, meio Bauhaus, meio Yes. O público não gosta muito. Ele volta com uma capa branca e... tchan tchan, tchan tchan... tira-a (claro). E, delírio, está de camiseta. Recomeça o espetáculo. Logo após desfilar mais alguns sucessos, ele detona alguns covers. Ironia, mas estes foram os melhores momentos do show: o resgate de "Esqueça", de Roberto e Erasmo Carlos, Beatles em "You've Got to Hide Your Love Away" e "Here Comes the Sun"; e Suzanne Vega, em "Luka", com apenas Lulu acompanhado de sua guitarra.

As luzes estavam perfeitas — fora o neon Coke in Concert acendido no meio do show, coisa que nem o próprio Lulu gostou muito. O som idem. Nenhuma falha, nenhum risco. Tudo certinho.

Só faltou Santos dizer, como fez num de seus shows pela vida: "O pessoal dos camarotes não precisa aplaudir, basta balançar as joias" imitando uma atitude célebre de John Lennon. Lá ela tinha um significado. Aqui ficou parecendo axé. Desagradável.

Sonia Maia

KARLHEINZ STOCKHAUSEN

Sala Cecília Meireles (RJ) 13 a 21/07/88

Uma nova concepção de regência: Herr Stockhausen nos controles de som e luz

Ou "Onde Popular e Impopular se Tangenciam na Música do Século XX".

Perguntado sobre sua influência no rock, o senhor Stockhausen declarou aos jornais: "Trata-se de uma via de mão única". É verdade. A via vai dar em Zappa, assistindo conferências suas na Alemanha antes de aparecer em público com uma peça eletrônica concreta/eletroacústica — "The Return of the Son of Monster Magnet", de *Freak Out* (66). Os Beatles respondem estampando o rosto de Stockhausen na capa de *Sgt Pepper's ...*, onde vão fundo em edição em fita e outros tratamentos de estúdio. Daí se espalha nas duas décadas seguintes, basicamente via Can, Kraftwerk, Eno, Cabaret Voltaire. Depois, um rastro de pegadas na pista de dança.

O mais perto que o próprio Karlheinz Stockhausen chegou foi meter uma guitarra elétrica em *Gruppen*, e isso em 56.

Mais do que esse vértice único, buraco negro entre "pop" e "erudito" — posição compartilhada com John Cage —, a música de Stockhausen traz embutida a síntese de todas as rupturas possíveis neste século, da harmônica (Schoenberg, Webern,) à timbrística (Varèse, Messiaen), à ... conceitual.

Tudo isso constitui um pouco do privilégio que o Rio de Janeiro teve, dividido em sete concertos, em julho. Fora algumas peças para piano (as *Klavierstuck*) e a audição de *Gesang der Junglinge* (56) e *Telemusik* (66), duas de suas principais peças eletrônicas, o programa concentrou-se em sua produção mais recente de 74/76 para cá — boa parte inédita em disco —, com destaque para o ciclo lírico *Licht (Luz)*.

A primeira surpresa desta "nova" fase é justamente a participação mínima que cabe à eletrônica. Música mais que acústica e mais que característica, *orgânica* na escolha dos instrumentos de sopro como os mais próximos da voz humana, atrás de todos os seus timbres e modulações infratonais possíveis. Uma revelação através de instrumentistas brilhantes como Suzanne Stephens (clarinetes), Karlheinz Pasveer (flautas), seu filho Markus (trompete) e Michael Svoboda (trombone) — o sopro redescoberto atrás de fronteiras com as quais o jazz não sonhou nem imaginou. Fluxos de melorreta e monofonia de desdobramentos múltiplos, longas serpentes em espirais soltas no ar e nem uma nota "interpretada", nem um gesto por, *acaso*.

Leibniz, um dos vários filósofos conterrâneos do compositor, escreveu — ainda no século dezessete — que a música reflete ritmos *universais*, espelhando uma realidade fundamentalmente *matemática* mas para ser recebida como uma apreensão "inconsciente" e/ou "sensorial" destas relações numéricas. Stockhausen quer o espectador/ouvinte consciente e alento para elas. Loucura? Utopia, talvez, mas das mais fecundas.

É preferível ouvir profundamente, até a percepção de suas estruturas internas, algumas peças de que gostamos a ouvir superficialmente milhares de peças musicais", disse numa palestra intitulada "A Arte de Ouvir" — também na Sala Cecília Meireles —, na realidade, mais uma demonstração de seu atual método de composição, a partir do que chama "fórmulas" (em oposição às "séries" do atonalismo). São nesses fluxos, quase sempre para instrumentos solo, que explora os infinitos de álgebra e geometria contidos na música. Para tornar isto mais evidente, revelou como todo o corpo do instrumentista deve obedecer à partitura, apontando o instrumento para cima ou para baixo conforme a altura da nota, para a direita ou para a esquerda, quando a fórmula encerra um jogo de contraponto; e até batendo com os pés e as mãos o ritmo da peça. Cada elemento, do corpo à partitura, regido por um só "concerto" ou "inspiração" — sejam as aproximações/distanciamentos de *In Freundschaft (Em Amizade)* ou todas as facetas da personalidade/personagem Harlekin (Arlequim) — esta última, com Suzanne Stephens, uma das mais mágicas entre as noites cariocas. As outras ficaram por conta do ciclo *Licht*, mais precisamente os trechos apresentados das óperas para o *Samstag aus Licht (Sábado de Luz)* e a *Donnerstag aus Licht (Quinta-Feira de Luz)*.

Neste projeto, concebido em 77 no Japão durante uma cerimônia budista de três dias e três noites, a Gênese bíblica é reinterpretada em sete óperas (uma para cada dia da semana) — e três personagens — Lucifer, o arcanjo Miguel e Eva-Lua. Um mínimo de recursos cênicos e um máximo de expressividade com, às vezes, um cantor, um instrumentista e um bailarino por personagem, simultaneamente.

Sete ou 1001 noites? Uma última memória: no "Sonho de Lúcifer" (do *Sábado*), Ellen Corver possui o piano num transe realmente diabólico, cada vez mais febril, enquanto toca direto nas cordas e bate forte no instrumento. Ao mesmo tempo chia, sibila, assobia e estapeia chocalhos presos a sua volta. Um ninho de cascavéis no cio, enquanto Lúcifer cochila numa poltrona ao lado. Cosmogonia, liturgia, epifania, música, matemática e magia.

José Augusto Lemos

MIGHTY LEMON DROPS

Projeto SP (SP) 13/8/88

A pequena banda inglesa, para muitos uma simples cópia do Echo & the Bunnymen

The Mighty Lemon Drops no Brasil? Só gritando pra crer. Seu segundo LP é a única coisa que o consumidor brasileiro pode fruir, e dificilmente deve ter ouvido dele outra faixa além do hit "Inside Out". Mas aqui estão eles, ao vivo e com suas roupas pretas. O baterista Keith Rowley e seu jeito peculiar de segurar as baquetas como se fosse cometer um assassinato, o baixista Tony Linehan e sua postura de homem invisível, o guitarrista David Newton, com seus ataques de Rickenbacker, Paul Marsh, o vocalista de olhos verdes faiscantes e comportamento terrivelmente contido, e um discreto tecladista na penumbra.

Eles nunca tiveram fama, seguidores ou o gestual implícito do grande circo-negócio do rock. São uma pequena banda de Wolverhampton, uma caca de cidade britânica. Em Londres, podem ser vistos tocando em espaços diminutos, dividindo espetáculos com bandas iniciantes. The Drops é, enfim, a primeira banda britânica underground a se apresentar no Brasil. Dizer que suas músicas lembram demais Echo & the Bunnymen não vai deixá-los magoados. Embora, na verdade, seu som esteja muito mais para Teardrop Explodes, outro celestial membro da constelação de Liverpool além de músicos, eles são fãs. Mas isso não significa que seu som não tenha valor ou seja um caso simples de plágio. Penso neles como uma banda que adora suas influências. *By the way*, os primeiros LPs e shows dos Beatles estão cheios de "música sem valor" e "casos simples de plágio".

O show despertou duas atitudes: indiferença e contágio. A indiferença me foi indiferente. Na primeira tolerei saci a alma. Keith Ligou seu rolo compressor com "Happy Head" e ... *uau!* O show foi seco, sem papo, apresentação da banda, gracinhas ou performance reveladora. Canções como "My Biggest Thrill", do primeiro LP, *Happy Head* dispararam a pulsação como uma solução lisérgica. As canções do LP *World Without End* cresceram. O hit "Inside Out" cravou suas garras no pedido de bis. E no bis, "Like an Angel", o primeiro single, fez duplo *uau* na garganta da meninada. E dê-lhe "Paint It Black", no melhor cover que a cultuada canção dos Stones já viu.

Depois, Paul se confessaria surpreso pela reação do público: "Nós somos conhecidos no Brasil?" Não. Afinal, o que The Drops está fazendo no Brasil? "Compras", intriga David. Paul: "A gente tinha acabado nossa turnê americana. Alguém nos perguntou sobre o Brasil. Bem, por que não?" E depois do Brasil, o mundo? Paul: "Apenas Wolverhampton".

Marcel Plasse

ALCEU VALENÇA

Scala 1 (RJ) 07/08/88

Vestido de cotinga, roupa metade preta — o que lhe dava um ar de saci elétrico —, Alceu Valença encarou com determinação os lustres e espelhos do Scala 1. Travestido de Bobo da Corte — um dos personagens poéticos do show.

Alceu se permite quase tudo no palco, que domina como raros na MPB. Debocha dos poderosos, declama o clássico popular pernambucano Ascenço Ferreira ("Oropa França e Bahia") de olhos semicerrados e cutuca a ferida da aclimatação das influências estrangeiras no país — ele próprio um atestado vivo de antropofagia com seu misto eletrônico de rock e xaxado, xote & reggae, coco mais rhythm n blues. Acompanhado do fiel escudeiro Paulinho Rafael na guitarra — agora em fase heavy —, cruzou o riacho da tradição sem morrer afogado.

Quando Edum Desce a Ribeira" e um desses típicos híbridos valencianos. Abre num aboio em barca no afoxé e desatola num funk. Sem que a distinta plateia de garfo e faca, escarrapachada num Scala sem água nos banheiros (era um domingão ameaçado pelo racionamento nos reservatórios cariocas), de pela coisa. Cita o velho mestre Luiz Gonzaga de "a todo mundo eu dou pena", antes de dissecar o contraste carioca dos morros famintos debruçados sobre a Ipanema (onde ele tem um "apê") abonada em "Andar Andar". Mario Quintana ("Tu passarita, eu passarinho") baixa num blues-xote calçado por Emanuel, pilotado por Tovinho. Alceu modula a voz como cantador de feira, mas também pode dublar o velho ídolo Elvis Presley, incorporado instintivamente a sua persona roqueira. Para virar Charlie Chaplin é só tirar o cinto da fantasia, rodar na mão como bengala e enfiar na cabeça um chapéu-coco. Outra troca de chapéus e surge em cena, por trás do Alceu de óculos escuros e smoking de garçom, o Alceu Soriano, ou Watdick Valença.

E tome bolero metabrega, numa queixa bem-humorada do êxito a que as FMs o condenaram junto com outros astros que não compactuam com o festival que assola o país de broa de milho.

T. S.

Defenda a beleza das regiões típicas brasileiras. Use Calcinhas by Hering.

Valorize suas riquezas naturais. Exija sempre Calcinhas by Hering. São confortáveis, macias, sensuais, tem acabamento perfeito e uma porção de outras qualidades que estão em extinção hoje em dia.

Calcinhas by **Hering. Gostosas de usar.**

U2

FOGO E PAIXÃO

Qual é o segredo do quarteto de Dublin? Movidos por um fogo inextinguível, eles vem galgando um a um os degraus da fama e da fortuna. Mas nem de longe eles se parecem com seus companheiros de alturas — sua música é pesada, sua imagem é despojada, sua mensagem é vigorosa. Depois da conquista definitiva da América, eles poderiam cruzar os braços e desfrutar os benefícios do megaestrelato. Se eles não fossem o U2, bem entendido. Veja o que eles ainda estão aprontando

Mil e novecentos e oitenta e sete foi o ano que viu o U2 se transformar na maior banda de rock de sua geração. Artisticamente avalizado por gigantes de outras eras, como Bob Dylan e Bruce Springsteen, comercialmente bem-sucedido, com vendas de 12 milhões de cópias do LP *The Joshua Tree*, recebeu ainda o Grammy de melhor canção do ano com "I Still Haven't Found What I'm Looking for". É mole?

O grupo alcançou os mais altos degraus da popularidade pop, transferindo-se para estádios abertos cada vez maiores, à medida que a turnê do ano passado sofria as repercussões de uma presença maciça nas rádios, paradas e capas de revistas. Como as regras de conduta da indústria do rock prevêem, geralmente, que após períodos de imensa visibilidade como foi o ano de 87 para o U2 o artista deva se resguardar, para evitar um desgaste artístico ou um fastio do público, este seria o momento de Adam Clayton, Larry Mullen, The Edge e Bono colocarem as barbas de molho temporariamente.

O U2 chegou lá obedecendo suas próprias regras, resumidas na frase "se for verdadeiro, faça"

Mas como o U2 chegou onde chegou criando sua própria tábua dos mandamentos do rock — resumível em uma só frase, "se for verdadeiro, então faça" —, é mais natural, a esta altura, esperar o inesperado.

O inesperado, no caso, é um ano de visibilidade provavelmente superior ao de 87. Antes que 88 termine, o U2 terá lançado *Rattle and Hum*, um longa-metragem para o circuito de cinema com o registro, dirigido pelo jovem Philip Joanou, de três shows-chave da turnê *The Joshua Tree*. E, ainda, a trilha sonora correspondente, um álbum duplo que mistura faixas ao vivo e material inédito, produzido pelo mesmo Jimmy Iovine que já trabalhara com a banda em *Under a Blood Red Sky*. Para os brasileiros, além dos dois, também chegará o livro *The Unforgettable Fire· The Story of U2*, uma biografia extensa, ainda que pouco acurada, escrita por Eamon Dunphy.

A idéia do filme partiu da própria banda e de seu manager, Paul McGuiness. Numa entrevista à revista *Rolling Stone*, no final do ano passado, McGuiness explicou que para atingir todo o público que gostaria de assistir a um show do U2 a banda precisaria excursionar por quatro anos seguidos. Além disso, ele acreditava que todo mundo já estivesse "de saco cheio" daquela fita do show em Red Rock. "Chegou um ponto em que aquela fita começou a nos causar um certo constrangimento."

Com isto em mente, Michael Hamlyn, produtor de vídeo da banda, começou a selecionar vários nomes de possíveis diretores para rodar um documentário da turnê de 87. Não estava na lista de Hamlyn o nome de Phil Joanou, formando da Escola de Cinema da University of Southern California e, aos 26 anos, dono de um invejável currículo que incluía a direção de dois episódios da série *Amazing Stories*, criada e produzida por Steven Spielberg, mais um longa de sucesso nas bilheterias, *Three O'Clock High* (*Te Pego Lá Fora*, no Brasil). Mas Joanou sabia do interesse do U2 num filme e tratou de caçá-los. Quando, enfim, conseguiu se reunir com a banda, foi recebido com uma pergunta à queima-roupa, disparada por Bono: "Se você fosse fazer um filme do U2, que tipo de filme você faria?" A resposta de Phil — "Que tipo de filme você quer fazer?" — garantiu-lhe o posto. "Este filme é sobre um grupo que já está junto há dez anos", explicou Joanou numa entrevista em agosto, enquanto preparava a montagem final de *Rattle and Hum*. "É captura um momento da vida deles que resultou em músicas novas. É o contrário do que foram, por exemplo, *Bring on the Night*, do Sting, ou *The Last Waltz*, com The Band, que documentavam o início ou o fim de uma banda. É mais sobre um barato do que sobre uma história propriamente dita."

O filme se divide em duas partes distintas, espalhadas em 95 minutos os shows e as atividades extra-palco. Quatro shows diferentes foram rodados para as sequências ao vivo — dois em Denver, Colorado, mais dois outros, os últimos de toda a turnê, em Tempe, Arizona. Os dois primeiros foram filmados em preto-e-branco e os dois últimos em cores. Embora na maioria das vezes a banda deixasse de cabelos em pé a equipe comandada por Joanou — 70 pessoas ao todo, das quais 12 câmeras —, havia momentos, também, em que Phil (apelidado não se sabe nem por que nem por quem do U2 de "E.T.") conseguia "encenar" sequências coreografadas especificamente de acordo com suas necessidades cinematográficas. A própria sequência de abertura — usada, a partir de julho, como trailer nos cinemas americanos — é um "teatrinho", um a um, sob os acordes de "Where the Streets Have No Name", Larry, Adam, The Edge e Bo-

Anton Corbijn/Paramount

"Ser levado a sério é um problema. As pessoas dão importância demais, além da música, a tudo que fazemos. Isso pode ser ruim" (The Edge)

no vão tomando posições no palco. Em certo momento, Bono acena para o "público". Só que o público não estava lá. Talvez este bom comportamento fosse para compensar as armadilhas criadas por Bono para as câmeras. Num dos shows de Tempe, a combinação era a seguinte: a quarta música a ser tocada seria "MLK". No meio da canção, o contra-regra acionaria o mecanismo que faria girar uma cruz gigantesca. Pois no fim do terceiro número Bono resolve modificar a seqüência das músicas e, em vez de "MLK", empurra a banda para tocar "Out of Control", pelo menos dez vezes mais rápida que "MLK", nada relacionada com a elegia a Martin Luther King contida na canção originalmente planejada para o quarto posto da sequência, e menos ainda com a cruz gigante — que o contra-regra, alheio à mudança e ao repertório do U2, resolve girar de qualquer maneira.

Talvez mais interessantes que os próprios shows, as cenas fora do palco narram a passagem da banda por um território musical, social e político muito diferente de sua Irlanda natal. E registram as consequências desse périplo e do consequente fascínio da banda com a cultura americana. No início do ano The Edge contava em uma entrevista que, somente nas últimas duas turnês do U2, ele havia conhecido o que chama de a "América oculta", um lado do país "que não fica óbvio em uma cidade". Neste lado oculto ele teria encontrado "música que nunca chega ao rádio, que nunca chega a ser conhecida, de uma maneira ou outra, blues e música country. (Encontrei) também escritores americanos, gente como Raymond Carver, e vários escritores indígenas". Este fascínio com os Estados Unidos já era evidente em *The Unforgettable Fire* e no término de cada show da turnê *The Joshua Tree* com uma fita gravada de Jimi Hendrix tocando o hino americano em Woodstock. Mas, aos poucos, este fascínio viu-se transformado em verdadeira escavação cultural em busca de raízes e história. Alguns destes achados estão no filme: passeios pelo Harlem (antes de uma ida à igreja, para cantar com o coral local), gravações no Texas com B.B. King, gravações no lendário Sun Studio, em Memphis, Tennessee (onde já gravaram Elvis Presley, Jerry Lee Lewis, Al Green, Isaac Hayes e Otis Redding), visitas a Graceland (mansão onde morava Elvis), tudo registrado em preto-e-branco.

O que o filme registra também é a gravação de algumas das faixas do que Bono já chamou de "o primeiro álbum de rock'n'roll do U2" (e o que teriam sido os outros, então?). Faixas mais cruas do que seria de se esperar do U2, nascidas a partir do momento em que The Edge e Bono começaram a mergulhar nas raízes do blues através de contatos e colaborações com Keith Richards, faixas como "Desire" e "When Love Comes to Town". Ou covers como a de "All Along the Watchtower", canção de Bob Dylan que se transformou num dos bastiões do repertório de Hendrix. As sequências de show do disco também deverão surpreender, conforme espera Jimmy Iovine, porque, ao contrário de um álbum de grandes sucessos gravado ao vivo, o U2 gravou versões diferentes, com novos arranjos, de músicas de seu repertório. "É um disco agressivo", segundo Iovine.

Mais de uma vez os integrantes do U2 brincaram com a escala gigantesca de sucesso que alcançaram, uma posição que *Rattle and Hum*, disco e filme, só farão reiterar. Durante a entrega dos prêmios Grammy, por exemplo, Bono suspirou, reclamando que não era fácil ficar promovendo a paz entre as superpotências, zombando da própria aura sobre-humana que alguns enxergam na banda. Aparentemente mantendo sua cabeça coletiva abaixo das nuvens, o U2 tem conseguido cavalgar a fama, o poder e a bajulação reservados aos megastars sem cair nas armadilhas consequentes. "Este ano (1987) foi muito perigoso para o U2", dizia The Edge numa entrevista. "Em vários aspectos, agora somos um nome conhecido de todos. Mas, por outro lado, acho que isso nos torna um bem público como jamais fomos. Vimos o início da mitificação do U2, e isso pode se tornar complicado. Também existem muitas distrações agora, distrações financeiras. O dinheiro traz uma grande liberdade, mas muitos grupos não conseguem sobreviver ao sucesso financeiro. Então, há um problema em potencial. Ser levado a sério também é um problema e parece que as pessoas dão importância demais a tudo que fazemos, importância além da área musical. E acho que isso pode ser ruim."

Por *José Emilio Rondeau*, de Los Angeles

Seus ouvidos merecem mais do que este carinho:

Nova linha Gradiente 89.

Seus ouvidos nunca foram tratados com tanto carinho.

O **Double Strike** é um aparelho da mais alta tecnologia, que conseguiu um equilíbrio perfeito: possui um som que acaricia seus ouvidos a um preço que não castiga seu bolso. Este lançamento da **Gradiente** é tudo o que você queria ouvir do seu novo aparelho de som.

▶ **TV Sound**, exclusivo, com duas faixas de frequências para você sintonizar o som de todos os canais de TV (VHF). ▶ **Tuner** AM/FM

▶ **Duplo cassette-deck** com Continuous Play e Synchro Dub. Nunca foi tão fácil fazer cópias de fitas com tanta qualidade.

▶ **Equalizador** gráfico para 5 faixas de frequências. ▶ **Mic-Mixing (Karaokê).** ▶ **Entrada Aux/CD**, para que seu toca-discos laser, gravador videocassete, microcomputador ou teclado eletrônico tenham um som de verdade. ▶ **Toca-discos** Belt-Drive com retorno automático do braço. ▶ **Caixas acústicas**, Bass-Reflex de 2 vias, em duas versões BS60 ou BS80. ▶ **Rack** DS1 (opcional) com divisórias para discos. **80W** PMPO (14W RMS) de puro som.

▶▶ **Stereo Compact Disc Player** CDP 380 RC. Este opcional traz até você o som incomparável do Compact Disc. Controle remoto total. Memórias programáveis para 15 músicas. A função Repeat programa a repetição de uma música, uma sequência de músicas, todo o disco ou trechos musicais. A função Search localiza um determinado ponto dentro de uma faixa, em avanço ou retrocesso rápido com som. A leitura dos discos é feita por laser de feixe triplo.

Também fazem parte desta simpática família o **Starlet** e o **Strike.**

Strike

gradiente

A maior família de som do país.

TENTANDO LIMAR AS ARESTAS

T I T Ã S

De Montreux eles voltaram ora consagrados ora enterrados pela imprensa tupiniquim. Em Lisboa, um bom saldo: três shows, abrindo para a banda local Xutos e Pontapés. Para contar sua própria história falam Branco Mello, Charles Gavin, Paulo Miklos, Nando Reis e Sérgio Britto

BIZZ — *Parece que vocês mudaram os arranjos das musicas para fazer a apresentação em Montreux. Elas ficaram mais para o funk, reggae. Isso foi por causa daquela historia de acentarem melhor, lá fora, uma musica mais brasileira?*

Branco — Não

Nando — O que aconteceu foi o seguinte: o projeto, na realidade, surgiu em função de querermos resgatar musicas do nosso primeiro e do segundo LPs (*Titãs*, 84, e *Televisão*, 85) que tinham ficado mal resolvidas em termos de arranjo. E, também, eram gravações que, achávamos, tinham a ver com o nosso repertorio atual. Nesse processo de rearranjar, acabamos criando um grupo de canções, no caso as mais para o reggae — "Go Back", "Marvey", "Nao Vou Me Adaptar" e "Pavimentação", que era um funk. Não era nem visando o show de Montreux, mas sim um projeto anterior que foi descartado.

Britto — A gravadora queria porque queria fazer um disco ao vivo de Montreux. Nao tínhamos necessidade de fazer este ao vivo; pensavamos em gravar em estudio. Depois, conversamos muito e preferimos juntar o repertorio de coisas que poderíamos mudar alguns detalhes — como "Polícia" —, e essas musicas (*antigas*), que sao recriações.

Nando — E do jeito que ficou, com os novos arranjos, está forte, com novidades, significativo de uma nova fase dos Titãs, além de *Jesus Não Tem Dentes*.

BIZZ — *Falem um pouco desse projeto anterior, ou seja, o outro LP, caso não tivesse vingado esse ao vivo.*

Nando — Enche um pouco o nosso saco essa coisa que se criou em cima dos Titãs, de que eles nasceram com *Cabeça Dinossauro*, de que eles sao reivindicativos, que antes era uma bosta, e que viraram punks, o caralho a quatro. Tudo bem, há uma diferença de qualidade evolutiva no nosso trabalho no que diz respeito a nossos princípios. O primeiro e o segundo discos foram realizados seguindo uma mesma orientação — com a maior honestidade e fidelidade possível, dentro do que estavamos investindo. Também é ruim olhar para trás e nos sentirmos insatisfeitos. Somos insatisfeitos com esses discos no sentido de que tinham musicas, coisas, pontos que diziam respeito a tudo, ao complexo que são os Titãs, mas que deveriam ser devidamente enfocados, devidamente tratados por nós, Titãs. E, nesse sentido, era até uma coisa instigante, um certo desafio: você vai rearranjar uma musica que você acha que não ficou boa e não pode correr o risco de fazer um arranjo que você também não acha que ficou bom, incorrer num segundo erro a essa altura do campeonato. A gente tem um caminho coeso. Tudo bem, é cheio de acidentes e falhas, mas é a nossa evolução. Pó, e ali *(no começo dos Titãs)* tem algumas coisas que ainda sao as mesmas, às quais sempre nos remetemos para fazer aquilo que nos interessava.

BIZZ — *Vamos falar dessa linha evolutiva dos Titãs. O que eu tenho na cabeça é o seguinte: para onde caminham os Titãs? Para onde vai essa linha evolutiva?*

Nando — Não sei. Para mim a primeira ideia é a seguinte: a gente quer sempre se livrar do risco do auto-estigma, de se autocaricaturar, de virar uma soma — imagem de caricatura, de se prender mais à imagem dos Titãs do que à essência que forma essa imagem. Nesse sentido, sair da estética é sempre ousar, alargar, evidentemente tentando concentrar, fazer alguma coisa que nos interessa e que seja forte e solida. Não é ser eclético, não é reincidir, esgotar. É ir para a frente. E, por aí, não sei no que isso vai resultar. Esse LP *(o ao vivo)* tem alguma coisa amarrada: é um disco, não é um apanhado de hits. É um disco, que se chama *Go Back* e tem uma idéia fundamentada que é esta, de uma vez por todas, dizer: foi isso, somos isso passados seis anos.

BIZZ — *Ouvi boatos de que vocês foram vaiados em Montreux. É verdade?*

Todos — Nao

Britto — Acho até um certo exagero ficar dando demasiada ênfase a um show que demos em Montreux. O que saiu na *Folha (de S. Paulo)*, que o público é careta, o lugar parece um hotel cinco estrelas, isso é verdade, parece mesmo um saguão de hotel cinco estrelas. Mas o publico é jovem, adolescente e foi muito respeitoso com a gente — escutou nosso show inteiro, aplaudiu muito, dançou e, sem conhecer a língua, sem conhecer nada, pediu bis. Agora, obviamente, essa coisa de "Titãs conquistam Montreux" é tao ridícula quanto dizer que fomos vaiados.

Nando — Não estávamos na noite brasileira, onde realmente vai muita gente a fim de matar a saudade. Evidentemente nao fomos exaltados. O público que tinha lá era bastante diferente do que o que vai na noite brasileira, que é por onde as pessoas comparam, entende?

Britto — Eu acho engraçado. Por exemplo, se um jornalista da Suiça tivesse dito: "Ah, eles são realmente o máximo: a musica mais original que já ouvi nos últimos anos...", então aqui as pessoas falariam: "Ah, que maximo!" Ou se falassem que era a pior coisa, as pessoas diriam aqui: "Ah, que mínimo!" Quer dizer, teve duas críticas no jornal local de Montreux, onde falavam que nao tínhamos conseguido contagiar o público. Pura e simplesmente isso. Tratava somente da reação da platéia. Não fazia qualquer outro tipo de avaliação. E, mesmo assim, a meu ver foi uma avaliação errônea.

Branco — No disco você vê nitidamente este crescendo de entusiasmo da platéia. Para mim foi realmente um bom saldo.

Charles — Acho que as pessoas têm uma ideia muito deturpada do que é o festival de jazz de Montreux. Na época em que ele foi instituído, chegou até, por um bom tempo, a ser a vitrine do que se fazia em termos de jazz ou de qualquer outro tipo de musica no mundo. Mas eu vi que nao é bem assim, agora, nesse momento. Existe uma coisa que as gravadoras contam, planejam com um grupo que vai tocar lá — há um estudio, você grava um disco, grava um video. É uma opção de marketing. Acho que a única coisa boa do

Metade dos Titãs flagrada no estúdio de Londres, mixando seu *Go Back*

acontecimento é que a imprensa internacional freqüenta *mesmo* o lugar. Por exemplo, fomos entrevistados por um jornalista do Japão que conhecia os Titãs.

Nando — Na verdade, o único cara com quem tivemos contato da imprensa que fez uma análise do show do som.

Britto — Teve um cara de Zurique também.

Nando — Ah, sim.

Britto — Isso que o Charles estava falando: eu concordo em parte. É óbvio que você tocar no Festival de Montreux, atualmente, conta ponto. Você chega em qualquer lugar - Londres, Itália... — e fala que tocou em Montreux, o cara reage: "Pô, vocês tocaram em Montreux?" Quer dizer, conta para o seu currículo. Em termos de possibilidade de carreira internacional ou você é ser o ou você fica fazendo esse teatrão. Se quiser ser sério, você fala: "Pô, isso é um trabalho para seis anos". No ano passado a gente tocava no Rio para mil, mil e quinhentas pessoas. Levamos seis anos para conquistar o público que a gente tem aqui. Por que vamos voltar consagrados da Europa? Imbecilidade. Nos dispusemos a fazer um trabalho fora do Brasil porque achamos que nossa música tem essa possibilidade. Mas isso é um trabalho de anos.

BIZZ — *Além de Lisboa, vocês estiveram também em Londres. Vocês foram fazer contatos para shows ou apenas passear?*

Charles — Nós fomos ensaiar. E aconteceu um episódio que merece ser narrado. Um episódio triste e feliz ao mesmo tempo. Fomos lá para ensaiar, encontrar o Liminha *(produtor e que também toca guitarra no disco ao vivo dos Titãs)*, aprimorar os arranjos e, nesse interm fizemos uma visita ao Town & Country, um lugar que todo mundo deve conhecer, todo leitor da BIZZ deve ter ouvido falar. O Robert Plant tinha tocado lá há duas semanas. Eu já tinha falado com o manager do lugar, tinha dito que éramos uma banda brasileira e o cara: "Pô, que bom, vocês não querem tocar aqui?" Levamos disco, pastinha, o cara se interessou e ofereceu: "Gostei. Tenho duas datas para vocês. O BAD vai lançar o disco aqui e vocês poderiam abrir". Só que a gente tinha de tirar uma permissão para trabalhar, um *working card*, e a gravadora, as pessoas que assessoravam a gente na Europa, se mostrou ineficiente em conseguir esse *working card*. Não se empenharam muito nisso. A própria WEA inglesa nem tomou conhecimento da nossa estada em Londres.

Britto — Não é verdade. O cara *(manager da WEA inglesa)* tinha viajado.

Charles — Não, é verdade sim. Na minha opinião o cara deveria ter se empenhado.

Branco — Para tirar isso (o *working card*), sei lá, leva um mês e meio.

Charles — Mas houve ineficiência ou não houve?

Nando — Houve, mas a responsabilidade não é dele, cara.

Britto — O manager da WEA é um cara que se interessou, pelo menos escutou o disco da gente, o *Jesus* ligou duas vezes para o hotel, queria ver o ensaio. Acho que foi um desencontro.

Branco — Era uma coisa que ninguém esperava. Surgiu uma oportunidade e não deu para tocar. Tudo normal, mas não é nada de mais também. Seria legal tocar e não deu. Foda-se.

BIZZ — *Falem mais desse LP.*

Charles — Chegamos exatamente no dia de gravar o disco. Isso foi complicado para nós. Tinha um tempo para chegar o som, não sei se era cláusula contratual, mas na verdade não dispusemos do tempo de que precisávamos.

Nando — *(cortando Charles, que a essa altura já está meio irritado)* Não, não. Vamos enfocar detalhe por detalhe. A gente teve tempo. Comparado com o Hollywood Rock, a estrutura de ensaio também era rígida. Aqui pudemos contar com uma puta equipe, porque nossa aparelhagem é grande para caralho, para se chegar em x minutos, botar tudo ali e aproveitar o máximo de tempo possível. Lá, não tínhamos equipe para, nos 45 minutos de ensaio, montar nosso equipamento no menor tempo possível.

Charles — Eu ia chegar lá.

Nando — Porque não é assim, a inviabilidade era nossa também.

Charles — Eu sei, eu ia chegar aí, só que por outro caminho.

Paulo — Posso completar a partir daí? Quando fomos fazer o show, tocar mesmo, as condições que tivemos para entender exatamente o que estava acontecendo - retorno, som de palco —, foi uma coisa deficiente, mesmo. Então fizemos na garra. Não estávamos nos ouvindo bem, e isso é fundamental. Tivemos de abstrair isso e mandar pau. Só quando chegamos em Londres e ouvimos a fita é que pudemos constatar que tínhamos um disco.

Charles — Basicamente, foi assim: chegamos lá, e, como foi bem frisado, nossa equipe técnica era mínima e, em função disso, demoramos na montagem do equipamento. Nosso tempo de checagem de som encurtou e a pessoa *(responsável pelo som)* não foi aberta o suficiente para dizer: "Vocês precisam de mais tempo? Então vou ceder". Isso eles não fizeram, não cederam. Depois de tudo armado, ele disse: "Vocês têm duas músicas para ensaiar. Duas músicas e eu desligo a energia". E o cara fez isso mesmo — passamos duas músicas e ele, pá, desligou. E a gente foi para o hotel com duas músicas no bolso, sendo que tínhamos um disco para gravar.

Paulo — Interessante que entramos meio contrariados no palco, com raiva da situação: "Vamos subir e quebrar tudo aqui". Nesse espírito. Por quê, porra, qual é? Por um lado foi positivo para a nossa apresentação. Entramos para arrebentar.

Britto — *(servindo de mediador)* Isso são regras do jogo. É profissionalismo que tem lá e que não levamos em consideração.

Nando — É uma noção que não é só nossa. A gravadora, o empresário que vai nos levar tem de saber disso. Se precisamos de três, quatro, cinco,

dez técnicos, então tem de ser. Ou então não vai.

Branco — E a lei do mínimo esforço, de gastar menos. Então, em vez de levar os seis caras de que se precisa, levam-se dois. Dificulta tudo. Esse é o pensamento brasileiro mesmo e que temos de mudar para sair daqui. Agora, para mudar precisamos nos impor com o tempo. Não dá para sair logo de cara com um puta esquema.

BIZZ — *Voltando um pouco aquela coisa de linha evolutiva dos Tuás. O salto de* Televisão *para* Cabeça Dinossauro *é o que eu gostaria de entender melhor. Tá certo que já tinha "Massacre" lá mas. Lembro que na matéria do* Cabeça *vocês usaram inclusive a prisão do Arnaldo e do Bellotto para justificar o gás do LP. Todos disseram "Ficamos putos, fizemos um disco puto" etc. Mas eu acho que vai um pouco além disso.*

Britto — Acho a explicação para isso difícil, mas eu tenho a minha particular, que é um pouco a coisa que o Nando sempre diz que a evolução do nosso trabalho tem a ver com a nossa evolução pessoal. Quer dizer, acho que sempre tivemos uma coisa de ser um bando de gente, um bando de homens em cima do palco, e sempre foi uma performance curiosa e agressiva. Acho que nosso som antes do *Cabeça* era muito... soft, principalmente o registro em disco era muito soft. E nossas apresentações eram muito caóticas, uma loucura. Esse negócio de um som mais visceral foi uma necessidade que tínhamos de fazer uma coisa junto, com a qual nos identificássemos. Só não tínhamos realizado bem. Isso foi uma coisa que nos tranquilizou. Já garantimos essa cumplicidade meio de tribo. Isso dá tranquilidade para você fazer qualquer coisa... sei lá, fazer mais cool, ou mais... sei lá... Não sei se estou me explicando bem. Mas acho que resolvemos uma questão que na verdade era muito mais pessoal e isso resultou numa solução musical. Acho que é isso.

BIZZ — *Parece uma questão complicada.*

Branco — Já falamos disso há tempos, dessa coisa de palco. Desde o primeiro LP nossa performance era muito suja. Tínhamos um disco e as pessoas iam *(ao show)* e não entendiam: "Era a mesma banda que estava tocando? Era a mesma 'Sonífera Ilha'?" Acontece que o registro disso, por falta de *know how*, por não... saber se colocar.

Paulo — Não dá pra saber por quê.

Britto — Mas, enfim, essa explicação, sei lá se ela...

Nando — Ela é complexa. Evidentemente, do segundo para o terceiro disco foi legal, porque ficamos no estúdio muito mais tempo que nos outros, com um tipo de atenção, experiência, disposição, quase uma obsessão em criar um disco com uma unidade que a gente não tinha conseguido até então. E isso nos interessava. É uma composição de todos esses fatores.

Britto — Óbvio que tem vários outros fatores. Mas acho que a semente disso tudo talvez seja essa mesma — a nossa relação pessoal, de amizade, foi se fortalecendo.

BIZZ — *E esses vários outros fatores?*

Britto — Os outros são puramente musicais. O Nando segurou o baixo, toca baixo para caralho. O Charles entrou na banda, toca bateria. Eu fiquei só nos teclados e não sei o quê. Por exemplo, *Televisão* tinha uma diversidade que era inclusive uma ideologia nossa, de cada faixa soar como uma coisa distinta. E tem essa relação *(com a TV propriamente dita)* que não é errônea: de você ir mudando de canal e ver um filme de guerra num, vira, tem um desenho animado no outro. "Dona Nenê" e, depois, "Massacre".

Nando — A gente teve essa opção de, tudo bem, teríamos de frustrar alguns dos nossos desejos de abordar todas as opções musicais para nos concentrarmos em uma, e nos satisfazermos muito mais com a sofisticação e o enriquecimento dessas pequenas áreas que escolhêssemos. Acho essa a opção fundamental de *Televisão* para *Cabeça Dinossauro*. Pô, temos de criar uma linguagem nossa, que não seja dispersiva, tão cheia de elementos que, em vez de resultar numa coisa forte, acabe ficando sempre fragmentos de possibilidades. Acho que essa opção é muito clara como diferença. A gente não pode sustentar oito pessoas investindo naquilo que vai contra aquilo de que diferimos, do que não gostamos. Queremos achar um terreno comum onde transitemos com igualdade e com a mesma distância de individualidade.

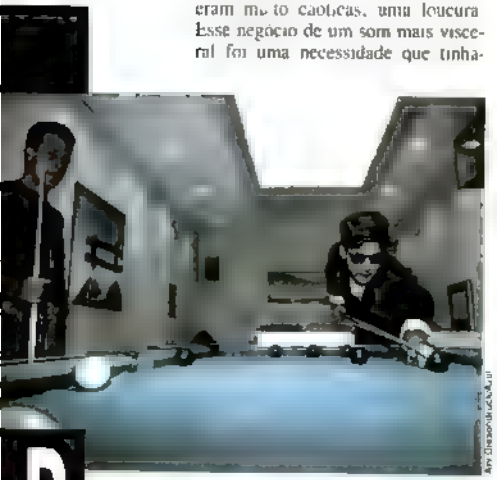
BIZZ — *Quer dizer que a tribo está mais coesa do que nunca? A história de saírem projetos duplos paralelos existe ou também não passa de boato?*

Nando — É boato, e não que não possa ser verdade. Mas é que não há tempo. Nos consome muito tudo isso que pretendemos como banda — de tocar lá fora, de querer resolver nossas questões, de gravar disco, de fazer show *direito* no Brasil, de lidar com imprensa, televisão... Cara, isso consome muito tempo para que você faça direito e de uma forma que não te destrua, que você se apresente decentemente, como você quer ser. É muita gente, então projetos assim *(dos Tuás saírem em duplas)* estão afastados na medida em que, pelo menos por enquanto, nos satisfazemos muito com o que a gente faz.

BIZZ — *Sei que não dá para saber o que vem por aí, ou seja, se o som será X, Y ou Z. Mas eu gostaria de acrescentar mais alguma coisa. Por exemplo, talvez uma somatória, o clima que vocês estão vivendo, passados todos esses anos.*

Britto — Acho que tem uma coisa de desprendimento. *Jesus* é uma consequência lógica de *Cabeça*. Aquilo era um germe que tínhamos de desenvolver. Agora, não sei. Acho que essa coisa de fechamento de ciclo é legal. Esses quatro, cinco discos fecharam um lance. Agora podemos fazer qualquer coisa. Nunca tivemos medo de arriscar. Quando você arrisca, acreditando naquilo que você está fazendo, acaba vingando, de uma forma ou de outra. Acho que ao menos não vamos decepcionar a nós mesmos.

Sônia Maia



Pausa para um relax: Frommer e Sérgio Britto de olho na caçapa

É só convidar que a qualidade e a tecnologia Philips entram no seu carro.

É o novo sistema de som Philips Car Stereo, totalmente digital, que oferece tudo aquilo que você sempre quis ouvir. Escute só o que ele tem de novo e exclusivo.

AUTOSTORE. A tecla que seleciona, sintoniza e memoriza automaticamente as 5 estações (AM ou FM) de melhor sinal na região em que você está.

CONTROLE REMOTO COM FIO. A um simples toque, sintoniza automaticamente a próxima estação.

AM STEREO, que permite a recepção das emissoras que transmitem em AM stereo.

15 MEMÓRIAS. Além das 5 emissoras memorizadas pelo autostore, memoriza ainda 5 estações em AM e mais 5 em FM de sua preferência.

Além de suas exclusivas inovações, a Philips incorporou ainda:

PLL Sintonia digital automática a quartzo em todos os modelos da linha.

Tape deck autoreverse

Hi Power com 60 watts de potência.

Line-Out. Saída auxiliar para amplificador ou equalizador.

IAC. Supressão automática de ruídos em FM e Loudness automático, entre outros.

Tudo isso você encontra no Explorer II, da linha Philips Car Stereo, que oferece também uma variada opção de alto-falantes, amplificadores e outros dois modelos de auto-rádios. Explorer I e Runner II.

Conheça a linha Philips Car Stereo.

E superproduza o seu carro.

Philips Car Stereo
O som que faz a diferença.

PHILIPS

A NOVA GERAÇÃO DO METAL

A revitalização do heavy metal trouxe à tona toda uma nova geração de grupos, assim como uma série de nuances de estilo. Pouco a pouco, eles vêm substituindo os velhos dinossauros na preferência das platéias mais ensandecidas do planeta. Com vocês, Anthrax, Slayer, Vixen — os novos nomes do insustentável peso do rock

Slayer, agressividade ao ponto omega para deixar "todo mundo doidinho

Anthrax: a banda de speed metal que fez sucesso com um rap [?!?!]. Pode?

Vixen: três blondes e uma brunette arrepiando a cena metálica masculina

"A maioria dessas bandas de metal que tocam por aí hoje em dia já está em atividade há muito tempo, desde 81. Todo ano, essas bandas lançam discos novos e saem excursionando, às vezes até fazem duas excursões por ano, passando basicamente pelos mesmos lugares. E isso vem acontecendo há sete anos... O que ocorre é que agora eles não estão mais lotando estádios. A garotada está querendo alguma coisa nova." A explicação é de Dan Spitz, principal guitarrista do Anthrax, popularíssima banda norte-americana de speed metal, que vem, aos poucos, reeditando o sucesso e a popularidade já alcançados na Europa e no Japão. Via telefone, de Nova York, Dan não está sendo corrosivo como o bacilo *(B. anthracis, que causa uma doença infecciosa em animais e no homem)* que dá o nome à banda. Pelo contrário, diferentemente do que acontece com tribos musicais muito fervorosas em suas convicções, o Anthrax é um grupo democrático em sua visão de mundo, de tolerância e sabedoria ruras. Tanto assim que o maior sucesso do grupo é um rap: "I'm the Man", uma faixa gravada de "gozação" que, apesar dos incontáveis palavrões, substituídos pela própria banda por "blips" para facilitar a execução em rádio, já rendeu mais de um milhão de dólares e superou as vendagens do LP *Among the Living*. O que Dan vê, na verdade, é o desenrolar da ordem natural das coisas — novas gerações sucedendo as anteriores e adaptando o mundo a sua semelhança.

"É aquela velha história", prossegue Dan, "veja só o que está acontecendo com a turnê *Monsters of Rock* (que reunia Kingdom Come, Dokken, Metallica, Scorpions e Van Halen): a banda que está vendendo maior número de camisetas na turnê é a Metallica. E olhe bem quais são as outras bandas da excursão. Vá andar hoje pela Europa... Toda a garotada está usando camisetas do Metallica e do Anthrax. Cinco anos atrás, esse mesmo pessoal estava usando camisetas do Iron Maiden. As coisas estão mudando", prevê Spitz, "o negócio é que fomos criados com aquele outro tipo de música, coisas como Iron Maiden. O que se ouve agora é o que está saindo de dentro de nós: muito mais agressividade."

"O que está saindo de dentro de nós" é o próprio alimento da eterna reforma do rock — cada geração tem dores, metas e paixões específicas e todos esses elementos são traduzidos ou espelhados por determinados dialetos musicais, linguagens que, por vezes, fazem sentido apenas para seus próprios criadores. O metal de hoje em dia não é apenas heavy: de soft a speed, de death a thrash, as variações são muitas, embora raízes comuns possam despontar em origens remotas. Ou seja, bandas que hoje disputam mercados diferentes e rezam por credos conflitantes poderiam muito bem estar ouvindo os mesmos discos, digamos, cinco anos atrás. A tradução dessa experiência comum é que difere. Daí a cena metal multifacetada que exclui, na maioria dos casos, duplicidades de gosto. Vá lá que os fãs do Anthrax gostem igualmente do Metallica, mas também podem cultivar lealdades cegas que eliminem desse rol de simpatias o Top 40 pesado do

Def Leppard; mas, por outro lado, talvez não gostem do Anthrax os fãs do também norte-americano também speed, mas anos-luz mais radical Slayer. Conforme seu baixista Tony Araya, entre goles de Coca-Cola no pub angeleno Cat'n'Fiddle, no coração de Hollywood, eles pretendem "assustar as pessoas, deixar todo mundo doidinho". Para os fãs do Slayer, o Anthrax poderia ser meloso demais.

Se o novo álbum do Anthrax, *State of Euphoria*, tem faixas que caberiam corretamente no repertório dos Red Hot Chili Peppers — comprovando um saudável curto-circuito de dialetos — e refletem uma vocação experimental apenas insinuada por "I'm the Man", as de *South of Heaven* o primeiro lançamento do Slayer desde que trocou a Columbia pela Geffen Records, são de uma intransigência violenta e desconcertante: é detectável a presença de maior número de melodias (Araya mais canta do que grita desta vez), mas os temas e o turbilhão descontrolados de guitarra, bateria e baixo são tão

O metal de hoje não é só heavy: de soft a trash, as variações são muitas

repelentes e agressivos aos não-iniciados quanto as letras que acompanham títulos como "Fantasmas da Guerra", "Grito Silencioso", "Suicídio Mandatório". "É um pouco mais suave", brinca Araya, "mas ainda é Slayer."

"A gente não se preocupa, de maneira nenhuma, em fazer músicas para o rádio", acrescenta Jeff Hanneman, guitarrista do Slayer, corroborando a opinião de Dan Spitz, que explica que o Anthrax não é "uma banda para o rádio". "A-Ha e George Michael são artistas de rádio. Nós não, nem podemos depender do rádio — nos tornamos conhecidos pelo boca a boca." A dissociação das bandas de speed do listão das emissoras é tanta que se, eventualmente, o sucesso bate-lhe à porta, pode até ser posto para correr.

No ano passado, o Slayer tornou-se nacionalmente conhecido nos Estados Unidos por causa da versão do clássico metálico-mongolóide "In-a-Gadda-da-Vida" que gravou para a trilha do filme *Abaixo de Zero*. A FM KNAC de Los Angeles — cujo mote é "rock puro" — abraçou a canção de tal maneira que transformou a num hit. Durante seis semanas seguidas, o "In-a-Gadda da Vida" do Slayer foi a mais pedida dos ouvintes da KNAC. Araya e Hanneman reclamam que os ouvintes estariam, na verdade, pedindo que fossem tocadas músicas do Slayer, mas os disc-jóqueis ignorariam os pedidos e trocariam a seleção por "In-a-Gadda-da-Vida". "Gravamos essa música de piada, de brincadeira", conta Hanneman. "Aprendemos a música um dia antes de entrarmos no estúdio, mal ensaiamos e gravamos tudo praticamente de uma só vez." A faixa só não teve mais sucesso porque a Columbia recusou-se a lançá-la em compacto e impediu que a Geffen pudesse fazê-lo. Para se ter uma idéia do tratamento que recebe essa faixa por parte do Slayer, basta comparar com o ocorrido com "I'm the Man". Hoje, esta é a música mais longa dos shows do Anthrax. Em contrapartida, o Slayer se recusa a tocar seu "hit" ao vivo.

A atitude do Anthrax é bastante diferente e corresponde a uma abertura e a uma inteligência só comparáveis as do Metallica. Há poucos meses, o Metallica lançou um EP com covers de músicas que inspiraram o início de sua carreira. E, agora, o Anthrax preparou, além do *State of Euphoria*, um punhado de singles cujos lados B são covers que, a sua maneira, homenageiam o passado e rechecam raízes: "Friggin' the Riggin'" (dos Sex Pistols, com a letra modificada para homenagear os *roadies* do Anthrax), "Sex" (do Trust) e "Parasite" (do Kiss). Ao reconhecer artistas do mainstream como Kiss e Bon Jovi ("se alguém consegue vender 10, 12 milhões de discos, deve estar fazendo alguma coisa certa", raciocina Dan), o Anthrax reafirma seu próprio lugar na cena metal.

"Esses artistas estabeleceram um padrão", diz Dan, "anos antes de nós. Eles passaram por todos os testes. Eles estabeleceram o que o heavy metal provocaria na garotada, que visual ou palcos deveriam ter, como os shows deveriam ser." Esse estabelecimento de padrões foi bastante auxiliado pela MTV, que bombardeia milhões de lares nos Estados Unidos, Europa e Japão com 24 horas diárias de parada de sucesso. Como as paradas têm franca predominância hard rock, artistas como Bon Jovi, Kiss, White Lion, Def Leppard e Guns n Roses — para citar exemplos recentes — reinam. Isso ajudou a impulsionar a carreira de bandas ascendentes. Mas também criou armadilhas bastante peculiares.

"Por causa da MTV, as bandas precisam se preocupar muito mais com o visual", conta Share Pedersen, baixista da estreante Vixen, a primeira banda feminina de metal contratada por uma grande gravadora — no caso, a EMI-Manhattan — desde as Runaways, que deram ao mundo Joan Jett e Lita Ford. "Os shows precisam ser mais sensacionais, você mesma precisa ter um visual melhor, precisa sempre parecer 'para cima' no palco. O público está acostumado a ver um clip de três, quatro minutos, com um monte de ação atulhado naquele curto espaço de tempo. Se essas mesmas pessoas vão a um show para ver uma porção de músicos parados, acabam se desapontando. Preferem ficar em casa assistindo a um vídeo pela TV."

Com apenas dois anos de existência, a atual formação do Vixen combina a bossa melódica do pop metálico com a ferocidade típica da cena dos clubes angelenos. Seu álbum de estréia tem colaborações igualmente variadas, do "babaca" Richard Marx (um Fábio Júnior mais pesado) a Fee Waybill (ex-Tubes), a Vivien Campbell, guitarrista do Whitesnake, que duela com Jan Kuehnemud, do Vixen, na faixa "Desperate", a Jon Butcher. Se muitos metálicos radicais como Araya, do Slayer, acusam grupos como Bon Jovi de "um bando de garotos bonitinhos", são justamente essa e outras razões que explicam o atual sucesso do metal, segundo Share, um estado de coisas que acaba trazendo à baila todas as colorações do metal. "Os músicos são muito melhores do que os de dez anos atrás", explica Share — ela mesma uma ex-professora de baixo em Los Angeles. Ou como acredita Janet Girdner, vocalista do Vixen, a razão esteja na própria platéia. "O rock pesado tem os melhores fãs do mundo inteiro", conta ela, entusiasmada. "Veja só as camisetas, a paixão dos fãs vem estampada no próprio peito."

José Emílio Rondeau,
de Los Angeles

Eu usava óculos desde pequena. Mas eles tiravam minha liberdade. Por isso mudei para as lentes de contato Bausch & Lomb, que são as mais finas do mundo. Elas não custam caro, e são tão confortáveis que eu saí com elas no primeiro dia. E ainda me dão liberdade para praticar meu esporte, agitar mais a vida, ser como eu sou. Eu nasci assim.

Conheça também as lentes de uso prolongado exclusivas da Bausch & Lomb. Muito mais conforto para você.

BAUSCH & LOMB

COB

PATROCINADOR DA EQUIPE OLÍMPICA BRASILEIRA DE 1988

OS DOIS LADOS DO PRESENTE.

LADO A — Aqui está você, escolhendo um disco para presente. Tocando num presente assim você nunca vai passar em silêncio. Afinal, disco agrada a todas as faixas de pessoas.

LADO B — Deste lado está o presenteado, ouvindo toda a emoção da sua escolha. Porque quem ganha um disco de presente sempre fica com um sorriso de lado a lado do rosto.

O PRESENTE QUE TODO MUNDO GOSTA

abpd
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DOS PRODUTORES DE DISCOS

GUETO

PÉ NO CHÃO

DA PISTA DE DANÇA

Eram quatro, agora são cinco. Eram para ser os representantes do rap no Brasil, agora vêm com E Agora Para Dançar? - um disco para roqueiro nenhum botar defeito. Edson, JC, Márcio, Marcola e Valdir (o mais novo membro, tecladista) fazem uma avaliação extensa de tudo o que aconteceu entre Estação Primeira e o novo LP

BIZZ — *Que expectativas vocês tinham em relação ao primeiro disco, Estação Primeira?*
Edson — Aquelas que a gravadora deu para a gente... *(risos)*. A banda tinha seis meses, gravar um disco já era uma puta coisa legal. Você, com toda a sua falta de experiência, acredita em tudo o que te falam e não é bem isso... A inexperiência da banda faz com que você acredite num ufanismo, tipo vai acontecer, vai dar certo
Márcio — Ah, mas acho que isso foi mais por parte da gravadora Porque pelo que acontecia realmente, pelas radios e pelo publico, a gente imaginava que ia acontecer, que a gente ia vender legal mas que não ia ser um puta estouro logo de cara
JC — É, mas eles estavam esperando isso A gente nem estava esperando tanto, mas a gravadora estava. Tanto é que o orçamento do nosso primeiro disco foi o de um disco estourado, tipo um Roberto Carlos. Eles gastaram uma puta grana, a gente ficou quase três meses no estudio
Edson — Tudo que a gente falava, imaginava, podia. A gente pensava num trombone: "Ah, vamos chamar o Raul de Souza". Para a gente, na pior das hipoteses, isso acabou sendo lucro. O único problema é que a gente ficou meio traumatizado porque uma hora a gente teve que pôr o pé no chão
Márcio — Nos gravamos no Plano Cruzado e lançamos o disco no começo da volta à inflação. Foi bem difícil, mudou tudo de uma hora para a outra
BIZZ — *Quer dizer entao que as expectativas da gravadora foram por agua abaixo?*
Edson — Tem mais coisas que rolam.. Naquela época, a gravadora estava avaliando que o rap ia estourar e o Gueto era um representante "Kátia Flávia", diz o pessoal lá da gravadora, estourou sem fazer esforço, e, obviamente, quando alguma coisa estoura sem esforço, é aí que a gravadora faz divulgação em massa — põe em novela, faz propaganda etc. Esse estouro de "Kátia Flávia" atrapalhou a gente
JC — Além disso, a gente não é uma banda rap. Tem só uma música mais rap, "G*U*E*T*O", que a gente não concordava que fosse a música de trabalho. E, a gente não foi muito bem trabalhado. Mudou o pessoal da divulgação de rádio, puseram uma tonta lá que nao fazia nada, ficava lixando a unha o dia inteiro Eu achei que o nosso primeiro LP foi supermal dirigido
Edson — Se fosse feito o LP com a metade da verba e a outra metade para divulgação, teria muito mais resultado
BIZZ — *Bem, tudo isso é a parte da gravadora. E vocês, entraram nessa trip de superprodução e se decepcionaram?*
Edson — A gente ficou meio traumatizado . A gente teve uma experiência de produção que não condiz muito com a realidade da banda. Então, resolvemos partir para um outro processo de gravação nesse novo disco Resolvemos gravar mais como uma banda E também tem o lance da introdução dos teclados que ajuda na composição harmônica, fica mais cheio
BIZZ — *Como é que o Valdir entrou?*
Valdir — Eu já conhecia o pessoal antes — eu ia muito em shows, era fã. Em janeiro deste ano, eles me convidaram para participar de um ensaio e eu topei
Edson De fevereiro a maio, a gente fez oito musicas novas Esse foi um outro problema do *Estação Primeira*, a gente ficou batalhando tanto, fazendo shows, que, na hora de gravar o próximo LP, a gente nem estava preparado para isso. Essas composiçoes *(do disco* E Agora Para Dançar?*)* foram feitas no maior gás Claro, a gente já tinha idéias, letras, mas é difícil o processo de composição
JC — Nós gravamos e mixamos num mes Trabalhamos todos os fins de semana A gente queria muito gravar no Nas Nuvens com o Paulo Junqueiro e ele tinha algumas coisas para fazer — ele acabou de gravar a gente e foi para Portugal no dia seguinte produzir o Xutos e Pontapés. Então, se a gente quisesse fazer naquele estúdio e com aquele produtor, a gente tinha que gravar em um mês, naquelas condiçoes. O resultado eu achei bom... Você nao achou?
BIZZ — *Eu achei que o som ficou mais simples do que era no primeiro disco*
JC — Mais simples... É, no outro a gente usou bastante sampler, bateria trigada. Esse foi bem rock'n'roll
Edson — Nós tentamos melhorar coisas que foram falhas no primeiro disco, melhorar os arranjos, as letras
Márcio — O que mudou nesse disco foi que não teve participaçoes
JC — É, a gente fez tudo
Edson — Se a gente quisesse chamar participações especiais, até podia chamar, a gente até poderia, mas pelos arranjos a gente achou que nao tinha necessidade. A gente queria o Gueto, a banda que faz sucesso em show Procurar a simplicidade do Gueto dentro do disco, uma coisa que no *Estação Primeira* não tem
JC — É arriscada essa história de ter muitas participações no disco, a não ser que você tenha muito tempo; daí, dá para estudar com calma
Edson — A gente também pode estar numa fase de curtir umas coisas mais vazias e de repente, no próximo disco, mudar isso. Não tem

uma coisa aprisionada, é uma questão de época. Acho que todo artista pop tem esse direito de mudar o seu trabalho

BIZZ — *Edson, você falou que o artista pop tem o direito de mudar o seu trabalho. O que mudou no Gueto, além dos acertos técnicos?*

Edson — Toda vez que se faz um disco, no próximo se pretende uma evolução. Tem que fazer um trabalho que soe bem, que você coloque na vitrola e seja audível — e no nosso caso a gente tem a ambição de fazer um som moderno — e que também soe bem no rádio. Nas rádios tem compressores, mil coisas que alteram o som. O *Estação Primeira* que tem um puta som na vitrola da sua casa, no rádio não soava com definição, principalmente o vocal. E no Brasil, e acredito que no mundo, todas as pessoas estão a fim de ouvir

"Todas as bandas depois do plano cruzado não venderam"

a letra, o vocal. Se você pegar o Brasilzão afora, as pessoas que não têm muita informação musical que vem ouvir o vocal. Esse próximo vai ser mais definido. Ah, você tinha perguntado das mudanças. Eu acho que a gente conseguiu manter a personalidade do trabalho

JC — A gente é uma banda de rock, pô! Tem baixo, tem guitarra, tem bateria, tem vocal, a gente ensaia sempre junto, compõe as músicas junto. Hoje em dia, com essas coisas de house music, de tecnologia, isso não é muito comum... Música de sucesso tem bateria eletrônica, tem uns detalhes e depois vem a melodia, isso que é uma produção moderna. Esse tipo de produção foi tentada no primeiro disco, mas, como a gente não era isso, foi por isso que a gente não gostou muito, e que não funcionou direito

BIZZ — *Tentou quem? O produtor?*

JC — Sim, o produtor. "Vocês são uma banda moderna, então vamos ter que gravar moderno." Não sei se é isso... Você pega o Talking Heads, não tem um exagero de produção. A gente não devia ter feito esse tipo de coisa

BIZZ — *Então, talvez em função desse tipo de produção é que puseram vocês no balaio do rap?*

Edson — Eu acho que você pegou num ponto legal. O Gueto, não vamos negar, estava superinfluenciado nessa época pelo hip hop — e a gente continua ouvindo até hoje —, mas com a sonoridade de uma banda de rock, não com a sonoridade de uma banda de hip hop

JC — No hip hop é tudo eletrônico. Pô, o Edson toca bateria, porque vamos gravar com bateria eletrônica? A gente compôs a música com bateria acústica, então ela tem que ser gravada como ela foi feita, não pode fugir do padrão da banda. Isso é que falta aqui no Brasil, um produtor que entenda o que a banda faz e grave como tem que ser

Edson — Tem experiências interessantes mesclando as duas coisas, usando efeitos em cima daquilo que é acústico, dá para conseguir timbres interessantes. Basicamente os timbres modernos, de bateria eletrônica, estão tentando cada vez mais chegar próximos da bateria acústica. Então para que? Se eu estou lá me esforçando? A gente está caminhando mais em direção à personalidade da banda.

BIZZ — *Boa, então defina. Qual é a personalidade da banda?*

JC — A gente é uma banda de rock que gosta muito de música negra

Edson — É isso aí. Uma banda de rock branca

JC — ... metida

Edson — que gosta de música negra, não só de funk

BIZZ — *O que vocês acham do que está acontecendo no rock nacional agora?*

Edson — Agora está totalmente ligado à situação política do país. A gente ouve cada coisa que dá medo, a coisa está indo para um buraco negro, ninguém sabe o que vai acontecer. A própria invasão do brega... Todo mundo fala que o rock vai sobreviver, mas amedrontado... Os poderosos das rádios FMs é que mandam no gosto do povão. Se os caras inventarem acabar com o rock, vai existir o rock de uma outra forma, mas não vai existir mais ao nível de Paralamas e Legião venderem oitocentas mil cópias, estouros tipo RPM. Se bem que essas bandas, embora toquem rock, já estão no contexto da MPB. Não vai existir um grupo pop brasileiro com uma concepção americanizada ou inglesa... Não sei, acho difícil

Marcio — O Gueto não é uma banda do Plano Cruzado. Todas as bandas do Plano Cruzado venderam, todas as bandas depois do Plano Cruzado não venderam

JC — Todo mundo gosta da gente quando vai ao show. Acho que falta um apoio da mídia, tipo a mídia comprar a gente

BIZZ — *Você acha que dá certo só se a mídia comprar? Como a* Folha de S. Paulo *com os Tuás?*

JC — Não só assim não, mas é um processo mais demorado.

JC — O que acontece aqui é que tem uma distância muito grande entre a imprensa escrita e a mídia de rádio. A crítica é mais informada, pesquisa mais. O pessoal de rádio vai mais pelo que pega

Márcio — O legal disso tudo é que as pessoas que a gente conquista são pessoas que vão ao nosso show e gostam. E essa propaganda é ótima. A melhor propaganda da gente é a gente mesmo.

BIZZ — *Vocês fizeram uma letra politizada em "Balaio de Gatos", coisa que vocês nunca tinham feito. A letra reflete uma preocupação nova de vocês?*

Edson — Acontece que a gente é superera 70, pela idade é todo mundo setentão. Todo mundo viu essas mudanças, eu vi o Brasil sendo campeão, eu vi o Brasil virando um país rico, eu vi meu pai ganhando grana e eu vi tudo isso mudando. Então era importante retratar toda essa situação e colocar o nosso pé atrás com o que está para vir

JC — Essa letra fala do Plano Cruzado, é uma letra meio histórica. A gente sentiu que a situação está uma merda, então a gente fez uma letra sobre isso.

Edson — Foi o que a gente passou, é o que a gente está passando

Marcola — Eu acho ela legal, porque ela é uma letra política com uma música para dançar. É difícil fazer isso.

Bia Abramo

ROXY MUSIC

DE VOLTA AO FUTURO

♦ P A R T E I ♦

A banda mais influente dos anos 70? O assassinato impiedoso dos anos 60? O foco em "estilo", "look" e "citação" que gerou os 80? Os leitores pediram e aí vai a saga da "Música Roxy" e seu crooner de coração incicatrizável, Mr. Bryan Ferry

Fotos Divulgação

"Um incrível pastiche de baladas adolescentes tipo Dion & the Belmonts completo com o bafo do sax, mais um toque do bom e velho psicodelismo, um rock leve meio moderno, com uso extensivo do sintetizador. Poderia ser a última das bandas-salada, em vez disso, tudo parece encaixar — uma nova música criada a partir dos restos da velha."

Palavras de um entre os críticos encarregados da estreia em vinil da Música Roxy.

Lançado a 23 de junho de 1972, *Roxy Music* exibe — desde a primeira faixa, "Re-make/Re-model" — um pop que, com toda a pretensão à eterna juventude, percebe que já tem sua história e sua tradição. Décadas de pop, quase um século inteiro não só na música como mais ainda no cinema, no design dos conversíveis americanos, nos catálogos das agências de viagens, nas donzelas sorridentes que anunciam pasta de dente.

Canções compostas em um fogo-cruzado de clichês, deslocados de contexto e esfregados um contra o outro. Fragmentos, alusões, referências, citações explícitas, mas a maioria implícita, oculta pelo sorriso cínico de um *bon-vivant* nostálgico — a *persona* Ferry — e resgatada de volta ao futuro pelos efeitos e tratamentos eletrônicos de um cadete espacial hermafrodita — a figura Eno. A última das bandas-salada estava mais para primeira das bandas-colagem.

Bryan Ferry nasceu em Washington — não a capital norte-americana e sim uma cidadezinha próxima de Newcastle, no norte da Inglaterra — em 1945, mais precisamente em 26 de setembro. "O mesmo dia de T.S. Eliot e George Gershwin", como gosta de lembrar.

Ainda na adolescência, chegou a ser vocalista de uma banda da "noite" local, chamada Banshees, abandonada assim que entrou para a Faculdade de Belas Artes da Universidade de Newcastle, em 64.

Sua paixão pelo soul e pelo novo rhythm'n blues dos selos Stax, Volt e Atlantic — uma febre na Inglaterra da época — vinha em segundo lugar, depois das aulas de pintura, gravura, escultura. Mas nas horas vagas Bryan passou a cantar com o Gas Board, formado no campus e dedicado a covers do pop negro americano, principalmente o repertório de Otis Redding. A medida que seu curso ia exigindo mais tempo, descartou também esta banda e, em 68, com o diploma na mão, mandou-se para Londres.

Na capital, Bryan chegou até a montar duas exposições de seus trabalhos em cerâmica, mas logo foi ficando cético em relação à sua capacidade de penetrar no restrito-quase-fechado circuito das artes plásticas. Enquanto isso, pagava o aluguel através de bicos: dirigir um furgão de entregas, restaurar antiguidades e dar aulas de cerâmica num colégio feminino.

Foi em algum ponto de 69 que ele descolou um piano e se trancou em seu apartamento, decidido a aprender o instrumento o suficiente para começar a compor.

Diz a lenda que, um ano depois, já tinha em torno de uma duzia de canções e um baixista, Graham Simpson, colega do Gas Board que também havia se mudado para Londres.

O verdadeiro núcleo do Roxy Music começaria a se definir com a entrada de Andy Mackay, indicado por um amigo de Ferry a quem ele tinha reclamado das dificuldades de encontrar alguém que tivesse um sintetizador. Mackay, por sua vez, músico de formação erudita, tocava mesmo sopros variados — oboé, clarineta e saxofone —, que dariam um colorido especial ao som da banda. Seu sintetizador, o hoje pré-histórico Vovetra VCS3, que ele nunca chegara a decifrar, acabaria sendo pilotado por um conhecido, chamado Brian Peter George St. John Le Baptiste de La Salle Eno.

Assim como Ferry, Eno havia começado pelas artes plásticas, até descobrir as possibilidades de manipulação do som através de gravadores de rolo: a música concreta. E, durante o período em que integrou o Roxy, o sintetizador era apenas um elemento, utilizado com rigorosa economia, em sua paleta de "efeitos", composta também de três rolos, um cassete, geradores de sinais, *mixers* e processadores (um *delay* e um compressor). Um enfoque conhecido na vanguarda da música contemporânea, mas inédito no universo rock, no qual "eletrônica" era sinônimo de Keith Emerson e Rick Wakeman, ou "o barroco enfiado na tomada".

O Roxy safra 73. Em pé, da esquerda: Paul Thompson (bateria), Mackay e Jobson. Sentados: Ferry e Manzanera

Enquanto a banda não ficava pronta, Bryan chegou até a fazer um teste para vocalista do King Crimsom. Felizmente, quem passou foi Boz Burrel (que ainda integraria o Bad Company) e o Roxy voltou a germinar com a entrada de David O'List (ex-Nice) na guitarra e Paul Thompson, contatado através dos classificados do *Melody Maker*, na bateria. Ainda não era a formação que estrearia ao vivo e em disco como Roxy Music: O'List acabaria pulando fora (reaparecendo posteriormente nos discos solo de Ferry) e a guitarra seria ocupada por Phil Manzanera, cujo único currículo era a participação numa obscura banda instrumental chamada Quiet Sun. Com sua entrada, em dezembro, a Música Roxy estava pronta para decolar.

A passagem de 71 para 72 foi um momento histórico nas ilhas britânicas. Tudo aquilo que ainda não havia morrido no psicodelismo havia se transformado em "progressivo" — outra realidade, fora das ruas, das TVs e das rádios. Estas, por sua vez, chafurdavam em pop do mais debilóide e meloso — e nomes como Middle of the Road, Dawn e os New Seekers seria melhor esquecer.

Quando, em novembro de 71, Marc Bolan apareceu no *Top of the Pops* — espécie de *Globo de Ouro* das ilhas — com um paletó de cetim rosa e plumas de avestruz para dublar "Ride a White Swan", chocou o *establishment* pop/roqueiro, mas conquistou toda uma geração, que contava então com 13, 14 anos. Depois de anos batalhando como cantor/compositor meio *folk hippie*, Bolan passou a tocar para multidões histéricas — algo que, na época, parecia ter morrido com os Beatles.

Foi só o estopim. Seu amigo David Bowie — outro que vinha há tempos tentando ser o Dylan inglês - pegou a deixa e também se alojou na constelação das superestrelas. De repente, *jeans* era coisa de velho e "futurismo" e/ou "androginia" estavam nas ruas, nas roupas de garotos e garotas de todas as classes sociais e cantos das ilhas.

Que o Roxy Music finalmente viesse à luz durante esta virada de ano e de história mostra no máximo alguma sintonia com a falência do rock dos anos 60. Basta reouvir hoje só alguns sulcos de *Roxy Music* (*Discoteca Básica*, BIZZ 15) e de *Ziggy Stardust* (Bowie, 72) para sentir qual está mais fresco.

A ascensão foi meteórica: meia dúzia de shows, uma sessão no programa *Sound of the Seventies*, de John Peel, uma entrevista ao *Melody Maker*, e assinavam com o Island Records. Março de 72 já os encontra em estúdio, tendo como produtor o ex-letrista do King Crimson, Peter Sinfield. Mesmo assim, prosseguiam com apresentações em pequenos clubes, onde Ferry aprimorava o *roxy look*, ou as "roxy plásticas". Foi sua também a concepção da capa "pip-up no boudoir", que se tornaria uma marca registrada dos discos da banda. Richard Williams, do *Melody Maker* outro encarregado de """criticar""" o LP —, gastou todo o primeiro parágrafo descrevendo languidamente a capa, antes de qualquer "consideração" sobre o recheio. E é bem capaz que seja a primeira capa com crédito para "Roupas, Maquiagem e Cabelo" — por Anthony Price, ou "o alfaiate de Bryan Ferry", como era procurado pelo batalhão *new romantic* que o tornou milionário.

(Na gravação, já estão de baixista novo — Rik Kenton —, e daí para frente este seria um cargo de alta rotatividade — Johnny Gustafson, John Wetton, Rick Wills e Gary Tibbs passaram pelo posto.)

A sensação... invadindo a TV no verão de 72. Ao vivo, tocando "Ladytron" no "roqueiro" e "sereno" programa *Old Grey Whistle Test*; dublando o playback no "pop" e "comercial" *Top of the Pops*, de "Virginia Plain", um *hit single* memorável — rock'n'roll safra 50's com breques para as intervenções de Eno, rasgadamente dançante, e uma letra celebrando o prazer e a América, da vida artística de Nova York aos cassinos de Las Vegas, com escapadelas para Acapulco e Rio de Janeiro. "Aonde me levar meu Studebaker, é lá onde eu armo o meu palco... e, assim como flamingos são idênticos, eu e você, só nós dois, temos de procurar por algo novo..."

Os anos 70 finalmente tinham começado.

Turnês — Grã-Bretanha, Europa, Grã-Bretanha, EUA, Grã-Bretanha... — mais um álbum brilhante *For Your Pleasure* (logo no terceiro lugar da parada inglesa) — e um segundo *hit* — "Pyjamarama" (decimo na parada de compactos). Assim corria o Roxy quando foi anunciada a saída de Eno.

A brilhante trajetória solo de Eno como compositor e produtor deveria bastar como atestado de que não havia lugar para ele no Roxy nem em nenhuma outra banda. Toda a tensão entre ele e Ferry que procedeu sua saída tende a ser natural quando há duas potências criadoras, cada uma com uma visão de "música", na mesma barca. O Roxy era um bebê meticulosamente planejado e concebido por Ferry; quase todas as músicas e composições eram suas — fora as esporádicas parcerias com Mackay e Manzanera.

Nas palavras do próprio Eno:

"Basicamente, os problemas nasceram do fato de sermos muito parecidos — ambos de formação quase idêntica, com um enfoque musical muito semelhante, no sentido de sermos não-músicos, trabalhando mais pelo ângulo das ideias do que pelo material musical".

Nos bastidores, chegou-se ao pon-

PHILIPS

Mais uma vez a Philips ultrapassa os limites: está no ar o Double Sound Machine, a mais nova máquina de emocionar, que você leva aonde estiver a fim. O lance do Double Sound Machine é transformar Música em emoção. Realidade em ficção.
Double Sound Machine, o Micro-System portátil que promete no design e cumpre no desempenho. Confira.

- **Double Deck com High Speed Copy.** Para você copiar de fita para fita em alta velocidade.
- **Continuous Play.** Para tocar você tocando até duas fitas direto, sem intervalo comercial.
- **Equalizador gráfico.** Super-recurso. Tem logo 5 bandas de controle para você transar os graves, médios e agudos do jeitão que você gosta.
- **Tuner 4 faixas.** Cheio de onda, esse tuner pega bem em FM, OM e mais duas faixas de ondas curtas.
- **Caixas destacáveis.** Juntinhas ou separadas, o som é massa.

PHILIPS

Kari-Ann Moller

Amando Lear

Marilyn Cole

Duas alemãs anônimas, encontradas por Bryan Ferry em férias no Mediterrâneo

Jerry Hall

to de Ferry dizer que nunca mais subiria no palco com ele. A verdade é que Eno tinha em cada platéia fãs mais do que qualquer outro. Alguns críticos da época — como Tony Tyler, do *NME* — chegaram a prever a decadência do Roxy e a ascensão de Luana and the Lizard Girls, a banda anunciada após sua saída.

Eno foi "substituído" às pressas, as vésperas (julho 73) da banda entrar em estúdio para a gravação do terceiro LP. O eleito: Eddie Jobson, moleque-prodígio no violino e teclado revelado pelo Curved Air. A presença eletrônica não só ficou mais discreta como mais convencional, em compensação, o violino caiu como uma luva e um espaço maior foi aberto para as filigranas de Mackay e Manzanera. Passando por diferentes formações e diferentes fases, o Roxy se cristalizou — até seu adeus definitivo, em 83 — em um núcleo formado por eles e Ferry.

Eno não foi o único a inaugurar uma carreira solo em meados de 73. *Stranded*, o terceiro LP do Roxy, foi precedido por *These Foolish Things*, um punhado de versões ferryanas para seus *oldies* favoritos — uma seleção brilhante mesclando Dylan ("A Hard Rain's A-Gonna Fall" ou levando de volta ao *Top of the Pops* desta vez só com um piano de cauda), Lennon/McCartney, Jagger/Richards, Smokey Robinson, Goffin/King, Leiber/Stoller. Seleção de *connaisseur* e grande sucesso de biblioteca. Dentro de ano, Bowie e Lennon também lançariam seus LPs de *cover versions* — respectivamente, *Pinups* e *Rock'n'Roll*. E, ao longo da década, Bryan Ferry repetiria a dose atacando o repertório de Jerome Kern, Velvet Underground, Willie Nelson, Sam Cooke, Everly Brothers, Isaac Hayes, Jimmy Reed e Al Green.

Lançado em novembro de 73, *Stranded* não decepcionou ninguém. Foi o primeiro álbum da banda a ocupar o primeiro posto da parada e, um ano depois — quando o *NME* publicou sua primeira lista de "100 Melhores de Todos os Tempos" —, lá estava ele, ao contrário de *Roxy Music* e *For Your Pleasure*.

Como compositor, Ferry continuava em surpreendente evolução. Enquanto o consumidor de pop conhece o grupo mais por hits clássicos como "Virginia Plain", "Pyjamarama", "Street Life", "Love Is the Drug" e "Avalon" — todas canções de três, quatro minutos que levam este formato à perfeição —, os verdadeiros fetiches dos *Roxy fanáticos* sempre foram as minissuítes de seis, sete minutos, em que clima, textura e andamento fluem em mutações de arrepiar os pelos. No primeiro LP, "If There Is Something", uma elegia a uma garota cujo rabo-de-cavalo tem o poder de evocar todas as promessas perdidas da juventude. No segundo, "In Every Dream Home a Heartache" — uma das letras mais fatais da história do pop —, que começa em *travellings* pela arquitetura da cidade até chegar ao campo, numa casa em cuja piscina flutua — "sua pele como vinil, companheira perfeita, mortal em tamanho natural, minha respiração dentro de teu corpo" — uma boneca inflável.

Arrebatador do primeiro ao último sulco, *Stranded* acrescenta duas à coleção — "Mother of Pearl", sintetizando o burburinho de uma festa e o retiro solitário que vem depois, a mais autobiográfica das canções de Ferry ("em cada deusa, uma decepção/ em cada ídolo, um desapontamento/ mas persiste a busca da perfeição/ sua pessoal predileção"), seguida de "A Song for Europe", parceria com Mackay que projeta num olhar melancólico sobre as glórias passadas do continente e explode, melodramática, com os trechos finais da letra em latim e francês.

Ao mesmo tempo, Ferry decreta a morte das lantejoulas e pós faciais — "tudo isso já está tão banalizado e vulgarizado", isso com Bowie no auge de sua face *glitter* — e passa a adotar o estilo clássico, ternos de fino corte e o indefectível *tuxedo* (conhecido no Brasil como *summer*).

Mais uma turnê triunfante pela Gra-Bretanha e Europa e o Roxy ataca a América, até então imune ao charme *roxeiro*. Só o quarto álbum, *Country Life*, conseguiria penetrar mais fundo no mercado tanque — mesmo assim, até o 37º posto da parada da *Billboard*. "Somos diferentes demais para eles", Ferry diria.

Ainda assim, a turnê promocional de *Country Life* os levaria também ao Japão, Austrália e Nova Zelândia. O Roxy Music estava quase no topo e seu criador preparava uma nova guinada estilística para consolidar a posição. Ao mesmo tempo, porém, Mackay e Manzanera também começam a cultivar projetos solo... *J.A.L.*

DeFALLA

VIOLÊNCIA CONTRA A CENSURA E O DESPREZO

Esta é a banda mais consagrada pela crítica na votação de BIZZ dos melhores de 87. Esta é a banda que foi rejeitada pelo público, vendendo não mais que três mil cópias do LP de estréia. Esta é a banda que teve uma de suas músicas do segundo LP estuprada pela gravadora, à revelia do próprio grupo. Esta é a banda que está de saco cheio de fazer música num país onde quem tem um olho é rei, e quem tem dois é literalmente assassinado

[redacted] OK, esta é a enésima matéria que escrevo sobre o DeFalla. Dificilmente vão me deixar fazer outra. Afinal, desde julho de 86 estou dizendo que esta é *A Banda* — justamente numa edição de BIZZ que estampava na capa a intenção de predizer o futuro do rock. Depois disso, eles gravam seu primeiro LP, votado em terceiro lugar entre os melhores do ano passado pela crítica.

A mesma crítica os apontou como o segundo grupo, colou duas de suas músicas entre as dez mais de 87, votou em Edu K como o terceiro melhor vocalista e Biba Meira como a segunda melhor instrumentista. É muito barulho! Mesmo assim, seu LP de estréia não vendeu mais do que três mil cópias. Será que a crítica não apita nada? "A gente tá na gravadora apenas por causa da crítica. A maioria das bandas do selo Plug (criado pela RCA para novos grupos de rock) dançou. E a gente não vende discos desde dezembro. Na verdade, a gente perdeu disparado em vendagem", conta Biba.

Bem, acabo de escutar o tape do novo disco. Está ainda melhor que o primeiro. Som e fúria. Uma colagem caleidoscópica de citações. Na verdade, não sei qual é a melhor faixa. Mas a dúvida permanece: será que vai tocar no rádio? Lá estava eu, pensando, com o tape no bolso, caminhando pela rua, quando vejo uma turma de adolescentes, em volta de um carro estacionado, ouvindo um bom e velho rock'n'roll. Uma oportunidade de ouro para testar as novas músicas. Peço pra escutarem e darem suas opiniões. Os garotos, fãs de Black Sabbath, adoraram. Acharam superdançante. Pop! Os programadores de rádio que os ouçam.

O problema agora, por incrível que pareça, pode vir da própria crítica, caso esta resolva começar a cobrar uma série de posturas da banda. Tenho algumas dessas possíveis cobranças em mente enquanto os entrevisto por telefone. O quarteto está reunido no apartamento da Biba, ao redor de um daqueles telefones especiais que liberam o som para o ambiente — tipo o aparelho do misterioso Charlie da telessérie *As Panteras*.

A telefonista passa a ligação mais alegre do que o usual. Ela diz: 'Atende aí, tem um maluco na linha dizendo que é a Biba". Claro que é o Edu. Eles improvisam um jogral pra dizer alô. Já me sinto no meio de uma típica entrevista com o DeFalla. Agora é só brincar de "advogado do diabo".

Quando a banda surgiu, desafiava os rótulos com uma proposta de múltiplos estilos. Vocês não têm medo de passar a ser rotulados como uma banda de hip hop? Edu: "A gente não tá tocando só hip hop. Tem mais hip hop do que no primeiro LP, mas aqui todo mundo é roqueiro. Eu gosto pra c* de hip hop e tá gostar de ser rotulado assim, mas não é isso o que a gente é".

O novo disco vem com um som mais limpo. Biba: "Principalmente a bateria". Edu: "A bateria ficou acima dos demais instrumentos". Flávio: "Foi pela batida que a gente começou a estruturar as músicas no estúdio. Isso culminou na limpeza". Edu: "Mas ao vivo continua a velha gandaia". Por que essa diferença? Edu: "Porque a gente teve a oportunidade de dispor de uma aparelhagem melhor, sampler, por exemplo. Nunca tivemos um aparelho de palco que prestasse".

Não se trata de um som tão mais limpo na verdade. Flávio: "Todos os canais de gravação foram usados. Entrou um monte de coisa de sampler — trechos de músicas, filmes e TV. Quer dizer, a filosofia de colagem do primeiro disco continua". Assim como as guitarras distorcidas. Edgar Scandurra (Ira!) chegou a gravar um solo bem roqueiro numa das faixas. Edu: "Tem músicas em que o metal é total, com guitarras ignorantes e duas baterias".

Por que a maioria das letras é cantada em inglês? Edu: "Eu não me preocupo se tô cantando em inglês ou português, porque eu não escrevo as letras. Eu chego nos ensaios e canto. E em inglês dá pra dizer qualquer bagaceira. Eu posso dizer, 'Meu um revólver na boca dele, puxei o gatilho e os miolos voaram pra parede', entendeu? No disco tem músicas que dizem: 'Beije a serra elétrica', 'chupa o meu p*'... Isso ainda é censurado em português".

Como vocês encaram o mercado? Edu: *"It's fuckin' hard!* A gente quer ganhar dinheiro, ser conhecido, circular nos meios com maior facilidade. Mas, ao mesmo tempo, ninguém pode negar que estamos aqui pra mexer com essa bosta de público brasileiro, com essa merda de sistema de gravadora, com tudo. Porque alguém tem que fazer isso! A maioria das bandas começa radical e vai se acalmando, acalmando... até virar uma merda espremida no chão. Eu nunca vou parar de ser um pentelho, porque se não existirem pentelhos essa bosta nunca vai evoluir".

Vocês tiveram problemas com uma música, um cover do Raul Seixas. Como foi? Edu: "A gente sampleou o refrão de 'Como Vovó Já Dizia', cantado pelos Golden Boys. E aí a gravadora ficou com medo porque a editora do Raul poderia querer uma puta grana de direitos autorais, abrir um processo e acabar todo mundo no tribunal. Por isso, eles tiraram a frase sampleada, que era a mais f*, e colocaram um coringo em cima. Os caras se c* nas calças". Biba: "O que nos deixou mais putos nessa história foi que não nos falaram absolutamente nada. Quase que a gente só foi descobrir a mudança com o disco nas lojas". Edu: "Em vez dos caras acharem interessante que

ja tenha gente usando sampler no Brasil, eles entortam o nariz, ficam com medo. Deu problema com outras musicas também — Beatles e James Brown. Ja queriam cortar todos os trabalhos com sampler. Não sei o que vai acontecer ate sair o disco. Mas espero que se crie uma certa consciência. Espero que as outras bandas que forem por esse caminho sejam ainda mais porrada.

Vocês vão abrir as pernas para a gravadora? Biba: "A gente nao sabe o que fazer. Estamos aqui em Porto Alegre. A gente liga pra eles e eles desligam o telefone na cara." Edu: "O problema é que, se a gente criar muito caso, vai pra rua. Nos ja somos uma banda com pouca vendagem. A gente tá sempre propicio a levar um pe na b*. Então, é uma briga f* de comprar. Por mim, eu comprava. Se eu nao entrar nessa de cabeça, vou fazer o quê? Tocar tambor na Africa..." Flavio: "O lance é que eles estao vendo que essa musica pode puxar o disco. Porque é uma musica pop

"Eu até admiro o Lulu Santos porque ele chega aos shows e não precisa fazer nada. O público canta por ele. Nós temos que dar o máximo!"

que já foi conhecida". Edu: "Era a nossa tentativa de atingir o grande público. Mas agora brochou. A musica estava com um furor, uma violencia. Mas a gente ainda vai virar a mesa, cara!" "Como assim?" "Eu acho que a unica maneira do DeFalla virar a mesa é se tornar popular sem perder a caracteristica marginal, violenta, sem deixar de ser autentico." E se o novo disco não vender? Biba: "Acaba a banda". Flavio: "Não sei como fica. Com a atual situação de miséria do Brasil é quase certo que não va vender". Edu: "Se eu tiver que acabar com a carreira de música pra me divertir, eu faço isso. Nao dá pra ficar nessa que a gente vive nesse país."

Voces se consideram uma banda cultuada? Edu: "Isso nao existe aqui no Brasil. A maioria das pessoas nem sabe o que quer dizer cult". Flávio: "O f* é que a gente tá há um ano e meio com a banda e não tem dinheiro nem pra comer direito. Fica so na espera do segundo disco..." Edu: "Na espera do próximo século!" Por que o primeiro LP vendeu tão pouco? Vocês ficaram um pouco conhecidos? Biba: "Porque não tem mais pra vender!" Edu: "Ele já virou um disco raro, nem nós temos."

Castor, quieto até então, começa a rir. Está lendo uma entrevista do Leo Jaime na BIZZ, onde o cantor fala: "Não adianta falar bem so do DeFalla e Felini..." Risos generalizados. Edu, divertido: "Bah, vamos se deitar nele!" Sério: "Os neguinhos ficam loucos quando se fala bem de uma banda que ninguém conhece. Eles não devem pensar na gente como algo que mereça ser mencionado. Devem pensar nas nossas cabeças boiando num caldeirão de sangue quente. Agora eu vou fazer a sonorização de um show do Cazuza aqui em Porto Alegre. Ah, eu vou dar um beijo nele! Tomara que ele me olhe e diga assim: 'Ai, que coisa mais linda! Vem comigo pro Rio!'" *(muitos risos)* O que vocês acham do rock brasileiro? Flavio: "O Brasil não tem rock, tem pop. Musiquinha pra tocar na rádio sem nenhuma inovação". Edu: "Peraí, o Brasil tem rock, sim. Os Mutantes! Mas depois dos Mutantes, cara, por mim eu apagava a História!"

DeFalla nao é uma banda muito violenta para as paradas? Edu: "Eu posso ate dizer que redescobri a violencia, que é a única maneira de encarar a nossa vida, os outros e o mercado." Mas, por outro lado, estao conquistando um publico cada vez maior. Biba: "Show vazio, nunca mais!" Edu: "Isso é uma coisa boa e má, porque começou a acabar a nossa aura de banda maléfica, marginal. O publico em geral começou a nos sacar, tipo: 'E, agora eu gosto'. Depois que saiu na BIZZ, eu gosto...' As garotinhas de 11 a 14 anos chegam mais perto, sentam no colinho, dão beijinhos..." O que mais mudou? "A gente evoluiu em muitos pontos, mas eu acho que a gente perdeu a euforia, aquela coisa juvenil que a gente tinha de estar sempre rindo e brincando..." Voces nao tem medo de encher o saco? Flavio: "Eu até admiro o Lulu Santos, porque ele chega aos shows e nao precisa fazer nada. O público canta por ele. Agora, ninguém conhece a gente. Entao temos que dar o maximo em tudo que é show. Tem horas que isso enche o saco". Edu: "Eu gosto de tocar pra c*, mas quando começo a pensar no DeFalla. É resposta de publico, problema de disco."

É a repressao? Edu é reconhecidamente um "tipo exótico". Veste saias, perucas e o que cruzar pela frente... "Meu saco já encheu de ser reprimido — na rua, no palco. Das pessoas nao entenderem o que eu to fazendo... Não poder fazer um trabalho com sampler... Nao posso fazer nada do que eu quero! Tu acaba criando uma parede ao teu redor. Eu to empedrado, cara! Pode até me dar um tiro que nao tem problema." Como é que as pessoas recebem os teus *strip teases* durante os shows? "Nao costumo notar muito, sou miope." E por que é que rola *strip-tease*? "Porque faz calor."

O que voces acham de ser comparados aos Secos & Molhados? "Ja me compararam com o Nei Matogrosso. Eu era pequeno na época dele, e achava legal o que ele fazia. Nunca pensei 'Bah, esse cara é p*', ou sei lá o quê." As pessoas te perguntam se você é homossexual? "Sei lá o que elas acham. Devem pensar que eu sou híbrido. Pouco me importa, também."

Vocês queriam sair de Porto Alegre. O que aconteceu? "Eu nao sei mais nada sobre a minha vida, banda, de p* nenhuma do que vai acontecer. Do que adianta ser um grande vendedor de discos, ficar fazendo shows pelo interior do Brasil... O povo é muito burro, tem muito pouco dinheiro. Eu quero é ir embora do país." Por isso as letras em ingles?

Também. Mas ninguem tem interesse em nos lançar no mercado exterior." O que aconteceria se vocês estivessem no exterior? "Nao haveria tanta polêmica. Podem nunca reconhecer, mas a gente tem um puta valor pra este país! Sempre fomos persistentes em tudo o que fizemos. Mas esta persistencia não vai durar muito tempo!" Vocês não têm receio de nunca ser reconhecidos? "Não é pessimismo, mas o mais certo é que aconteça isso. Com os proprios Mutantes foi assim."

E isto. Toda a frustração e angústia zumbindo como uma serra elétrica recem-beijada. O som e a furia, breve nas lojas. OK, publico?

Marcel Plasse

ISTO É

RAP!

e *RUN DMC*, no *Tougher than Leather*, o disco que traz a regravação de Mary, Mary, o grande hit do momento na Europa e Estados Unidos.

FAT BOYS, com o novo *Coming Back Hard Again*, destacando a regravação de The Twist, com a participação de nada menos que do pai da criança, Chubby Checker

A força da Black Music em dose dupla pra você.
Os dois maiores peso-pesados das paradas internacionais, agora no Brasil.

Em discos e fitas
PolyGram

Não vacile, seja Rap!
Corra à loja mais próxima e garanta o seu!

SEA QUEST

COMPLETE SUA COLEÇÃO DE BIZZ

Se a sua coleção não está completa, você ainda pode comprar qualquer um ou todos os números atrasados da BIZZ que estão nesse anúncio, pelo preço da BIZZ que está nas bancas.
Veja as instruções no cupom.

Desejo receber pelo reembolso postal os números atrasados assinalados abaixo com um X, pelo preço da última edição em banca, mais despesas postais, que pagarei ao retirar no correio.

EDIÇÃO Nº 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

CEP _____ ESTADO _____

Envie para: BIZZ, Editora Azul, "Números Atrasados"
Estrada Velha de Osasco, 132, Cep 06000 Osasco SP

Nº 26 Capital Inicial Pink Floyd, a história e a lenda A volta por cima de Boy George

Nº 27 Michael Jackson: o início da turnê pelo Japão Inocentes Cabaret Voltaire A nova onda do Jazz

Nº 28 Sting no Brasil A onda heavy no Estados Unidos Madonna no cinema A poética do Camisa de Vênus

Nº 29 Madonna em entrevista exclusiva Titãs A retrospectiva de 87 E mais, Tom Waits e Kiko Zambianchi

Nº 30 Duran Duran: os notórios no Brasil A história secreta do Legião Urbana Tina Turner - Metallica

Nº 31 Marina: tesão basta? A segunda vida de Jesus & Mary Chain O futuro do rock no Brasil

Nº 32 RPM exclusivo em Los Angeles Johnny Marr Kid Abelha R.E.M. Legião Urbana Entrevistão com Cazuza

Nº 33 Paula Toller, a musa pop A volta de George Harrison Os selos independentes do Brasil

Nº 34 Talking Heads: todo mundo nu Lulu Santos e as novas formas de amor A música negra no Brasil

Nº 35 New Order exclusivo A história do Velvet Underground Iron Maiden The Mission Grátis: Guia de Fã-clubes

Nº 36 Legião Urbana e a verdadeira história de João de Santo Cristo Iggy Pop Grátis: Guia do Rock de A a Z

Nº 37 Sinéad O'Connor exclusivo As m[illegible] o rock 88 Ziggy Marley, o filho do reggae

DISCOS

B·A·U·H·A·U·S

Há pelo menos três pontos em comum ao se comparar a trajetória deste quarteto de Northampton à de seu conterrâneo de Manchester, o Joy Division: para começar, ambos tinham um enfoque musical nitidamente sombrio do rock, com pesadas linhas de baixo/bateria embasando esparsos fraseados de guitarra e efeitos eletrônicos, a emoldurar vocais pungente e versos desesperados; além disso, os dois grupos tiveram influência marcante no rock desta década, servindo de ícones para diluições mil, e, por fim, o fato lamentável de que seus discos só mereceram edição nacional quando já eram ilustres cadáveres.

A comparação não é vã, mas possivelmente se esgota por aqui. Enquanto o Joy cultivava uma antiimagem envolta em sombras e abismos profundos, o Bauhaus trazia sua exibição de atrocidades para junto das luzes da ribalta, transformando-a numa farsa teatral que era legítima herdeira do glamour dos anos 70 (basta conferir as covers de "Telegram Sam", de Marc Bolan, "Ziggy Stardust", de David Bowie, e "Third Uncle", de Brian Eno). E o fim do Bauhaus, longe de ser trágico, parece ter sido um comum acordo entre as partes interessadas: o vocalista Peter Murphy formou o efêmero Dali's Car (com Mick Karn, ex-baixista do Japan) antes de se lançar em carreira solo; rumo inverso do tomado pelo baixista David J., que depois de três álbuns individuais voltou a se reunir com o guitarrista Daniel Ash e o baterista Kevin Haskins (que haviam feito o Tones on Tail) no Love and Rockets! Porém, nenhuma destas crias posteriores chegou a se aproximar do brilho da banda original. E isto fica claro neste álbum-epitáfio, que engloba suas faixas mais representativas.

Desde os primeiros singles (o famigerado "Bela Lugosi's Dead", de 79, e "Dark Entries" e "Terror Couple Kill Colonel", ambos de 80) até as derradeiras composições ("She's in Parties" e "The Sanity Assassin", de 83), temos um excelente resumo da carreira do Bauhaus, em que sua posição de um dos alicerces do chamado "rock gótico" fica plenamente fundamentada em músicas como "Double Dare", "Stigmata Martyr", "St. Vitus Dance", "In Fear of Fear", "Kick in the Eye" e "Spirit". Meia década depois, a farsa continua convincente, decerto porque foi interpretada de modo verdadeiro por detrás da máscara. Eles não conseguiram entreter todo mundo o tempo inteiro, mas o fizeram por um bom par de anos. *Celso Pucci*

FAIRY TALES — Harry (Wop Bop)

O Harry canta em inglês. Poderia ser uma atitude antipática vinda de um grupo brasileiro, fundado em Santos, São Paulo.

Na verdade, tanto faz se Hansen, Verta, Johnson e Digiacomo (a mais recente de suas inumeras formações) cantassem em russo ou em chinês — as letras acabam funcionando como um acessorio para os lugubres contos de fadas do grupo-conjunto.

Em seu segundo disco e primeiro LP (o vinil anterior, já uma boa surpresa, foi mini-LP, *Harry*), o Harry faz musica baseada nas traduções digitais dos samplers. Os resultados se inscrevem num campo que inclui referencias como o New Order, o Kraftwerk, ou o Cabaret Voltaire, passando por outros cruzamentos entre ruidos, bits e dança.

É um disco de selo independente — isso, no caso, quer dizer muito. O registro em vinil é de uma decência episódica no rock nacional. A produção, engenharia de som, mixagem; numa escala de dez não ganham menos de nove e meio. Sem contar que já são sérios candidatos ao prêmio na categoria melhor capa do ano.

O começo do LP assusta, não apenas pela voz cavernosa de Hansen, mas porque "Sky Will Be Grey" vem lenta, envolta numa pompa e circunstância que evoca a sonolência de alguns "tecnoacústicos ingleses". Transparece o fascinio que os brinquedinhos eletrônicos exercem sobre os quatro rapazes. Com ritmo mais acelerado, a coisa melhora sensivelmente — "Lycanthropia" e "Joseph in the Mirror" são dois exemplos [illegible].

Quem lembra da tradição hardcore do Harry fica na dúvida de como o grupo irá se resolver no palco se for explorar todos os sons aproveitados no disco.

De qualquer maneira, saindo da Baixada Santista, o Harry já se nivela no topo do melhor rock feito no Brasil e estabelece um interessante parâmetro (com poucos ou nenhum precedente) de produção eletrônica.

Marcos Smrkoff

RAMONESMANIA — Ramones (WEA)

Justiça seja feita. Após quatorze anos de estrada, os Ramones chegam à sua primeira antologia, um incendiário álbum duplo com trinta composições extraídas de seus dez LPs. Não há nenhuma inédita, mas para os fetichistas tem versões editadas apenas em compactos ("Sheena Is a Punk Rocker" "Needles & Pins", "Howling at the Moon"), um *B-side* ("Indian Giver") e um *remix* de "Rock'n'Roll High School". No mais, é o mágico radicalismo da banda que levou o rock'n'roll as últimas conseqüências e, sem querer (em 75), transformou-o num gênio cáustico que na Inglaterra de 76 seria o punk.

F.N

LUNI (WEA)

"Jungle beat and samba, festas ao luar, hully gully, guitarras, palmeiras..." 1983/1988 — de algum lugar, Julio Barroso sorri. A música do Planeta Terra nunca pára de tocar.

O verão chegou mais cedo com a estréia do Luni. "Do you want to get down?". Entao tome delirio, descontração, ecletismo, informação musical. No repique dos tambores, funk, rai, blues, reggae e o diabo a quatro. Sereias, Sirenes e saxes. Passagens secretas. Coisas da vida. Sacudindo sua espinha dorsal. Uma música absurdamente Luni. Simplesmente *the best!*

A.G.C.D.

ED MOTTA & CONEXAO JAPERI (WEA)

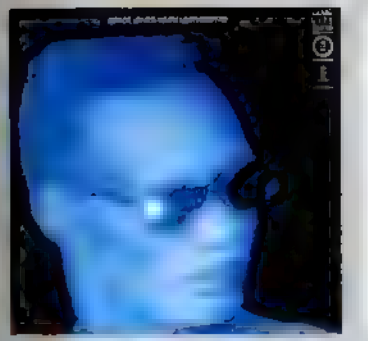
Ed Motta nao viveu os anos 70. Mesmo assim, fez um disco com o *feeling* da época. "Manuel", a faixa que abre o LP, é "duca". É ouvi-la e cair na dança. Infelizmente, o disco não segura o pique. O ouvinte logo se depara com temas lentos, de amasso, de quando se dançava agarradinho ou, pelo menos, se sonhava com a lady inacessível. Impossível não pensar em Tim Maia, o tio genético de Ed, ou James Brown, o tio bastardo. E viva "A Rua", a síntese disco/funk de tudo o que rolou e ainda rola nas festas do planeta. Pena que ao vivo seja muito melhor...

M.P

INSTINCT — Iggy Pop (PolyGram)

O Iggy Pop de *Instinct* não é o mesmo que vi no hecatômbico show do Projeto SP. E tampouco se assemelha — como pretendem alguns cretinos — ao *hellraiser Raw Power*. Meus caros, Iggy no pique é *speedy* rock'n'roll, o Inferno de Dante, o Caos. *Instinct* não passa de *hard rock* em baixa rotação. Dá até para marcar os compassos com os pés (tente o mesmo com a eterna "Search and Destroy" e sinta a diferença). Agora, feio mesmo foi chupar os *riffs* do arsenal de Malcolm Young, do AC/DC (!) em meia dúzia de faixas. Resultado: um LP menor, ao nivel de *Party* e *Soldier*.

A.G.C.D.



WARM LEATHERETTE — Grace Jones (WEA)

Nada mais lógico que uma ex-modelo, ligada às vanguardas e apadrinhada por alguém como Andy Warhol, reaparecesse maquiada com todas as frescuras do cenario pós-moderno, no qual este LP (de 80) desfila como um de seus simbolos sonoros prediletos. Da capa à sofisticação *clean* dos arranjos, tudo soa ideal para sonorizar *vernissages* do curto circuito *in*. A escolha do repertório dedicou-se a "yuppizar" Roxy Music ("Love Is the Drug"), Smokey Robinson ("The Hunter Gests Captured by the Game"), Pretenders ("Private Life") e até Tom Petty ("Breakdown").

F.N

GOOD MORNING VIETNAM — Vários (PolyGram)

Desde que F.F. Coppola criou duas cenas antológicas a partir de "The End" e "Satisfaction", em *Apocalypse Now*, as trilhas sonoras de filmes sobre o Vietna têm sido a melhor fonte de recuperação de singles memoráveis dos anos 60. *Platoon* tinha Otis Redding, Aretha e Jefferson Airplane; *Full Metal Jacket*, Trashmen e Nancy Sinatra. Este aqui nao fica atrás em pérolas de Pop Perfeito — entre elas, Martha & the Vandellas, Beach Boys, James Brown, Searchers e até os Them de Van Morrison. Para dançar até desabar.

J.A.L.

THE HIT FACTORY — THE BEST OF STOCK, AITKEN & WATERMAN (Eldorado/Stuetto)

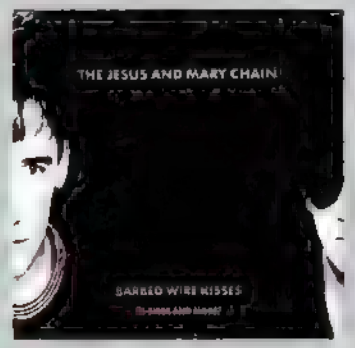
Um dado avassalador: SAW é atualmente responsável por mais de um terço de todo o mercado fonográfico inglês. Como o fenômeno não emplacou definitivamente nos EUA, a rádio brasileira — eterno apêndice das FMs americanas — ainda não foi soterrada pelo lixo desta malfadada corporação. Infelizmente, uma mera questão de tempo. Nesta compilação, há coisas como Mandy (a ninfetinha bionda que virou a cabeça do Stone Bil Wyman), o soul man Edwyn Starr, o grupo Three Degrees e o proprio SAW. Pop no auge da mediocridade.

A.G.C.D

MARCELO NOVA E A ENVERGADURA MORAL (WEA)

Sob a égide dos arcanos do blues e do rock'n'roll, Marcelo Nova está de volta com um vigoroso trabalho solo. A coté, Gustavo Mullen e guitarra, mais um punhado de músicos pesos-pesados, formando a Envergadura Moral. Se a picardia (na canja de Genival Lacerda em "A Gente é Sem Vergonha") e o *drive* maníaco ("Ela Saiu Um Dia", "Amanhã Não Estarei Mais Aqui") dos bons tempos do Camisa estão mais atulados do que nunca, os grandes momentos estão em sanguíneas baladas como "Algum Lugar". Uma obra integra.

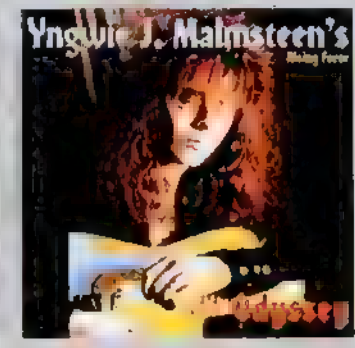
A.G.C.D.



BARBED WIRE KISSES (B-SIDES AND MORE) — The Jesus And Mary Chain (WEA)

O doce psicótico dos irmãos Reid está de volta, numa coletânea que teve a inspiração de se chamar "Beijos de Arame Farpado". Na verdade, tudo o que o grupo nao prensou em LP daria um álbum duplo... De qualquer modo, aqui estao o primeiro single, "Upside Down", o mais recente, "Sidewalking", sobras de estúdio, demo e a mutação radioativa do sonho de verão de Jan & Dean, em "Kill Surf City". *Noise* infernal, assustadora, obscena como um beijo à força. Amém ou se masturbem. Radical.

M.P



ODISSEY — Yngwie Malmsteen's Rising Force (Polygram)

Mesmo sendo o maior herói da guitarra metálica do momento, Malmsteen, neste quarto LP, continua na mesma quanto aos temas tratados e as intervenções apoteóticas (caso de "Rising Force" e "Riot in the Dangerous"). Quando ele intervém, é como se fosse um Paganini alucinado, num estilo que está fazendo escola. Escalas velozes baseadas em Vivaldi, Bach etc., para fazer um heavy de qualidade, embora americanizado demais. A banda está bastante coesa, mas Malmsteen não abre mão de suas intervenções, deixando pouco para os outros.

L.R

REMAIN IN LIGHT — Talking Heads (WEA)

Sim, poderia ser dito deste disco de 1980 — e muita gente efetivamente o disse — que ele é o melhor LP dos Heads (apesar do duro páreo com álbuns anteriores da banda: *77*, *More Songs About Buildings and Food*, *Fear of Music*). O que ninguém talvez tenha lembrado de dizer é que este é o melhor disco... de Brian Eno! Iria aí uma certa dose de exagero (tanto porque Eno não fez parte — nominalmente — da banda, quanto porque seus discos são incomparáveis), mas o fato é que o produtor meteu mesmo a mão na massa. E temperou um prato mais a gosto de seu duo com David Byrne (com quem tinha gravado o conceitualíssimo *My Life in the Bush of Ghosts*) que a gosto da "dissidente" cozinha de Tina Weymouth e Chris Frantz, que se vingaria registrando o (ingênuo) primeiro LP do Tom Tom Club. Antes eles brigaram, e feio: acusando a ingerência e a "vanguardice" de Eno — e a cumplicidade de Byrne —, o casal chegou mesmo a decretar o final dos Heads.

A verdade é que Eno quebrou a unidade do grupo em nome de suas próprias concepções, e a aparição dos vários convidados (Adrian Belew, guitarra, Nona Hendrix, voz; Jon Hassell, trompete) soa mais personalizada do que as próprias bases gravadas pela banda. Também é o único disco conhecido que tem créditos distintos para "música inicial" (Heads, Eno) e "música adicional" (Eno, Byrne) — Eno chegou a gravar overdubs tocando quase todos os instrumentos, e até a co-escrever algumas das peculiares letras de Byrne. Não é de estranhar que as linhas de baixo magnificamente recortadas, os riffs *sniffantes* de guitarra e teclados, a rica percussão figurariam sem susto em qualquer disco de Eno — ainda que desenvolvam aspectos do funk e do afro já abordados pela banda em *Fear of Music* (produzido, aliás, por quem? Acertou!). Entretanto, deixe as controvérsias para lá e fique com a música. Ela resplandece.

Alex Antunes

CUIDADO — Lobão (BMG-Ariola)

Cuidado, ele voltou! Batendo o dedo na ferida, checando a breguice, peitando os *poseurs* e a voz que fala ao pé do rádio, Lobão comete seu quinto LP, fiel ao som e aos princípios que sempre nortearam sua tortuosa carreira. Já na faixa-título — que grupos como Paralamas dariam um braço e uma perna para terem escrito —, ele manda ver um irretocável *crossover* samba-funk-rock, com o molho das cuícas, surdos e tamborins da Mangueira e do gogó de Ivo Meirelles. Os bons momentos são vários, mas dá para destacar "Esfinge de Estilhaços", "O Eleito" e "Pobre Deus". Great!

A.G.C.D.

SUZANNE VEGA (PolyGram)

É sempre constrangedor descobrir o álbum de estréia de um artista depois do seu segundo trabalho. Uma perspectiva falsa que pode se tornar esclarecedora. Os ouvidos ainda habitados por *Solitude Standing* descobrem a primeira vez no vinil de Suzanne Vega, com todas as incertezas e os vacilos que a busca de um som próprio implica. Com a sensibilidade musical mergulhada nos anos 70 ("The Queen and the Soldier", "Knight Moves"), Suzanne joga demais com o talento feminino de tirar força de suas fragilidades, nesta coleção de delicadas canções de ninar.

J.Y.N.

GREED — Ambitious Lovers (BMG)

A no wave aos poucos vai encontrando suas soluções pop. O americano/pernambucano Arto Lindsay e o suíço Peter Scherer optaram por fundir funk e samba. Quando os ângulos das músicas são agudos (em "King", "Omotesando"), a batucada se integra ao quebra-quebra da dupla. Quando são corações que os amantes ambiciosos querem quebrar, é com bossa nova que eles atacam ("Caco" e "Para Não Contrariar Você", de Paulinho da Viola). Lindsay traveste-se de Caetano nos anos 60. E ainda tem Bill Frisell, John Zorn, Naná. Samba de americano doido para quem não é ruim da cabeça.

M.S.

SALLÈE — Obina Shok (BMG-Plug)

Sim, estão lá: revista inglesa *The Face* n.º 100, edição de setembro, pág. 160, numa matéria sobre *world music*, citados numa lista que reúne Milton, Gilberto Gil, Hermeto, Naná Vasconcellos e... Alcione. A julgar por *Sallée*, segundo LP do Obina Shok, a citação acertou na mosca. Mais que isso: o que fazem Jean-Pierre Senghor, Roger Kely e Winston, o trio base do Obina agora reforçado por uma vocalista de choque, Nara Gil, é a mais fantástica colisão de culturas, raças, linguagens e ritmos que já aconteceu debaixo das saias da música popular brasileira.

J.Y.N.

CARNAVAL — Barão Vermelho (WEA)

Olho no lance, pois com esse vigoroso trabalho o trio deverá estar entre os poucos melhores discos do ano do famigerado rock nacional. Isso será surpresa para apenas alguns que imaginaram seu fim com a saída de Cazuza há três anos. O mesmo Cazuza que compôs para o grupo o *heavy samba* "Rock da Descerebração". Há o acréscimo certeiro de percussão e sopros na faixa-título. Letras com um recado comportamental se equilibram a um som urbano que vai das raízes ao *hard rock*.

Gostaria também de citar "Nunca Existiu Pecado" e "Não Me Acabo", este último titânico libelo de saúde e prazer.

L.R.

THE CREAM OF SUPREME — Vários (Eldorado)

House já ameaça saturar as pistas de dança paulistas. Entretanto, o ritmo mais sincrético da *dance music* desta e de todas as décadas ainda é praticamente ignorado no rol dos lançamentos nacionais. Este é apenas o segundo LP *made in Brazil* deste estilo amado/odiado. Trata-se de uma coletânea de artistas do selo britânico Supreme. Ou seja, da releitura inglesa da house music de Chicago. Vale citar o grito de guerra de Suzan, "Girls Can Jak Too", uma espécie de hino das jak trax (gravações de house). Há *appeals* melhores nas paradas dançantes do Primeiro Mundo.

M.P.

RAM IT DOWN — Judas Priest (CBS)

Em *Turbo*, seu disco anterior de estúdio (86), o Judas procurava novos caminhos para o heavy metal e foi muito criticado por mudar o visual e usar guitarra sintetizada. Por isso, este LP era esperado com ansiedade, sobretudo após o arraso que foi o álbum duplo *Live*. Mas, como seus fãs querem mesmo é pauleira, temas como "Ram It Down", "Come and Get It", "Heavy Metal", "I'm a Rocker" e "Monster of Rock" retomam a linha. De porrada em porrada, vão estimulando e servindo de terapia. Grande louvor para o arranjo metálico dado ao clássico de Chuck Berry, "Johnny B. Goode".

L.R.

C'MON EVERYBODY — Eddie Cochran (EMI-Odeon)

Excetuando-se os lançamentos da Brasidisc, nem sempre de qualidade sonora satisfatória, nosso mercado é ultradefasado em termos de 50's e 60's. Cobrindo uma lacuna, surge esta excelente compilação de vinte faixas (com novas matrizes digitais) deste lendário guitarrista/cantor americano falecido aos 22 anos. Além de inumeráveis clássicos do rock'n'roll, há *covers* como "Blue Suede Shoes" (C. Perkins) e "Hallelujah, I Love Her So" (R. Charles) e passionais *rock-ballads* como "Cherished Memories" e "Three Steps to Heaven". Indispensável.

F.N.

AMONG THE LIVING — Anthrax (WEA)

Apesar da aparência de assumidos surfistas/skatistas de metrópole, o quinteto nova-iorquino destila seu desprezo às regras da sociedade através do heavy em seus estilos mais pesados — power, thrash e hardcore — e até trancos de hip hop (fato execrado pelos mais radicais headbangers).

A tudo traduzem com um som que se coaduna com os temas tratados, geralmente ficção de terror. Destaco o trampo de baixo (F. Bello) e bateria (C. Benante), sustentáculo do som, e a parede de guitarras de Spitz e Scott em "Caught in a Mosh", "I'm The Law" e "Indians" (essa, a melhor).

L.R.

HE'S THE DJ I'M THE RAPPER — DJ Jazzy Jeff & the Fresh Prince (BMG - Ariola)

Bem-vindos a um fato histórico: este é o primeiro álbum duplo de hip hop. O disco 1 traz *beats* arrastados, numa perfeita sintonia entre transe e dança. "Nigthmare on my Street" merece citação insone. Uma síntese entre o pop e o roubo sampler anistiado pela vanguarda, com passagens expropriadas de *A Hora do Pesadelo*. Mas é no disco 2 que Jazzy Jeff escandaliza. Um show de discotecagem com direito a performance ao vivo e desafios à física. Sem passos em falso — as pernas não param pra pensar. Enfim, um álbum duplo que vale cada sulco.

M.P.

GRAVE UMA HOT TAPE PARA A GAROTA MAIS BONITA DA SUA RUA.

Uma fita gravada é sempre uma maneira original de dizer eu te amo. Com a Hot Tape da BASF você tem até 90 minutos para fazer sua declaração. Nela cabem todas aquelas músicas que mexem com o coração de qualquer um. E, pode apostar, não existe melhor pombo-correio que este.

BASF®

VOCÊ GRAVA E ACONTECE.

Serviço de Orientação ao Consumidor BASF (SOC) Telefones 011 800-8006 (DDG Brasil) 011 258-3291 (São Paulo)

SE ELA NUNCA TE OLHOU, PELO MENOS VAI TE OUVIR.

Nova embalagem Hot Tape. Um possesso em todo o mundo.

RÁPIDO & RASTEIRO

Aos biscoitos finos, primeiro. O veterano **NEIL YOUNG** ressurge com **THIS NOTE'S FOR YOU** (WEA), onde revista de forma magistral o blues e o rhythm'n'blues da escola Vee Jay de Chicago. É seu melhor trabalho nos últimos seis anos ■ A californiana **TONY CHILDS**, uma das promessas de 88, mostra em **UNION** (WEA) um pop transcultural que nem mesmo Peter Gabriel hesitaria em assinar embaixo ■ E por falar em Gabriel, é **DAVE BASCOMBE**, seu engenheiro de som em *So*, quem produz **A LETTER FROM ST. PAUL** e **MEET DANNY WILSON**, ambos BMG, dos **SILENCERS** e de **DANNY WILSON**, respectivamente. O primeiro vem de Glasgow, Escócia, fazendo um amálgama folk-rock referencial aos Waterboys, U2, Dylan e Elvis. O outro é inglês e em certos instantes lembra o clima refinado do Prefab Sprout ■ Os aficcionados por trilhas sonoras podem optar pela grandiloqüência orquestral de **JERRY GOLDSMITH** em **RAMBO III** (PolyGram), pelos clássicos dos *rockin'fifties* de **LA BAMBA 2** (PolyGram) ou pelo minimalismo babelico de **POWAQQATSI** (WEA), a segunda parte da trilogia que **PHILIP GLASS** compôs sobre a raça humana ■ A guitarra nacional entra em campo, marcando um tento com **BLUES FOREVER** (Retoque), um apanhado de *standards* interpretado por **CELSO BLUES BOY**, mas acaba indo mais cedo para o chuveiro com **PEPEU GOMES** e seu **PEDRA NÃO É GENTE** (WEA), que, não se sabe porquê, ainda insiste como cantor ■ Na ala dos sopros, temos desde as elocubrações do **WORLD SAXOPHONE QUARTET** em **DANCES AND BALLADS** (WEA) ao lamê de **PAULINHO DO SAX** (BMG), um passeio por "preciosidades" de Cid Guerreiro, Michael Sullivan e José Augusto (ai, meu saco!). Assim, fica mole para **MAURO SENISE** (Visom) ser o melhor da leva, num LP instrumental de apurados arranjos e bom gosto ■ **KINGDOM COME** (PolyGram), **FLESH FOR LULU** em **LONG LIVE THE NEW FLESH** (Eldorado) e **KINGS OF THE SUN** (BMG) mostram, cada um a seu modo, pastiches do hard e do heavy rock. O primeiro plagia descaradamente o Led Zeppelin, o segundo recria os *riffs* mais manjados dos Stones e o último se compraz em copiar seu conterrâneo AC/DC. Deprimente ■ *OLD ROCKERS NEVER DIE* — **ELTON JOHN** com **REG STRIKES BACK** (PolyGram) e **ROBERT PALMER** em **HEAVY NOVA** (EMI-Odeon) comprovam o dito popular ■ O metal brasileiro vai bem, obrigado: **SIMONIACAL**, do **MX** (Fucker), **DIVIDIR E CONQUISTAR**, do **DORSAL ATLÂNTICA** (Heavy) e a reedição em inglês de **DIRTY AND AGRESSIVE** (Cogumelo) com os **RDP** estão aí, dando seu recado ■ O **MARILLION** sai com **B SIDES THEMSELVES** (EMI-Odeon), um apanhado de *singles* até então méditos em LP ■ MPB em altos e baixos — **NANDO CARNEIRO** arrepia em **TOPÁZIO** (Visom), **NONATO LUIZ** relê Milton Nascimento com seu violão via **FÉ CEGA** (CBS), **ANA MARIA** e **MATIAS MORENO** dão uma geral nos "ritmos nativos" em **MINHA TERRA** (Terra), enquanto **ROMEU LEPIANI** (+) fica nos flertes incertos com a bossa nova e o blues ■ **BRUCE HORNSBY & THE RANGE** vende horrores nos USA. **SCENES FROM THE SOUTHSIDE** (BMG), seu novo vinil, continua indo de roquinhos anêmicos à la John Cougar ■ **RONDA ALTERNATIVA** reúne treze bandas díspares do nosso *underground*, indo do *hardcore* ao *noise* ■ Raspando o fundo do tacho, encontramos **SARAJANE** (EMI-Odeon), baianinha que faz o gênero "bonitinha mas ordinária", o veterano **ERASMO CARLOS** e seu **APESAR DO TEMPO CLARO...** (PolyGram), o hipno-indutor **RICARDO BOMDA** com **ULTRALIGHT** (Tropical Jazz) e o mix do Trio New Wave (acorda rapaziada, estamos em 88!) **MARKA REGISTRADA** (+) ■ Como a mediocridade não é privilégio do Brasil, a raspinha do **R&R** traz ainda o fuston pé-de-chinelo do **PIECES OF A DREAM** no LP **MAKES YOU WANNA**, o popinho rasteiro do duo **CLIMIE FISHER** em **EVERYTHING**, ambos pela EMI-Odeon, os New Menudos **NEW KIDS ON THE BLOCK** e seu **HANGIN' TOUGH** (CBS) e, para fechar, dois cantores que são um *must* em sacarina — **FREDDIE JACKSON** no disco **DON'T LET LOVE SLIP AWAY** (EMI-Odeon) e **AL B. SURE** em **IN EFFECT MODE** (WEA).

Arthur Geraldo Couto Duarte

PACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COM

O relançamento em CD da série de álbuns duplos *A Arte de* — tirando um ou outro item uma boa garimpada nos acervos da PolyGram — permite a audição digital de alguns clássicos do pop brasileiro dos anos 70 principalmente nos volumes dedicados a **RAUL SEIXAS** e **TIM MAIA** (este, então uma verdadeira "discoteca básica" reunindo gemas como "Primavera", "Rodesia", "Chocolate", "Azul da Cor do Mar" e "Coroné Antônio Bento"). Só falta agora um Jorge Ben da mesma safra. O setor de pop internacional continua com poucos lançamentos, principalmente se comparado às alas de jazz e erudito. Mesmo assim, pessoas livres de preconceitos podem se contentar com *Faith* de **GEORGE MICHAEL** — um disco forte e maduro, uma verdadeira surpresa — e os *Greatest Hits* de **BURT BACHARACH**, um dos maiores melodistas da História. Jazzófilos, por sua vez, não têm mesmo do que reclamar: estão saindo junto a lançamentos recentes de **WYNTON MARSALIS** (*Marsalis Standard Time*) e **WAYNE SHORTER** (*Joy Ryder*), dois monumentos *Milestones* de **MILES DAVIS** e *Monk's Dream* de **THELONIOUS MONK**. Enquanto isso, um dos únicos *million sellers* deste ano — o *Xou da Xuxa 3* — chega ao CD. "Ilá, ilá, êêê..."

J A L

GRAVADORAS INDEPENDENTES Wop Bop R. Barão de Ingenesinga 255 Loja 25 CEP 01042 São Paulo/SP (011) 231-4966

BOLSA DE DISCOS

	THE COMMANDO THE COBRA (Kodak/O Cruzeiro) CBS	INTERCONTINENTAL (Vertical Assumptions) (Continental)	DOCUMENT (Hi-Fi) CBS	JAZZETTE (Continental)	INFO FREE (Mantron) EMI-Odeon	SHIVE PRAKATO (Virgin & Fruto Proibido) CBS
Arthur G. Couto Duarte (Radio Cardinal, Bra)	☺	•	☺	•	☺	☺
Fernando Naporano	☺	☹	☺	☹	☹	☺
Hagamenon Brito (A Tarde, Salvador)	☺	☺	☺	☹	☹	•
José Eduardo Mendonça	☺	•	☺	☹	☺	☺
Jean-Yves de Neufville	☺	☺	☺	☺	☺	☺
Marcel Plasse	☺	☺	☺	☺	☺	☺
Bia Abramo	☹	☺	☺	☺	☺	•
Celso Pucci	•	☹	☺	•	☺	☺
Marcos Smirkoff (Folha de S. Paulo)	•	☺	•	☺	☹	☹
João Gabriel de Lima (Veja)	☺	☺	☺	☺	☺	☹

Ótimo ☺ · Bom ☺ · Interessante ☺ · Razoável ☹ · Fraco ☺

OVER NIGHT
Uma overdose de som, luzes e efeitos especiais.
Com este TICKET você ganha 40% de desconto no valor do ingresso.
Válido até 30-11-88 INDIVIDUAL
Rua Juvenal Parada, 35 - Mooca. f. 92-1070 · 291-3362

Leléia, 18 anos, veio até a Caixa e perguntou sobre o Crédito Educativo.

"Tinha nascido para psicóloga, tinha passado no vestibular, mas queria pagar a faculdade sozinha."

Ela preencheu a ficha de inscrição no Crédito Educativo e esperou.

(A Caixa faz seleção entre os inscritos para atender aqueles que são realmente mais carentes.)

O Crédito Educativo admitiu a Leléia. E, renovado semestre a semestre, custeou todo o seu curso de Psicologia.

Quando a Leléia se formou, meados de 84, a Caixa esperou um ano para mandar o carnê de pagamento para a Dra. Valéria.

(O Crédito Educativo começa a ser pago só um ano depois de utilizado.)

Ela aproveitou a carência para encontrar trabalho numa creche, da qual se transferiu em fins de 86 para o IPCEP, Instituto de Psicologia Clínica Educacional e Profissional, instituição filantrópica para excepcionais, RJ, onde trabalha como Terapeuta do Comportamento.

E quanto ao Crédito Educativo, o prazo do carnê é igual à duração do curso, no caso da Dra. Valéria, 60 meses.

Mas ela já conseguiu quitar tudo.

Realizada com seu trabalho, a Dra. Valéria acha que "a melhor coisa que a Leléia fez foi mandar essa conta pra mim".

Só nos últimos 3 anos, o Governo José Sarney destinou 4,5 bilhões de cruzados ao Crédito Educativo, que hoje é o maior do gênero na América Latina.

Desde que existe, 1972, o Crédito Educativo atendeu 660 mil jovens.

529 mil já conseguiram inclusive quitar seu Crédito, como Valeria Achilles de Faria Mello, 25 anos, de Santiago, RS, cuja história é contada aqui.

Crédito Educativo

A Leléia pediu Crédito na Caixa e mandou a conta para a Dra. Valéria.

GOVERNO JOSÉ SARNEY

MHU – MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO, URBANISMO E MEIO AMBIENTE

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

VIDEO

COMÉDIA

BANHO DE SANGUE NA CASA DA MORTE
(Bloodbath at the House of Death, EUA, 1985)

Direção: Ray Cameron. Com Vincent Price, Kenny Everett e Pamela Stephenson. Hunter

Num casarão em Headstone Manor, Inglaterra, um fim de festa virou um massacre: desconhecidos monges armados fizeram picadinhos de quase vinte pessoas. Eles estão a serviços do Homem Sinistro (Price), um tipo vampirão em fim de carreira. Após isso, lá se encontrarão dois detetives muito "amiguinhos", um casal de cientistas malucos e um par de namorados perdidos, todos os visitantes terão o que merecem. Esta eficiente paródia de casarões mal-assombrados traz um elenco de personagens desajeitados e caricaturas, ao gosto de Mel Brooks e até Monty Python.

W.S

DRAMA

FURYO — EM NOME DA HONRA
(Merry Christmas, Mr. Lawrence, EUA, 1983)

Direção: Nagisa Oshima. Com David Bowie, Ryuichi Sakamoto e Tom Conti. Globo Video

Torturada e dolorosa aproximação do cineasta japonês Os fantasmas da guerra se tornam uma disputa pessoal de orgulho, honra e desejo. A trilha, assinada pelo mesmo Sakamoto, com alguma colaboração de David Sylvian, ex-Japan, é um grande atrativo dessa história.

B.A

ATRAÇÃO FATAL (Fatal Attraction, EUA, 1987)

Direção: Adrian Lyne. Com Michael Douglas, Glenn Close e Anne Archer. CIC

Vamos dar a Adrian Lyne outra chance? Depois de colecionar imagens aeróbicas em *Flashdance* e encontrar o verdadeiro tom da imaginação yuppie em *9 1/2 Semanas de Amor*, ele se arrisca em reforçar os moralismos deste fim-de-século. Dan Gallagher (Douglas) é o advogado amarrado à sua esposa (Archer) e pai de uma gatinha inteligente. Alex (Close) é a "fatal" do título, mulher por quem o pai de família investe numa aventurazinha forte. Com a ressaca de usque barato ela não desaparece sem deixar sintomas e infeliz a idéia e a vida do trio ternura. A história, de início *soft*, vira drama, que vira suspense — quase chegando no horror explícito. Com cenas rodadas no local onde o cinema, pelas mãos do mestre Hitch, imortalizou como ideal para criar o suspense perfeito: o banheiro.

D.G

FICÇÃO

STAR TREK: A NOVA GERAÇÃO — ENCONTRO EM UM PONTO DISTANTE (Star Trek: The Next Generation — Encounter at Farpoint, EUA, 1988)

Direção: Corey Allen. Com Patrick Stewart e Johnathan Krakes. CIC

Saudosos da série de TV *Jornada nas Estrelas* podem bater palminhas: ela voltou e foi lançada em vídeo, antes mesmo que alguma emissora de TV o fizesse. A nave está maior e mais moderna, há personagens novos e esquisitos, mas a estrutura é a mesma. Vagando pela imensidão do espaço, a tripulação da Enterprise enfrenta perigos desconhecidos. Nesse episódio, o piloto da série, eles têm que provar a uma entidade chamada Q que a raça humana não é mais composta dos bárbaros sanguinários que a entidade afirma. Detalhe chato: apesar da variedade de tipos — o calculista capitão Picard (Stewart), o ardente primeiro-oficial Riker (Frakes), o andróide Data, a chefe de segurança Tasha e até um Klingon — não há nenhum com a estatura lendária do Dr. Spock.

B.A

MUSICAL

SERIOUS MOONLIGHT (Canadá, 1984)

Direção: David Mallet. Com David Bowie e banda. Office Video

Bowie está irresistível neste vídeo que documenta a turnê *Serious Moonlight*, de 83 — o show em questão é o de Vancouver, no Canadá. É impossível não se render ao charme do camaleão, aqui elegantemente *clean* em seu visual fase *Let's Dance*. Ainda mais quando o repertório inclui clássicos de fases anteriores, como "Life on Mars", "Station to Station", "Heroes" e "Ashes to Ashes", além das mais-do-que-dançantes "Young Americans" e "Let's Dance". Se Bowie está nos seus melhores dias, a banda não fica atrás — destaque para a guitarra de Carlos Alomar e a bateria de Tony Thompson. Sem esquecer as impagáveis performances dos backing vocals Frank e George Simms, acompanhando Bowie em seus devaneios teatrais. De quebra, uma cover do Velvet ("White Light, White Heat") e uma versão arrepiante de "China Girl". Desaconselhável para corações fracos.

M.A.G

SUSPENSE

FX — ASSASSINATO SEM MORTE (FX, EUA, 1986)
Direção: Robert Mandel. Com Bryan Brown, Brian Dennehy, Diane Venora. RCA-Columbia

Um dos melhores filmes de 1986 volta agora em vídeo selado. Trata-se da história de Rollie Tyler, um certo especialista em efeitos especiais. Mas a proposta que o Departamento Federal de Justiça lhe faz não é para nenhum filme — e sim para simular em público, o assassinato de um criminoso. Tyler vacila mas acaba aceitando participar da mutreta, só para descobrir que se envolveu em um complô mais complicado do que supunha. Com todo seu arsenal de truques e maquiagens e a ajuda de um policial (mais honesto, Tyler tenta safar-se da encrenca. Um elenco excepcional (Bryan Brown é Tyler e Brian Dennehy, de *A Marca da Corrupção*, é o capitão Leo) e um roteiro inteligente para um thriller brilhante.

A.A

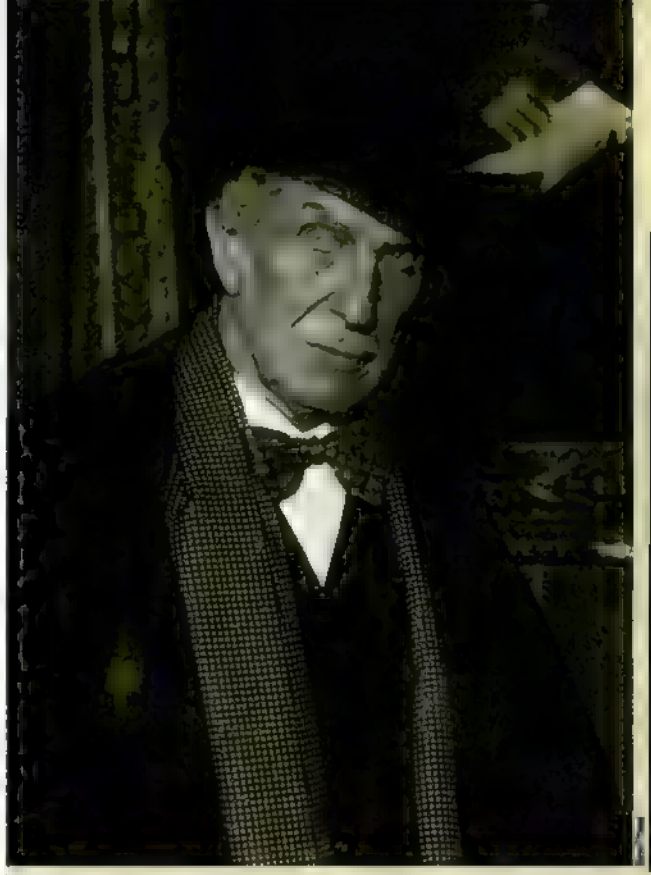
TERROR

FARSA TRÁGICA (The Comedy of Terrors, EUA, 1963)

Direção: Jacques Tourneur. Com Vincent Price, Peter Lorre, Boris Karloff e Joyce Jameson. Globo Video

Este é um horror que não assusta, mas diverte sobremaneira: na Nova Inglaterra, em 1890, um agente funerário, Sr. Trumbull (Price) e seu incapaz assistente, Sr. Gillie (Lorre), comandam a quase falida agência Parrot. Para eles as dívidas são muitas e os mortos a enterrar poucos. Trumbull resolve arranjar seus próprios mortos, arquitetando um pano dos diabos. O pano de fundo é o belo terror de cartão postal, mas o roteiro é uma comédia bem matusquela.

W.S



VINCENT PRICE

Ele já emprestou sua voz cavernosa para o apavorante videoclip de "Thriller" de Michael Jackson, brilhantemente dirigido por John Landis. Ele estrelou alguns clássicos de terror B, como *Muralhas do Pavor*, *A Mosca da Cabeça Branca* e *O Abominável Dr. Phibes*. Ele pode ser um aristocrata afetado ou um vilão maldito. Ele nasceu no dia 27 de maio de 1911 em St. Louis, Estado do Missouri, Estados Unidos. Seu nome é Vincent Price.

A profissão de ator foi uma escolha feliz do acaso. Na verdade, seu primeiro interesse foi por artes plásticas. Freqüentou Yale e foi fazer mestrado em história da arte no Courtauld Institute, em Londres. Foi quando soube que uma peça de teatro precisava de um ator de Chicago. Price pegou o papel. Aos 24 anos, fez o seu primeiro papel de sucesso numa peça sobre a rainha Vitória, *Victoria Regina*.

Na verdade, sua marca eterna no gênero seria mais tardia. Antes ele trabalhou numa série de produções respeitáveis como *Laura* e *Os Três Mosqueteiros* (onde ele faz o papel do maligno Cardeal Richelieu). A guinada aconteceu quando em 53 Vincent recusou uma oferta para trabalhar numa peça da Broadway e resolveu estrelar *Museu de Cera*, o primeiro filme feito em 3-D (três dimensões). Foi aí que ele não parou mais de encarnar o homem possuído pelas forças do mal. Só com Roger Corman, foram nove filmes que fez: bons ou maus, seu tipo de vilão trágico constitui uma atração à parte.

E não por acaso as atuações de Price são tão poderosas — "Se existe um poder do bem, se segue que deve haver um poder do mal. E eu vi o mal. Anos atrás, Hollywood era um dos piores lugares na terra". Por outro lado, o monstro não parece tão monstruoso assim. Apesar de seus mais de cem filmes, ele também arranja tempo para colecionar arte, escrever, ser gourmet e escrever livros de culinária, defender o índio americano e cuidar pessoalmente do jardim. Além de casar três vezes e criar dois filhos.

Entretanto, o tantas vezes protagonista de filmes de arrepiar a espinha, não gosta do atual cinema de terror. Para ele, os filmes de hoje não são tão assustadores pois, de tão explícitos, não deixam nada para a imaginação. E considera que: "os filmes dirigidos por Roger Corman baseados em Edgar Allan Poe — como *A Casa de Usher* e *O Poço e o Pêndulo* — eram na verdade clássicas narrativas góticas de grande complexidade psicológica. Eu não faço monstros — faço homens assediados pelo destino, em busca de vingança. Estou sempre interessado em explorar o lado negro da alma humana".

Bia Abramo

Filmografia completa (os filmes com sinal * são disponíveis em vídeo): *Service de Luxe* (38); *Meu Reino por Um Amor/The Private Lives of Elizabeth of Essex*, 39); *A Torre de Londres* (*Tower of London*, 39); *Inferno Verde* (*Green Hell*, 40); *House of Seven Gables* (40); *O Filho dos Deuses* (*Brigham Young — Frontiersman*, 40); *O Renegado* (*Hudson's Bay*, 41); *A Canção de Bernadete* (*The Song of Bernadette*, 43); *Wilson* (idem, 44); *Laura* (idem, 44); *As Chaves do Reino* (*The Keys of the Kingdom*, 44); *A Véspera de Suo Marcos* (*The Eve of St. Mark*, 44); *Czarina* (*A Royal Scandal*/*Czarina*), 45); *Amar Foi Minha Ruína* (*Leave Her to Heaven*, 45); *Schock* (46); *O Solar de Dragonwyck* (*Dragonwyck*, 46); *Rosas Trágicas* (*Moss Rose*, 47); *Noite Eterna* (*The Long Night*, 47); *Uma Aventura Arriscada* (*The Web*, 47); *Up in Central Park* (48); *Legião Sinistra* (*Rogue's Regiment*, 48); *Abbott und Costello Meet Frankstein* (apenas a voz do Homem Invisível, 48); *Os Três Mosqueteiros* (*The Three Musketeers*, 48); *Lábios que Escravizam* (*The Bribe*, 49); *Bagdad* (49); *Champagne for Caesar* (50); *O Barão de Arizona* (*The Baron of Arizona*, 50); *Curtain Call at Cactus Creek* (50); *Adventures of Captain Fabian* (51); *Seu Tipo de Mulher* (*His Kind of Woman*, 51); *O Caminho do Pecado* (*Las Vegas Story*, 52); *Museu de Cera* (*House of Wax*, 53); *Pictura* (narração, 53); *Dangerous Mission* (54); *A Máscara do Mágico* (*The Mad Magician*, 54); *A Grande Noite de Casanova* (*Casanova's Big Night*, 54); *The Story of Colonel Drake* (55); *O Filho de Sinbad* (*Son of Sinbad*/*Nights in a Harem*), 55); *Serenata* (*Serenade*, 56); *No Silêncio de uma Cidade* (*While the City Sleeps*, 56); *Os Dez Mandamentos* (*The Ten Commandments*, 56); *The Vagabond King* (narração, 56); *The Story of Mankind* (57); *A Mosca da Cabeça Branca* (*The Fly*, 58); *A Casa dos Maus Espíritos* (*The House on the Haunted Hills*, 59); *O Grande Circo* (*The Big Circus*, 59); *O Monstro de Mil Olhos* (*The Return of the Fly*, 59); *Força Diabólica* (*The Tingler*, 60); *Solar Maldito* (*The Fall of the House of Usher*, 60); *Robur o Conquistador do Mundo* (*Master of the World*, 61); *A Mansão do Terror* (*The Pit and the Pendulum*, 61); *Nefernie — Rainha del Nilo* (61); *Gordon il Pirata Nero* (61); *Naked Terror* (narração, 61); *Visto que Mata* (*Confession of a Opium Eater*, 62); *Muralhas do Pavor* (*Tales of Terror*, 62)*; *Diário de um Louco* (*Diary of a Madman*, 62); *O Corvo* (*The Raven*, 63); *No Domínio do Terror* (*Twice-Told Tales*, 63); *Farsa Trágica* (*Comedy of terrors*/*The Graveside Story*), 63)*; *A Praia dos Amores* (*Beach Party*, 63); *O Castelo Assombrado* (*The Haunted Palace*, 64); *Orgia da Morte* (*Masque of the Red Death*, 64); *Mortos que Matam* (*L'ultimo Uomo della Terra*, 64); *O Tumulo Sinistro* (*The Tomb of Ligeia*); *Os Monstros da Cidade Subversa* (*Cire in the Sea*, 65); *A Maquina de Fazer Biquinis* (*Dr. Goldfoot and the Bikini Machine*, 65); *I Tabu* (narração, 65); *Garotas Explosivas* (*Dr. Goldfoot and the Girl Bombs*, 66); *A Casa dos Mil Brinquedos* (*Das Haus der Tausend Freuden*, 67); *Os Chacais* (*The Jackals*, 67); *The Conqueror Worm* (*The Witchfinder General*), (68); *Histoires Extraordinaires* (narração, 68); *Mais Morto do que Vivo* (*More Dead than Alive*, 69); *Lindas Encrencas, as Garotas* (*The Troubles With Girls*, 69); *The Oblong Box* (69); *Grl of the Banshee* (70); *Scream and Scream Again* (70); *O Abominável Dr. Phibes* (*The Abominable Dr. Phibes*, 71); *Uma Boa Garota Como Você* (*What's a Nice Girl Like You*, 71); *A Volta do Dr. Phibes* (*Dr. Phibes Rides Again*, 72); *As Sete Máscaras da Morte* (*Theatre of Blood*, 73); *Madhouse* (74); *The Devil's Triangle* (documentário para TV, 74); *Percy's Progress* (*It's Not the Size That Counts*, 74); *Journey Into Fear* (74); *The Butterfly Ball* (narração, 76); *Days of Fury* (narração, 78); *The Monster Club* (80); *Romance in the Jugular Vein* (80); *The Thief and the Cobbler* (81); *House of Long Shadows* (83); *Banho de Sangue na Casa da Morte* (*Bloodbath at the House of Death*, 83)*

SURPRESA!

COM VOCÊS, O PAI DOS QUADRINHOS MODERNOS

Capitão América, Thor, Hulk, Homem-Aranha, Demolidor, Surfista Prateado, mais o Quarteto Fantástico, X-Men e o Homem de Ferro estão ao seu lado, aguardando ansiosos pela fala do criador. Você [illegible] um [illegible]? Duvidou? Pois pode começar a [illegible], porque você não se enganou: BIZZ falou com Stan Lee

"Alô! Não, você discou o número errado. Aqui é da Escola para Jovens Superdotados do professor Xavier." OK, obrigado. "Não, aqui é a portaria do edifício Baxter." Tudo bem. "Indústrias Stark ..." Hmm... "Isto é uma gravação. Você discou para a mansão dos Vingadores. Sentimos não poder atendê-lo no momento, pois estamos ocupados tentando salvar o mundo. Deixe seu recado após o bip..." Incrível. Tudo estava acertado para uma entrevista telefônica com Stan Lee, mas seu número parecia estar enfrentando uma barreira mística. Pelos veneráveis poderes de Hoggoth! Isso me sugeriu alguma artimanha dos inimigos do Dr. Estranho. Nova tentativa. "Nelson e Murdock, advogados." Droga!

Talvez fosse um trabalho de Loki, o Príncipe do Mal, tentando se vingar do criador de seu odiado meio irmão. De repente, um relâmpago risca os céus, iluminando um funesto personagem num canto sombrio da sala. Ele disse: "Eu sou o Dr. Destino". Outro relâmpago sublinha sua apresentação teatral. Ele se aproximou. "Eu estou aqui para eliminar a existência do criador do Quarteto Fantástico". Minha memória biônica começa a funcionar: Quarteto Fantástico, grupo criado em 1961 por Stan Lee e Jack Kirby. Os primeiros heróis Marvel.

Sinto o toque metálico do Dr. Destino em meu pescoço. "Disque", ele ordenou. Desta vez, não houve enganos. "S-Stan Lee?", pergunte. A recepcionista do escritório da Marvel Entertainment Group em Los Angeles pediu um instante. Não precisava mais do que isso para a vida passar diante dos olhos. A vida de Stanley Martin Lieber, nascido na cidade de Nova York em 1922. Aos 20 anos, ele já era editor de quadrinhos (da Timely, a empresa que depois viraria Atlas e finalmente Marvel). Durante os anos 40, ele escreveu diversas histórias do Capitão América e de vários personagens que não se tornaram tão populares, como Young Aliens, Black Marvel etc. Mas foi a partir de 1961, com os artistas Jack Kirby e Steve Ditko, que o criador Stan Lee virou lenda. Dentre os personagens que surgiram de sua criativa imaginação estão o Quarteto Fantástico, os X-Men, Os Vingadores, Thor, Hulk, Homem-Aranha, Dr. Estranho, Homem de Ferro, Demolidor, Surfista Prateado etc. Foram mais de dez anos escrevendo roteiros para mais de dez revistas simultaneamente, sobre super-heróis frágeis, com problemas com garotas e considerados ameaças para a humanidade. Por tudo isso, ele é tido como o pai dos quadrinhos modernos.

Stan Lee falando. "O Dr. Destino ri. "Faça sua entrevista", ordena, conectando um estranho aparelho ao telefone. "Isso é uma arma capaz de seguir os impulsos telefônicos através do globo e... destruir!", explica. Eu não perguntei nada. O que eu pergunto agora? "Comece pelo início", explica Destino.

BIZZ — *Vamos começar pelo início. Como você se apaixonou por quadrinhos?*

Lee — *Well*... Na verdade, eu lia muito quando era criança. Eu adoro ler. Nunca pensei que fosse entrar no ramo dos quadrinhos por trabalho. Isso aconteceu por acidente.

BIZZ — *Como foi isso?*

Lee — Eu comecei a trabalhar numa empresa chamada Timely. Pensei que o emprego fosse temporário, embora eu realmente quisesse estar lá e escrever. Acabei permanecendo na companhia e ela se transformou na Marvel. Na verdade, eu ainda estou na empresa que me contratou quando eu era garoto.

BIZZ — *Você criou uma nova espécie de super-herói que destoava completamente do universo de superseres da época (1961-63). Essas histórias são clássicas, renderam vários prêmios... O que você acha das mudanças no seu trabalho original feitas pelos novos artistas da Marvel? Você acredita que o espírito continua o mesmo?*

Lee — *Well*... O espírito nunca é exatamente o mesmo. Quando um novo escritor assume um personagem, quer usar suas próprias idéias e seu próprio estilo. Se eu começasse a trabalhar sobre a criação de outra pessoa provavelmente faria o mesmo.

BIZZ — *Qual é o seu herói favorito?*

Lee — É difícil pra mim ter um favorito. Eu me divirto com todas as coisas que criei. Eu provavelmente acho melhor o Surfista Prateado, porque acabei de fazer uma nova história dele. Mas geralmente eu costumo dizer que é o Homem-Aranha.

BIZZ — *O Homem-Aranha é realmente um herói especial. Você sabe melhor do que ninguém o que o faz especial: sua fraqueza, azar... Suas primeiras histórias ainda parecem novas, e são de fato muito melhores que as atuais. Você não concorda?*

Lee — Eu certamente gosto das minhas histórias (*risos*). Mas talvez seja difícil manter um personagem interessante o tempo inteiro. Depois de um tempo não resta nada mais para escrever. Eu não sei. *You know*, as histórias que são publicadas hoje têm um tipo de graça diferente das de anos atrás.

BIZZ — *Existe alguém que você possa chamar de "o novo Stan Lee"? Quem está trazendo novas idéias e personagens aos quadrinhos?*

Lee — Eu... não... sei. Eu realmente não sei. A DC teve algo chamado *The Watchmen*, uma boa história, da qual gostei, com conceitos novos. Há novas idéias. Mas eu não vi ninguém que trouxesse tanta coisa nova quanto eu nesses últimos anos. Eu gostaria de poder responder a você (*risos*). Mas eu não conheço ninguém que tenha criado tantos personagens novos e tenha obtido tanto sucesso. Não sei quem citar.

Stan Lee nova autocaricatura, ao lado de um de seus heróis mais famosos: Capitão América. Acima, e na página anterior, o time de super heróis que balançou a garotada

BIZZ — *OK, esta é a resposta... E o que você acha do Novo Universo?*

Lee — Eu receio que não for tão bem-sucedido, foi?

BIZZ — *Não era uma tentativa de resgatar a velha substância da Marvel?*

Lee — *(seco)* Só que não funcionou

BIZZ — *Quais são suas atuais funções na Marvel?*

Lee — Estou aqui na Califórnia (o escritório central é em Nova York) desenvolvendo filmes, desenhos animados e projetos para a TV. Eu ainda escrevo algumas histórias ocasionalmente. Como disse, eu acabo de escrever uma aventura do Surfista Prateado. Mas na maior parte do tempo eu estou envolvido com filmes e televisão.

BIZZ — *Você não gostaria de voltar a produzir mais quadrinhos e criar mais personagens?*

Lee — Eu adoro escrever quadrinhos e criar personagens. Mas depois de passar tanto tempo fazendo isso, estou gostando de fazer algo novo. Mas acredito que em breve volte a fazer novos quadrinhos. Porque eu sinto falta disso.

BIZZ — *Em que filmes você está trabalhando agora?*

Lee — O primeiro a chegar nos cinemas é baseado num personagem chamado Justiceiro. O segundo será sobre o Homem-Aranha. Eu espero fazer um sobre o Homem de Ferro, Quarteto Fantástico e alguns outros. *(Os olhos de Destino brilham. Ele blasfema alguma coisa na língua laveriana.)* É difícil dizer, porque muitas coisas podem dar errado. Nós tínhamos um número de filmes que pensávamos que íamos produzir mas que no último minuto foram cancelados. Então, agora, eu não gosto de falar sobre eles até que estejam finalizados.

BIZZ — *OK... Qual é seu artista favorito?*

Lee — Eu não posso responder isso, não é justo, porque eu posso esquecer alguém importante. Posso mencionar os artistas com quem trabalhei: John Romita, John Buscema, Jack Kirby e Steve Ditko, *of course*. Hoje, há um artista francês chamado Moebius (Jean Giraud). , Ele fez a arte da minha história do Surfista Prateado. Eu trabalhei com tantos artistas! É realmente difícil ter favoritos.

BIZZ — *Como está a disputa entre Marvel e DC?*

Lee — Não há realmente disputa. A maioria das pessoas são amigas.

BIZZ — *Então nós podemos esperar outros crossovers como aquele entre Super-Homem e Homem-Aranha?*

Lee — *Yeah*, podem haver outros. Nós não realizamos muitos *crossovers*, mas sempre é divertido fazê-los.

BIZZ — *Aqui no Brasil há uma boa torcida pela realização de um crossover entre Batman e Demolidor, assinado por Frank Miller. Isso é possível?*

Lee — Oh! *(risos)* Eu não sei se DC ou Frank Miller gostariam de fazer isso, mas certamente é possível.

BIZZ — *Miller fez um ótimo trabalho com o Demolidor e especialmente com Elektra. Ele voltará para a Marvel?*

Lee — *Yeah*, eu gosto muito da minissérie de *Elektra* e espero ver mais trabalhos dele na Marvel. Mas eu não estou exatamente atualizado com o que está acontecendo no perímetro editorial. E não sei o que Miller está fazendo agora.

BIZZ — *Você criou os X Men. E agora os mutantes do professor Xavier se multiplicaram por seis revistas* (Classic X-Men, The Uncanny X-Men, The New Mutants, X Factor, Excalibur *e a minissérie* X Terminators). *Qual é a razão de tanto sucesso?*

> **"Basicamente gosto do que todo mundo gosta: novas histórias, boas idéias e personagens interessantes"**

Lee — *Well...* Eu acho que fazemos tantas revistas porque os fãs querem comprá-las *(risos)*. Acho que o sucesso atual dos X-Men vem das histórias de Chris Claremont. Ele tornou todos os personagens muito interessantes, desenvolvendo suas personalidades de forma assustadora.

BIZZ — *O que você acha dos quadrinhos adultos?*

Lee — A idéia de quadrinhos não é apenas para crianças. Isso não significa que nós queremos torná-los ternivelmente sexys e violentos. Adultos vão ao cinema, e quadrinhos são uma espécie de filme. A única diferença é que eles não possuem movimento. Pouco a pouco, estamos conquistando leitores mais velhos. Quadrinhos agora são encontrados em livrarias, coisa que não acontecia antes.

BIZZ — *Você tem lido o* Quarteto Fantástico? (Destino desconfia de algo e me aperta a garganta)

Lee — Não. Eu vejo as capas e é só. É muito frustrante pra mim lê-los, porque se eu ler e ver algo que não está certo ou algo que deveria ser consertado, eu não me sentiria confortável. Eu não quero começar a dizer às pessoas o que eu acho que está errado, especialmente por não trabalhar mais no escritório de Nova York.

BIZZ — *Ainda há lugar para o Capitão América dos dias de hoje?*

Lee — Eu lembro quando trouxemos o Capitão América de volta, 20 anos atrás, e todo mundo dizia que não havia mais lugar pra ele. E ele se tornou popular. Eu penso que sempre haverá lugar para o Capitão América nos Estados Unidos.

BIZZ — *O que você curte mais nos quadrinhos?*

Lee — *Well*... Eu gosto da inovação. Eu odeio ler sempre a mesma coisa. É como ver os mesmos filmes na TV. Isso me deixa doente. Basicamente, o que eu gosto é o que todo mundo gosta: novas histórias, boas idéias e personagens interessantes. *(pausa)* O Brasil é um grande mercado para histórias em quadrinhos?

BIZZ — *Sem dúvida. Quando você começou com a Marvel, pensou em ter, algum dia, histórias publicadas no Brasil?*

Lee — *(risos)* Não. Eu só pensava em escrevê-las boas o suficiente para manter o meu emprego.

BIZZ — *E como você se sente agora?*

Lee — Eu ainda tenho o meu emprego! *(risos)*

Olho Destino e vejo que seu aparelho está pronto para um grande destecho. De repente, a parede da sala se derrete. Chamas atacam o vilão, que ri sarcasticamente. "Eu esperava vocês", ele diz. A mesa onde está o telefone voa sem motivo. O telefone cai no chão. Subito, o prédio começa a tremer, como se alguém superforte estivesse erguendo sua estrutura. O aparelho mortal de Destino está em pedaços. Agarro o telefone. Stan está falando: "*I enjoy it*, Destino. "Vai ser a última coisa que você apreciará!" E deixa sua engenhoca. Estaria realmente quebrada? Alô, alô? Stan desligou. Ou ? Então, um braço elástico arrasta Destino para fora do prédio. Corro até o rombo na parede, mas ele já sumiu. O que houve? Será que ..? Não percam o desfecho nas bancas. Quanto a mim, ninguém vai acreditar nesta história. *Marcel Plasse*

STAMP

CAMISETAS
ESTAMPAS EXCLUSIVAS

MALHA ESPECIAL
AGORA TAMBÉM EM MANGA LONGA!
MODELAGEM GRANDE
100% ALGODÃO
TAMANHOS: P-M-G

PREÇOS
Manga Curta: Cz$ 4.200,00
Manga Longa: Cz$ 5.400,00
Preços válidos até a próxima BIZZ

Enviando Vale Postal ou Cheque Nominal a STAMP já com o desconto calculado, ganhe 20% de desconto.
Para enviar Vale Postal é só pedir ao correio e preencher da seguinte maneira, destinatário: STAMP AGÊNCIA PAGADORA.
Shopping Center Norte - CODIGO 403369 CEP 02096 São Paulo - SP. Coloque o pedido e o vale dentro do envelope.
Seu pedido será entregue na agência do correio mais próxima de sua casa.
Horário: 2ª a 6ª das 8:00 às 17:30 h. Tel: (011) 299 7478

Manga Curta
Manga Longa

EM SÃO PAULO VOCÊ ENCONTRA CAMISETAS STAMP NAS SEGUINTES LOJAS: WOP BOP
Rua Barão de Itapetininga, 255 - Lj. 25 - BOSSA NOVA: R. Sete de Abril, 356 - Lj. 12 - ROCK'N'ROLL: R. Nova Barão, 30 STUDIO 13: Shopping Center Norte - Lj. 201 - ERIC DISCOS: R. Artur de Azevedo, 1813 BACK SWEEP: Shopping Center Lapa - Lj. K1

PESADELO NA RUA CARROLL

O Sam Spade de saias Emily (Kelly McGillis, a amor impossível de Ford em A Testemunha) brinca de enfermeira com Cochran (o nada selvagem Jeff Daniels

Após o eficaz suspense de *Sob Suspeita*, Peter Yates retorna às telas com um thriller noir, *Pesadelo na Rua Carroll (The House on Carroll Street)*. Ambientado em plena década de 50, o filme recria a atmosfera da guerra fria e da propaganda anticomunista do macarthismo, que promoveu uma verdadeira caça às bruxas na tentativa de expurgar da cultura americana os seus elementos progressistas.

No meio da "limpeza" encontra-se Emily (Kelly McGillis), editora da revista *Life* em Nova York que é submetida ao banco dos réus por Ray Salwen (Mandy Patinkin), membro do Conselho do Senado intransigente e surdo a qualquer consideração.

Afastada da revista, a jornalista se emprega junto à idosa Srta. Venable (Jessica Tandy), moradora da Rua Carroll. Um dia Emily flagra na casa vizinha a sinistra figura de Salwen. Intrigada, inicia uma investigação, seguida de perto por um agente do FBI, Cochran (Jeff Daniels). Juntos, eles vão descobrir que os vizinhos da Srta. Venable são nazistas criminosos de guerra acobertados pelo governo americano.

Através da trama bem elaborada pelo roteirista Walter Bernstein, Peter Yates conduz a investigação da Rua Carroll com bastante eficácia no melhor estilo dos filmes noir dos anos 40, reproduzindo em Emily a figura do detetive Sam Spade e Philip Marlowe — dois personagens caros a Humphrey Bogart — mostrando sabiamente a independência de um e a elegância e romantismo do outro.

Mas a aproximação não seria exata sem as belas imagens de Michael Balhaus e a minuciosa reconstituição de época, inclusive no figurino. Kelly McGillis mostra-se convincente e natural no papel de Emily, apesar de não apresentar a mesma beleza de Rachel, seu personagem em *A Testemunha*, de Peter Weir. Enquanto Jeff Daniels compõe um agente federal de bons princípios, Mandy Patinkin carrega um personagem diabólico, daqueles que abraçam com uma mão e matam com a outra.

Mesmo sem se aprofundar sobre a conturbada época dos anos 50, o diretor consegue sugerir um clima de tensão na política interna americana, sutil o suficiente para prender a atenção dos espectadores. *Pesadelo na Rua Carroll* é um filme de olhares bem ao gosto do Alfred Hitchcock de *Janela Indiscreta*.

Eliana Thomé de Souza

QUERO SER GRANDE

Tom Hanks é uma das boas revelações de comediante de nova geração de Hollywood. Em *Quero Ser Grande (Big)*, da ex-atriz Penny Marshall que estreou na direção em *Salve-me Quem Puder*, Hanks dá um verdadeiro show ao interpretar um menino de 13 anos no corpo de um adulto, caracterizando a onda de troca de identidade que vem assolando o cinema americano, tais como *Big Business*, *Tal Pai, Tal Filho* e *Vice Versa*.

Quero Ser Grande é uma deliciosa comédia romântica sobre um menino que pede para crescer. Josh (David Moscow), a fim de conquistar uma colega de escola. O pedido é dirigido à Zoltar, uma estranha máquina de desejos, que o faz despertar com 35 anos (Tom Hanks) transformação que não afeta o psicológico, pois guarda no íntimo atitudes e pensamentos de um garoto de 13 anos. É aqui que Hanks mais se destaca.

A mudança física é tanta que a mãe o expulsa de casa, pensando tratar-se de um ladrão. Junto com Billy (o ótimo Jared Rushton), amigo íntimo e único a acreditar na magia, se engaja numa indústria de brinquedos, dirigida pelo simpático MacMillan (Robert Loggia), que o promove após notar sua paixão pelas "mercadorias" — ele não para de brincar. O fato desperta o ciúme de Paul (John Heard), que o considera um rival, principalmente quando a bela e ambiciosa Susan (Elizabeth Perkins, perfeita), se prende toda em seu charme.

Tom Hanks e Jared Rushton: corpo de adulto em cabeça de criança dá riso, confusão e boas risadas

Com uma direção precisa, Penny Marshall cria uma obra corajosa e alegre inspirada pelo bom roteiro de Gary Ross e Anne Spielberg (irmã de Steven). Se a primeira parte é graça e poesia, a segunda provoca o riso fácil com imagens bem elaboradas — atenção à cena do tecido na loja de brinquedos — mas estraga o delicado do comportamento infantil face a situações adversas, resultando num filme simples mas extremamente revelador.

Eliana Thomé de Souza

UM PRÍNCIPE EM NOVA YORK

O "rei" Eddie Murphy e o escudeiro Arsenio Hall

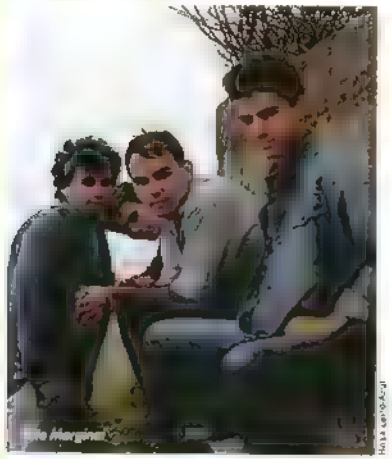
O velho tema do príncipe mendigo", constante em vários fabulários de diversas culturas, recebeu de Eddie Murphy uma releitura, senão brilhante, pelo menos simpática. Eddie há muito tempo tem controle soberano sobre o que faz nas telas e em *Um Príncipe em Nova York* aparece como co-autor do roteiro. O que não quer dizer que tenha escrito uma linha, mas confirma que tudo o que diz na pele do Príncipe Akeem recebeu seu enfoque completo.

A trama básica é idêntica à dos contos clássicos: enfadado com sua vida privilegiada de nobre, um príncipe decide conhecer, disfarçado, o mundo verdadeiro e nele procurar alguém capaz de amá-lo como pessoa e não como cabeça coroada. O ângulo curioso da versão é a fábula é que, agora, o reino africano e sua nobreza são negros de alguma distante, rica e pacífica nação africana sem revoluções, sem desigualdades sociais — possivelmente uma ex-colônia inglesa, onde o rigor da etiqueta britânica mistura-se ao *dolce far niente* tropical. E o mundo real em que o Príncipe Akeem (Eddie Murphy) e seu escudeiro Semmi (o comediante Arsenio Hall, vindo da TV) resolvem buscar a futura princesa é Queens, na Nova York dos dias de hoje.

Murphy tem um desempenho exemplar — pela primeira vez sem ironia e sem agressividade — e ainda se multiplica por vários papéis (Arsenio Hall menos brilhante, faz o mesmo). Ao espectador cabe a gostosa brincadeira de localizá-los entre as dobras cor-de-rosa desse conto de fadas moderno.

Ana Maria Bahiana

Por Sônia Maia Hagamenon Brito (Salvador), Lorena Calabria (Rio de Janeiro)



Distante das capitais da indústria cultural do país (Sampa e Rio), o rock continua enfrentando altas dificuldades em Salvador, uma cidade onde os veículos de comunicação — principalmente o rádio e a televisão — só têm olhos para as vertentes axé e axé, num processo monopolizante que fecha a porta para a pluralidade musical. Este fator mais que relevante (falta de apoio da mídia), aliado à pouca informação, faz com que raras bandas sobrevivam e criem limo nas pedras rolantes da estrada. E acabam acenando com maiores (será?) oportunidades no Sul Maravilha. Por todas essas razões é que duas novas bandas baianas já estão em São Paulo vivendo e disputando espaço para seus trabalhos. O Ramal 12 (Porão BIZZ 26) — formado há quatro anos por Claudio Lacerda (guitarra), Marcos Botelho (baixo), Macedo Marques (bateria) e Marcelo (vocal) — é uma das que não deixam a peteca cair. Suas principais armas são: boa técnica vocal e uma música que vai do funk ao reggae e beat. Já a Elite Marginal, formada pelos irmãos paulistas Arthur (vocal), Maico (guitarra), Heverton (baixo) e Luiz Marques (bateria) — em dois anos de vida conseguiu agitar Salvador com uma música cada vez mais segura e personal, mas cuja característica mais marcante é mesmo um speed dançante típico de uma *college band*. E novos baianos te podem curtir numa boa

Face Oculta

Na sede de encontrar novos talentos, abandonei o sol de um fim de semana na capital e fui curti-lo no interior de São Paulo — Assis. Lá haveria uma mostra de dez bandas locais e de cidades vizinhas, num evento que só ocorre uma vez por ano. Motivo? Falta de espaço. O único teatro que poderia abrigar shows e apresentações do tipo — diga-se de passagem possuidor de uma das melhores acústicas do Brasil segundo maestros renomados que por lá passaram — está nas mãos da Igreja. História a ser contada. O teatro São Vicente, construído na década de 40 por italianos experts no assunto e com capacidade para 700 pessoas, esteve para ser vendido a depósitos de pneus, supermercados ou a quem quer que o comprasse das mãos da... Igreja. O pequeno círculo cultural de Assis protestou junto à prefeitura e agora aguarda seu tombamento. Para se realizar shows nesse local, duas dificuldades: o alto custo cobrado pela... Igreja e a censura da mesma. Ou seja, não é qualquer atração que seus proprietários permitem. Vergonhoso!

Talvez seja justamente a falta de espaço nesse interior que leve a maioria das bandas a fazer covers de grupos brasileiros ou estrangeiros. O destaque, neste caso, vai para o Passe de Mágica (de Ourinhos), que toca bem para c* O baterista, Elcinho (guardem este nome), é um dos grandes talentos que descobri nesta investigação. Das dez bandas que se apresentaram, apenas uma é digna de nota — a Face Oculta. Originária de Paraguaçu Paulista, é formada por Wagner (bateria), Júnior (baixo) e Cido (vocal/letras/guitarra), que fazem um rock simples, gostoso e bem executado. Eles já tocam há mais de quatro anos. A banda mesmo existe há nove meses. Tímidos, subiram ao palco avisando que iriam tocar músicas próprias, temendo uma reação contrariada da platéia que tinha se divertido com os covers heavies de uma banda paranaense chamada Ozone. E ganharam o público. A surpresa mais grata foi a bela voz de Cido, coisa rara no cenário tupiniquim. As demais cometeram o sacrilégio de atravessar, desafinar e trazer estilos já desgastados. À exceção das já citadas, já estavam: Retrato de Nós (Assis), Banda Era (Ourinhos), Cia Ltda. (Assis), Donos da Razão (Assis), Cobra Criada (Assis), Uso Obrigatório (Coronel Procópio) e Combatentes da Bagada (Assis).

Publicações alternativas... Já faz mais de um ano que recebemos um jornalzinho muito bem-feito (e aparentemente bem distribuído), de Brusque (Santa Catarina), chamado *Contracorrente*. O assunto central é, claro, rock'n'roll. Redatores espertos, em cima dos fatos — na medida do possível —, o *Contra* vem crescendo a contar pelo aumento de publicidade a cada número. Interessados escrevam para a rua Rodrigues Alves, 180, sala 205, CEP 88350, Brusque (SC). Chega às nossas mãos, também, o primeiro número do fanzine/jornal *Delécto Crudélis* — que vem, com tradução *Deleito Cruel*. Jornal multicultural, com notícias sobre rock, literatura, cinema, discos, quadrinhos. Vale conferir. O canal de comunicação é em Brasília, pelo telefone 272-2685 ou 272-0976.

No Rio se falta espaço para as bandas novas se apresentarem, por outro lado proliferam as salas de vídeo, com uma programação disposta a atender aos mais variados apetites. Falando nisso, a quinta edição do FestRio já tem data marcada e sede nova: de 17 a 26 de novembro, no Posto Seis, praia de Copacabana. A grande vedete do anterior — justamente a mostra de vídeo — promete manter o nível, apresentando as últimas produções em videoarte, vindas principalmente da França, Japão e EUA, com sistema de alta definição. Isso sem falar das atrações musicais em forma de clips ou longa-metragens. Já que é a única chance de serem exibidas aqui, aproveite!

Para as próximas edições desta coluna, notícias quentíssimas de Porto Alegre — com sua anárquica e bem-aventurada produção —, Belém, Paraíba, Goiânia e, claro, as fitas que chegam até a redação, engordando a primeira gaveta da escrivaninha que abriga a máquina que vos escreve.

Delécto Crudélis

mortos-vivos
anões malignos
bonecas as-
sassinas
es-
paconaves per-
didas
gritos

CINE & VÍDEO
TERROR E FICÇÃO
OS FANTASMAS SE DIVERTEM
A MAIOR DO CINEFANTÁSTICO MAIS QUENTE DO QUE NUNCA VEM AÍ
PESADELO IV · A HORA DO ESPANTO II · A MALDIÇÃO DOS MORTOS-VIVOS. POLTERGEIST III · O PRÍNCIPE DAS SOMBRAS É MUITO MAIS!
GRÁTIS 8 POSTERS

Não perca
TERROR E FICÇÃO,
uma edição especial
de SET com o melhor do
cinefantástico. Não há de
faltar sangue, aventura,
ficção científica e
calafrios. Vá se arrepiar
na banca mais próxima

EDITORA AZUL

NEW ORDER

BLUE MONDAY

(S. Morris/P. Hook/B. Dickin/G. Gilbert)

Lançada em 1982, "Blue Monday" é o maior sucesso do New Order, o compacto de doze polegadas mais vendido na história da Inglaterra e sua programação de bateria eletrônica um marco no pop dos anos 80. Esta versão, que aparece no Flexi-disc desta edição — inédita no Brasil e intitulada "Blue Monday 88" — foi remixada por Quincy Jones, um mago de estúdio e produtor de Michael Jackson.

How does it feel to treat me like you do?
when you've laid your hands upon me
and told me who you are
thought I was mistaken
I thought I heard your words
tell me how do I feel
tell me now how do I feel

Those who came before me
lived through their vocations
from the past until completion
they'll turn away no more
I still find it so hard
to say what I need to say
to I'm quite sure
that she'll tell me
just how I should feel today

I see a ship in the harbour
I can and shall obey
but if it wasn't for your misfortune
I'd be a heavenly person today
and I thought I was mistaken
and I thought I heard you speak
tell me how do I feel
tell me now how shall I feel

Now I stand here waiting

I thought I told you to leave me
while I walk down to the beach
tell me how does it feel
when your heart grows cold

© Be Music (Dir. Adm. no Brasil por WEA Discos Ltda.) (Dev. Editorial)

SEGUNDA-FEIRA TRISTE

Como é a sensação de me tratar como você me trata?
quando você pôs as mãos em mim
e me disse quem você é
pensei que estava enganado
pensei ter ouvido tuas palavras
me diga como eu me sinto
me diga agora como eu me sinto

Aqueles que vieram antes de mim
viveram suas vocações até o fim
do passado até sua completação
eles não virarão mais as costas
eu ainda acho tão difícil
dizer o que preciso dizer
mas tenho total certeza
de que ela vai me dizer
exatamente como devo me sentir hoje

Vejo uma embarcação no porto
eu posso obedecer e obedecerei
mas se não fosse por sua infelicidade
estaria me sentindo divinamente bem hoje
e eu pensei que estava enganado
e pensei ter ouvido você falar
me diga como eu me sinto
me diga agora como eu me sinto

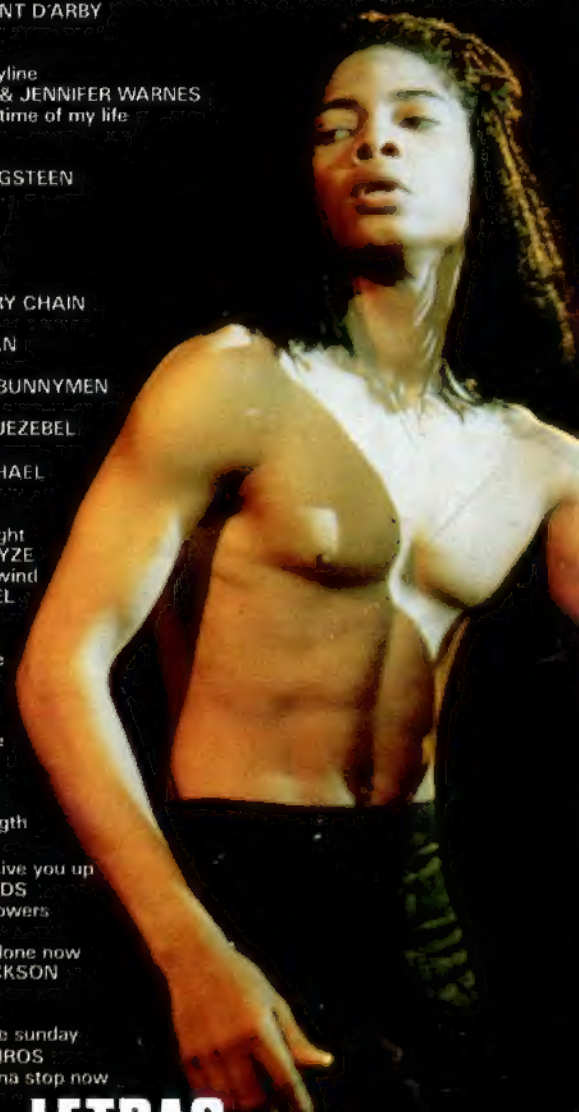
Agora estou aqui em pé, à espera...

Pensei que tinha dito a você para me deixar
enquanto desço a pé até a praia
me diga como é a sensação
quando esfria o seu coração

VOCÊ PEDIU, BIZZ TRADUZIU.

LETRAS TRADUZIDAS, uma edição especial com as letras mais solicitadas pelos leitores de BIZZ.

TERENCE TRENT D'ARBY
Wishing Well
A HA
Manhattan Skyline
BILL MEDLEY & JENNIFER WARNES
(I've had) The time of my life
BOLSHOI
Away
BRUCE SPRINGSTEEN
Tunnel of love
BRYAN FERRY
Kiss and tell
DAVID BOWIE
Modern Love
JESUS & MARY CHAIN
Darklands
DURAN DURAN
The reflex
ECHO & THE BUNNYMEN
New direction
GENE LOVES JEZEBEL
Desire
GEORGE MICHAEL
Faith
INXS
Need you tonight
PATRICK SWAYZE
She's like the wind
PETER GABRIEL
Biko
LEVEL 42
Lessons in love
U 2
Bad
UB 40
I got you, babe
DEF LEPPARD
Animal
THE MISSION
Tower of strength
RICK ASTLEY
Never gonna give you up
TALKING HEADS
Nothing but flowers
TIFFANY
I think we're alone now
MICHAEL JACKSON
Dirty Diana
MORRISSEY
Everyday is like sunday
GLENN MEDEIROS
Nothing's gonna stop now



BIZZ ESPECIAL

LETRAS TRADUZIDAS

NAS BANCAS

CARTAS

LEGIÃO URBANA: A TRIBO DEFENDE

É lamentável ver o que está acontecendo com o Legião, o quanto o público está distante da proposta da banda. A mensagem que o grupo tenta transmitir não é a da destruição, nem da baderna, mas uma proposta de conscientização dos jovens, de união para uma nova construção. Não desista, Renato. Grite e proteste por nós, pois atrás de você existe uma multidão de jovens famintos. **João Carlos, São Vicente — SP**

Fiquei abobada ao ler a seção de Cartas de agosto. Uma pessoa que realmente seja fã do Legião compreenderia perfeitamente o acontecido em Brasília. Onde você colocaria o seu profissionalismo, se tivesse garrafas sendo atiradas em sua direção, ou um macaco pulando em suas costas? **Luciane Santos, São Paulo — SP**

É muito fácil para os leitores dizerem o que viram sem procurar entender os motivos que levaram o Renato a fazer tudo aquilo. Será que eles deviam se arriscar a levar uma garrafada na cabeça? Será que Renato deveria ser estrangulado por aquele louco? Será que eles vão ter de responder pelos erros? **Cleanto, Goiânia — GO**

Trago aqui o meu protesto contra todas as pessoas que foram adversas à atitude do Legião Urbana diante dos incidentes ocorridos. Acho que elas não sabem o que é música, o que é rock'n'roll. Como o próprio Renato Russo disse, rock'n'roll não é showbiz. O caso é que existem pessoas que foram aos shows, conscientemente, para acabar com a festa, e não para sentir o que a banda tinha para passar. **Fabiane, Vinhedo — SP**

O único deslize cometido pelo Legião em Brasília foi realizar apenas um show, quando o ideal seriam dois ou três. Os maiores culpados mesmo foram a organização e o policiamento. Força sempre, legionários brasilienses. **Kleber Lage, Brasília — DF**

Até o fechamento desta edição, o número de cartas que chegaram à redação defendendo as atitudes de Renato Russo e banda já ultrapassava a casa dos quarenta. Infelizmente, não foi possível publicar todas. Fica aqui o registro da opinião desses leitores.

CRÍTICAS AOS CRÍTICOS

Embora muita gente pense que é o Pepe Escobar, a figura mais pedante da crítica de rock brasileira é o sr. José Augusto Lemos. Ele se julga uma espécie de doutor ou autoridade intelectual na análise do trabalho dos Talking Heads, Joy Division e outras bandas consideradas revolucionárias "de verdade". Talvez por ter tido acesso ao material importado antes dos pobres e comuns consumidores... Coisa de colônia, de país subdesenvolvido mesmo. E, se for pra discutir, a desculpa não serviu, já que, de qualquer maneira, os Paralamas chegaram na frente dos Talking Heads e estabeleceram a desconfortável comparação... Quanto ao Joy Division, a BIZZ 36 deveria ter vindo acompanhada de um maço de incenso, em vez de seu *Guia do Rock*, para ser queimado durante a crítica (?) e audições do sagrado LP. No mais, "abutre do óbvio" é o nariz dele. A história do Velvet Underground, de Celso Pucci, já é mais tragável, fazendo os fatos falarem por si mesmos. Ele só não disse que o primeiro LP do grupo foi lançado alguns meses depois de *Blonde on Blonde*, *Revolver*, *Freak Out*, *The Doors*... — marcos inovadores no mercado, tanto temática como musicalmente, após os quais se poderia esperar qualquer coisa em termos de depuração da linguagem do rock. E isso é devido em grande parte ao Velvet, o grupo que mostrou que os anos 60 foram mesmo da pesada. O único ponto conflitante, descontada a confortável origem elitista do grupo, é que sua "atitude agressiva, ousada e revolucionária" nunca resultou em risco pessoal (nem sequer uma única prisão) aos integrantes. Jamais tiveram ameaçada sua tranqüilidade ou a estabilidade dos belos óculos escuros colocados sobre suas faces... **Sérgio Domingos, Londrina — PR**

José Augusto Lemos responde: "Leitores inteligentes, informados e de espírito crítico são sempre bem-vindos. Se Joy Division e Talking Heads foram lançados no Brasil com anos de atraso, não é necessariamente por subdesenvolvimento, mas porque falta gente assim trabalhando nas gravadoras. Quanto ao high life, *não se trata de discutir se foi David Byrne ou Herbert Vianna quem chegou na frente. Simplesmente porque foram músicos africanos, como African Brothers Band e outros".*

Celso Pucci responde: "O fato de o primeiro LP do Velvet ter sido lançado alguns meses depois dos discos citados em nada desmerece o pioneirismo do grupo em um enfoque moderno do rock. E, segundo Andy Warhol, um intrigado Jim Morrison (ainda estudante de cinema) assistia ao show de estréia do Velvet em Los Angeles, nos idos de março de 66 (muitos meses antes?). E, ao que me conste, nem Dylan nem os Beatles passaram muito tempo em cana. Aliás, desde quando o número de prisões é critério de avaliação das atitudes revolucionárias de uma banda?

GUIA DO ROCK

Escrevo esta carta para dizer-lhes que gostei muito do *Guia do Rock* e para corrigir um erro que se encontra no mesmo. No verbete *Slide*, a *Slide Guitar* é citada como "adaptada especialmente para ser tocada com esta técnica"; segundo o guia, ela "é deitada em suportes, não tem corpo, só o braço". Ora, de acordo com o livro *The Slide Guitar Techniques*, o referido instrumento nada mais é do que uma guitarra elétrica comum tocada com um *bottleneck* de metal ou vidro. O termo *bottleneck guitar* ficou como referência a essa mesma técnica em seus primórdios, quando ainda se usavam apenas violões de aço. A tal guitarra "adaptada" descrita no verbete se aplica na *pedal steel guitar*, que também se utiliza de um cilindro, mas maciço, que escorrega pelas cordas. É muito ouvida em discos de country music (onde freqüentemente é denominada *pedal steel* ou *steel*). Esse erro é muito comum no Brasil, e acho que seria bom esclarecê-lo. **Tarcísio Moura, Belo Horizonte — MG**

Você tem razão, Tarcísio. Ao tentarmos definir o termo de uma maneira mais simples, cometemos uma imprecisão técnica.

CONEXÃO ANGOLANA

Sou um jovem angolano de 15 anos. No meu tempo livre, dedico-me à leitura de alguns livros, vou à praia, cinema e troco correspondência. Espero respostas do Brasil. **Antonio Fernando Mario, Apartado Postal 790, Forolda, Benguela — Angola**

Peço a vocês, se possível for, que publiquem o meu endereço, pois eu estou muito interessado em me corresponder com jovens do vosso país, para trocar dicas, revistas, postais etc. **João José da Silva e Sousa, Bairro M. de Kefengondo, 16, Casa 23, Luanda — Angola**

PEDINDO BIZZ

Compro as edições de BIZZ do número 1 ao 23. **Kátia Almeida, Rua Rosa Cruz, 258, CEP 31050, Belo Horizonte — MG**

Compro as BIZZ do número 0 ao 23. **Ana Paula Pereira, Rua São Corentino, 10, CEP 23595, Rio de Janeiro — RJ**

Compro a BIZZ número 9. **Renata Silva, Avenida Geraldo Inácio, 766, CEP 35170, Coronel Fabriciano — MG**

Compro as edições de BIZZ do número 1 ao 10. **Renato Momm, Rua Pascoal Simone, 285, CEP 88080, Florianópolis — SC**

Compro as BIZZ 2, 3 e 8. **Sabrina Rhodes Martins, Rua Ibiorara, 299, CEP 05005, São Paulo — SP**

Vendo toda a coleção da BIZZ, em ótimo estado. **Walter Severino, Vila Siqueira Campos, Casa 24, CEP 54000, Jaboatão — PE**

Vendo as edições de BIZZ do número 1 ao 31, menos os números 23 e 27. **Wágner Antônio do Nascimento, Rua 14, Casa 301, CEP 61940, Maracanaú — CE**

Vendo as BIZZ números 2, 3, 15 e do 18 ao 33. **Antônio Silva, Estrada do Corredor, 2415, CEP 08580, Itaquaquecetuba — SP**

Vendo a coleção de BIZZ do número 1 ao 28. Vendo também todas as *Letras Traduzidas* e os *Ídolos do Rock*. **Ana Maria Trigo, Rua Camerino, 128, 10.º Andar, CEP 20081, Rio de Janeiro — RJ**

Vendo as BIZZ do número 1 ao 31. **Antônio Santos, Rua dos Andradas, 1912, CEP 97500, Uruguaiana — RS**

FÃ-CLUBES

Engenheiros do Hawaii *Sopa de Letrinhas Fã-Clube*. Rua Almirante Marques Leão, 708, CEP 01330, São Paulo — SP

Joy Division *Fã-Clube Joy Division*. A/C Sidney, Rua Freitas Guimarães, 567, Apartamento 1601, CEP 11320, São Vicente — SP

RPM *Fã-Clube RPM A Estratégia do Caos*. A/C Paulo Eduardo, Rua Ida da Silva, 123, Casa 1, CEP 02066, São Paulo — SP

ERRATA

Na coluna Brasil, da edição ano 4, n.º 9 — matéria do Tonton Macoute, de Brasília — onde aparece Cláudio Otero (teclados) leia-se Cláudia Otero.

Lembrete para você, Assinante

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Abril-Assinaturas, rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, utilize estes telefones:

SÃO PAULO	Tel. (011) 823-9222 - Das 8h às 18h (ininterrupto)
RIO DE JANEIRO	Tel. (021) 295-5544 - Das 8h às 18h (ininterrupto)
RECIFE	Tel. (081) 224-0655 - Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h
SALVADOR	Tel. (071) 247-1022 - Das 8h às 12h e das 14h às 18h
BELO HORIZONTE	Tel. (031) 275-2255 - Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
PORTO ALEGRE	Tel. (0512) 33-9034 - Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30
BRASÍLIA	Tel. (061) 226-6963 - Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
CURITIBA	Tel. (041) 263-3013 - Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo, coloque-o num envelope e envie-o para
EDITORA ABRIL ASSINATURAS
rua do Curtume, 769, CEP 05065, Lapa, São Paulo - SP.

BIZZ 39

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço de 6 a 8 semanas após recebermos seu pedido.

Novo endereço ____
Bairro ____ CEP ____
Cidade ____ Estado ____ Telefone ____
Entrega | Roteiro

recorte aqui

MARVIN GAYE
***WHAT'S GOING ON* (1971)**

Quando, em 85, o *staff* do *NME* elegeu este "O Melhor LP de Todos os Tempos", houve alguma surpresa e nenhuma contestação. Afinal, a primeira coisa que se pode dizer sobre o disco é que nunca houve tamanha síntese — gospel, rhythm'n'blues, jazz e doo-wop na mútua fertilização de uma *soul music* 24 quilates e 1 001 filigranas.

Marvin Gaye atravessara a década de 60 como um curinga no celeiro/linha-de-montagem da Motown — além de gravar como cantor, participava aqui e ali como compositor, arranjador, produtor e instrumentista (além de piano, toca bateria em vários dos *hits* das Supremes). Todos os contratados da gravadora tinham, porém, de se encaixar no rígido molde de pop ditado e concebido por Berry Gordy Jr. Do repertório ao vestuário, passando por aulas de dicção e "boas maneiras", todas as "arestas" de negritude eram aparadas em nome de um romantismo platônico e doce (mas nunca meloso). O transe carnal dos blues e espiritual do gospel ainda estava lá, mas em baixíssimos teores.

Com essa fórmula, Gordy — tendo iniciado seu selo independente a partir de sua loja de discos — tomou conta das eletrolas e radinhos de pilha do universo. Pop clássico, eterno — mas uma camisa-de-força para talentos como Marvin Gaye e Stevie Wonder, cujo potencial só seria revelado no começo dos anos 70, quando conquistaram sua autonomia dentro da gravadora.

What's Going On foi a primeira batalha ganha nessa guerra e custou todo o cacife do cantor. O lançamento atrasou alguns meses porque a Motown não queria editá-lo de jeito nenhum, alegando que as músicas (a) eram longas demais; (b) não tinham começo, nem meio, nem fim; (c) não falavam de "amor", e sim de religião, política, drogas, ecologia. Marvin ameaçou não gravar mais uma nota sequer pela gravadora, e fez pé firme. Ganhou, estourando a banca. Três das faixas — a título, mais "Mercy Mercy Me" e "Inner City Blues" — viraram *hit singles* e, até hoje, as vendas do LP somam oito milhões de cópias só nos EUA.

Venceu, assim, a visão de um gênio que confessou ter passado a segunda metade dos 60 atormentado com a "irrelevância" do que estava gravando, diante da revolução de consciência que ocorria no mundo e do surgimento do selo Stax, afiando todas as arestas que a Motown limara. Dirigindo-se, desde os primeiros sulcos, aos "brothers" e "sisters", Marvin compõe um manifesto panorâmico da vida no gueto — pobreza, violência e drogas — antes de atacar as "questões universais" que tinham arrepiado a diretoria da Motown.

Musicalmente, não existe nada mais doce. As faixas se interligam numa só levada, lânguida e hipnoticamente esticada numa espécie de suíte. Tudo flui numa textura de cordas e metais que Paddy McAloon, do Prefab Sprout, definiu como "Mozart de patins". Marvin não escrevia, mas contornou o problema gravando fitas e fitas assobiando as frases dos violinos, transcritas então pelo regente/orquestrador David van DePitte. Produzido pelo próprio cantor, o disco exibe uma maestria instrumental certamente assimilada no trabalho com Norman Whitfield, que um dia ainda será reconhecido como um dos maiores gênios da música do século XX. Sua entrada na Motown como compositor/arranjador/produtor redefiniu o pop como marca registrada da gravadora, principalmente com os Temptations. Com Marvin, desenvolveu o monumento "I Heard It Through the Grapevine", o que já bastaria como credencial. Em *What's Going On*, porém, Marvin mostra que já não precisava dele, nem de ninguém. Os vários canais de gravação são utilizados num show vocal, algo como um grupo doo-wop de um homem só, em contracantos e harmonias que talvez só Sam Cooke poderia igualar, houvesse em sua época tecnologia para isso. *J.A.L.*

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Eduardo Mendonça
Editores Assistentes: Bia Abramo, Sônia Maia
Assistente de Redação: Marisa Adán Gil
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Deise Bilinas
Diagramadores: Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidoval Heredia

Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Escobar (Milão), Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Celso Pucci, Dilson Gomes, Eliana Thome de Souza, Fernando Naporano, João Gabriel de Lima, Jose Augusto Lemos, Jean Yves Neufville, José Geraldo Coutin, Leopoldo Rey, Lorena Calabria, Marcel Plasse, Marcos Smirkoff, Tarik de Souza, Walter Silva
Arte: Angelo Asson, Cesar Togashi
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Caetano Eurico Sato, Kid, Marcelo Faustini, Mila Maluhy, Ricardo Siqueira, Rui Mendes, Z. Vivanco
Revisão e Preparação de Texto: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Liege de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
SP-Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Arthur de Oliveira Neto, Gilberto Newton da Silva Oliveira, Maria do Carmo Barbosa, Márcia Andrade
RJ-Gerente: Getúlio Torres
Contato: Lúcia Camarate
Produção Gráfica-Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. B. Botelho

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Barons. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165, Phone (00212) 557-5990/5963, Telex 237670, Fax (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone (00331) 42 66 31 19, Telex 660731 ABRILPA, Fax (00331) 42661399.
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Aura Rosas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Marinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Meandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Promoção: Sonia M. Amaral

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Meandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 177, tel. (011) 826-6777, CEP 01139, Caixa Postal 60081, CEP 05099, Telex (011) 29070. **Telegramas:** Editora Abril. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 125, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674, Telegramas: Editora Abril. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varela, Azinhaga dos Ferreiros, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Cr$ 9 600,00 à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente pago correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTNs verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 02. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuição com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

WEA
APRESENTA

RELIGIO

O NOVO DISCO
DOS

HERÓIS
DA RESISTÊNCIA

UM LP QUE TRATA DO AMOR, DO OCULTO E DO SILÊNCIO.

EM DISCO E FITA

wea

THE ROBERT CRAY BAND

Don't be afraid of the dark

Jé var fofar.

PolyGram